

# FUTURO do PRESENTE



VERACRUZ

CONTOS | 2ª série – Ensino Médio

# FUTURO do PRESENTE



VERACRUZ

**CONTOS** | 2ª série - Ensino Médio

**Direção Geral**

Heitor Fecarotta

**Direção de Gestão**

Marcelo Chulam

**Direção Pedagógica**

Regina Scarpa

**Coordenação**

Ana Bergamin

**Futuro do presente** – Contos – 2ª série 2021 – Ensino Médio

**Organização:**

Luiz Venâncio Rodrigues Aiello  
(Professor de Redação)

**Professora Orientadora da 2ª série:**

Lilian Spalding Degani

**Psicóloga Escolar:**

Maria Teresa Mendes de Oliveira Lima

**Edição, revisão e projeto gráfico:****Ilustração de capa:**

Clara Marin

**Ilustrações:**

Todos os contos ilustrados tiveram suas imagens elaboradas pelos seus autores.

São Paulo, outubro de 2021

# Sumário

Autores	6	Assim né	61
Prospecção do que vem, reflexo do que vai (prefácio)	8	Estripador de Gnomos e Gnometes	62
Elefant in the Room	10	A casa dos prazeres	64
É Aqui Que Acaba	12	O inimigo agora é outro	66
Corrida que não se vence, se conta	15	Modernidade ou fatalidade?	68
Corrida atemporal da sobrevivência	17	Hambúrguer vs. o apocalipse	70
Amor Ardil	19	Mamão com açúcar a vida não é!	73
O sobrevivente	22	Toco	75
Tic-Tac	26	A felicidade da infelicidade	77
Diálogo de seres vivos	29	O dia em que ele chegou	80
Mo?..Mo?..Ni?..Ca?	31	Solidão	82
Andar parado	33	Amor Impossível	84
O fim	35	Ontem o pai brigou com ele	86
Tomara!	37	Revolução Cultural	87
A vista de uma Europa Confort Celite	39	Sobrevivência	90
Últimos momentos	41	A Chuva	92
A Colisão	43	Acre	95
Conto Pós-apocalíptico	46	Maquinário	97
As novas máquinas	48	Parasitas invasores alienígenas	99
Um pé após o outro, me movimento	50	War	100
Diabt-19	53	Vinho	103
Até que a morte nos separe	56	Tommy	105
Sem fim	58	Cotidiano	107
1999	59	Mark	109
		Um conto sobre o fim do Apocalipse	112

À Procura	115	O dia que o chá dominou o mundo	165
Jacaré	117	Tudo muda em uma noite	168
Pós-apocalipse	120	A última descoberta	170
O mundo da maionese	122	Odisseia quarentenária	173
O Sonho de Zinho	124	Apocalipse Zumbi	175
O Medo da Solidão	127	Fim de relacionamento	177
O combate das colônias futuras	129	A última batalha	179
Robson	133	Sete anos desde o desastre	182
Novamente, e talvez diferente	135	Perdidos no espaço	184
Partes da vida de amor	138	Ser herói	186
A Minha Vida Delas	140	Akinavírus: delírio ou intuição?	188
Seleção Natural	142	Irmãs Whillers	190
O milagre da Flor	145	Tommy	195
O planeta cinza	147	Juca: um lutador	197
Estranhamentos em um apocalipse	149	Almoço em casa	199
A Escolha	151	Culpa do homem que comeu o morcego	201
Hortênsias e Rosas	153	Leão	203
Uma jornada pós-apocalíptica	155	Uê? Cadê a comida?	205
Ragnarok	158	O homem que era feio por fora e não muito bonito por dentro	208
A angústia da subida	160		
Layga	162		

# Autores

## A

André Villela 64  
Antonio Monteiro 129  
Arcanjo Gonzalez 41

## B

Barbara Borklian 77  
Bruna Bittencourt Vieira 39

## C

Caio Alzugaray 66  
Caio Solimeo 133  
Carolina Constantino 43  
Clara Ferla 80  
Clara Giorgi 135  
Clara Marin 12  
Clara Peralta 56

## D

Diego Aragão 87

## F

Felipe Iezzi 90  
Felipe Pettenatti 92  
Fernanda Caló 29  
Fernanda Ponce 203  
Fernando Nassar 208  
Francisco Almeida 22

## G

Gabriel Curioni 138  
Gabriela Leão 35  
Gabriela Oliveira 48

Gabriela P. Grego 50  
Graziela Vaz 153  
Guido Oda Mercadante 155  
Guilherme Olmos 158  
Gustavo Fernandes Sales 205  
Gustavo Borguetti Horn 26

## H

Heloísa Valsi 160  
Henrique Castilho 165  
Henrique Teixeira 162

## I

Isabela Braga 168  
Isabela Schultz 62

## J

Joana Machline 140  
Joana Pestana Hubner 59  
João Cunha 170  
João Citino 173  
Jorge Chiesa 177  
José Ribas 179  
Julia Basile Fuchs 37  
Julia Braga 145  
Julia Caminada 73  
Julia Citino 147  
Julia Dourado 75  
Julia Novelli 58

## L

Larissa Markovna Rozhansky 105  
Larissa Markovna Rozhansky 195

Laura Murachovsky 184  
Laura Villela 182  
Leo Pupo 31  
Liam Flauzino 103  
Luca Krausz 19  
Luigi Cuoco 186  
Luiza Costa 82

## **M**

Manuela d'Ercole 190  
Manuela Valente 188  
Maria Bertocco 142  
Maria Vitória Vieira 100  
Mariana Lamas 15  
Mariana Peixoto 201  
Marina Checchia 17  
Marina Engel 70  
Marina Machado 107  
Marina Salomão 10  
Martim Blum 68  
Matheus Galvão 199  
Matheus Gowdak 197

## **P**

Paola Taddei 151  
Pedro Barenco 149  
Pedro Brandão 122

Pedro Cruz 175  
Pedro Cunha 124

## **R**

Rafael Rezende 117  
Rafael Trinca 86  
Renan Tobará 112  
Ricardo Fernandez Filho 115  
Rodrigo Lerner 84  
Rodrigo Wright 120

## **S**

Sebastião Luna 109  
Sofia Byington 33

## **T**

Tayná Nardelli 61  
Tayná Nardelli 99  
Theo Boechat 97  
Thiago Pagotto 127  
Thomas Bortman 95

## **V**

Vitor Pizolio 46

## **Y**

Yasmin Sandoval 53

# Prospecção do que vem, reflexo do que vai (prefácio)

*Gabriela Leão*

(aluna da 2ª série do Ensino Médio e uma das autoras participantes do livro)

Como é possível traduzir em palavras a catástrofe mundial que silencia o mundo, deixando-o em luto e sem palavras? É possível fazer poesia em cima do caos? Como compor histórias da própria História? De que modo dissertar sobre algo que ninguém antes vivenciou e, portanto, ninguém pode ao certo explicar?

A pandemia trouxe uma incerteza de proporção imensurável para aqueles que estão no período mais questionador e inseguro de suas vidas: os adolescentes. Estes, assim como todos que enfrentaram o momento pandêmico, foram reclusos em seus próprios cubículos chamados de quartos e tiveram que estar ainda mais perto de suas raízes (pais e familiares) e ainda mais próximos de si mesmos, de seus próprios reflexos, de seus próprios espelhos. E isso pode ser um tanto quanto pavoroso e angustiante para alguns.

Neste período da vida, as mais variadas dúvidas sobre o futuro aparecem e nós, adolescentes, somos tomados por questionamentos interiores e exteriores que nos fazem refletir sobre nossa identidade, essência e propósito. As incertezas sobre o vestibular aliadas aos sonhos pausados em virtude da pandemia causaram um empate, uma indecisão e uma ambiguidade ainda maiores sobre o que o futuro guardava.

O que tiramos desse momento traumático e aflitivo foi que mesmo que tenhamos esta vontade humana de estar com controle de tudo e decidir precisamente o que queremos, faremos e idealizamos, o futuro é incerto e mesmo que queiramos prospectá-lo, neste momento delicado que o mundo experimenta, o que nos resta

é a experiência. A experiência de estar no nosso próprio lar, que é não apenas nossa casa, mas também, o nosso eu.

“O futuro do presente é um tempo verbal o qual enuncia um fato que deve ocorrer num tempo vindouro com relação ao momento atual”; e justamente por isso, a escolha do nome para nosso “grande desabafo” que é nosso próprio livro de contos, uma vez que neste momento, o que mais queremos como adolescentes é sermos escutados e soltar o que estamos guardando aqui dentro (literalmente). Durante o primeiro semestre, nós alunos do 2º ano abraçamos o desafio de transformar vivência e reflexão em histórias criativas, humorísticas, pessoais, fantasiosas, críticas e até mesmo apocalípticas.

A relevância temática desse aglomerado de escritas é seu caráter sensível de perceber o mundo que nos rodeia. Dentre os contos, temos “A vista de uma Europa Confort Celite”, de Bruna Vieira, que nos mostra do ponto de vista de uma banheira as infinitas sensações despertadas ao perceber o outro; “Até que a morte nos separe”, de Clara Peralta, traça, do ponto de vista da filha, de modo poético e sucinto, a separação dos pais; “As novas máquinas”, por Gabriela Swif, nos faz entrar em contato com o universo robótico que controla os indivíduos, gerando um questionamento à existência; e o meu favorito: “Tomara!”, de Julia Fuchs, questiona a fé no Ser superior, Deus. Nele, pessoas são vistas com base no que acreditam e começamos a nos perguntar: mas o que de fato é crível?

Esses são apenas algumas das diversas narrativas literárias escritas por estes adolescentes, as quais refletem sobre o que está em suas cabeças pensantes neste momento de introspecção. Tratam-se das companhias que tivemos mais presentes conosco nos últimos tempos. Boa leitura a todos!

**Prof. Luiz Venâncio Aiello (Redação)**



## ***Elefant in the Room***

*Marina Salomão*

A casa caiu. Depois que a casa caiu, eu decidi deixar a casa vazia. Mesmo quando batiam na minha porta, eu não atendia. Não dava pra deixar ninguém entrar por causa desse elefante que ficava na minha sala. Por um tempo, eu ignorei e fingi que ele não existia, mas a casa era muito grande só comigo, então eu passei a encher a casa de coisas. Uns livros pra fingir que eu era intelectual, uns discos de vinil pra fingir que eu tinha cultura, e fiz até um escritório pra fingir que eu fazia coisas e trabalhava.

Aí, certa vez eu olhei no espelho e aquela porra de elefante tinha tirado o meu rosto. Que ótimo. Foi aí que eu fiquei puta e eu tentei tirar ele de lá à força. Chutei, gritei, soquei, mas nada deu certo, não ajuda que eu sou mais fraca que um pedaço de grama e miúda que nem um Smurf, tinha mais partes vazias da minha casa, então decidi colocar uma esteira e uns pesos também.

Cansei e tentei ignorar de novo. Tentei aproveitar as coisas que eu tinha colocado na minha casa, mas eu odiava o tempo que passava com elas, só me faziam lembrar do silêncio. Logo quando eu passava a odiá-las, elas desapareciam. Parei e, como a força não tinha funcionado, tentei a argumentação.

Eu ofereci qualquer coisa, qualquer coisa pra sair logo da minha casa e ir incomodar outra pessoa, mas o elefante só olhou para mim. Depois que eu fiquei sem nada para falar é que ele falou: "Nunca mais vou embora, vai ser assim de agora em diante". Me exaltei. Para de tirar as minhas coisas! É sua culpa que eu estou sem rosto, é sua culpa que tudo tem que ficar vazio! Ele ainda olhava pra mim, quieto e me olhando de um jeito que eu não entendia. Desisti.

Tranquei as portas da sala. Ela dava para porta da frente que eu não ia usar de qualquer jeito, assim eu nem ia ter que ouvir as batidas. Fui para as salas vazias e lá fiquei por um bom tempo. Era solitário, mas seria solitário em todos os lugares. Eventualmente, as salas ficaram escuras. Não me importei.

Demorei um tempo até que eu percebesse que eu não conseguia ver as minhas mãos porque elas não estavam mais lá, que nem meus braços, pernas, torço e cabeça. O pânico que eu devia ter sentido não chegou, mas devia ter chegado, não é? As salas eram maçantes, eram um nada, que nem eu era agora. Decidi voltar pra sala com o elefante, porque aquela sala definitivamente não era um nada.

Entrei e achei a sala do elefante. E lá estava ele, ainda me encarando. Me senti derrotada. Eu nunca ia me livrar dele ia? Ele me disse que não. Perguntei se isso significava que eu nunca mais ia ver ninguém. Ele falou que a casa era minha, e perguntou por que eu não tinha saído antes. Era culpa dele. Depois ele me perguntou se eu sabia por que ele estava lá. Sim. Ele veio depois que a casa caiu. Não era por isso que eu não queria sair? Respirei fundo. Sim. A última coisa que ele me falou era que eu tinha a chave da porta.

Olhei para a porta. O elefante ia estar comigo de qualquer jeito. Olhei para a porta de volta as salas escuras, mas ouvi uma batida na porta. Elas estavam menos frequentes, mas ainda estavam lá. Coloquei a mão na maçaneta. Ela estava gelada. A chave também estava gelada. Ouvi um barulho satisfatório da porta destrancando. Quando tirei a chave, uma luz que eu não via fazia meses saiu do buraco da fechadura. Eu sentia o brilho nos meus olhos. Eu sentia os meus olhos pela primeira vez em meses. Abri a porta.

# É Aqui Que Acaba

*Clara Marin*

“Téo, é bom que seus cálculos estejam corretos, ou vai explodir na nossa cara”, foi o que sussurrei para o garoto ao meu lado, que segurava em suas mãos o botão da bomba que redefiniria o destino dos sobreviventes restantes. Mas era necessário que se esperasse um pouco até que fosse possível acionar o equipamento. Meu nome é Vivian Pereira, e vivo no que restou do Brasil.

Em 2023, ocorreu a terceira mutação do Corona Vírus, mais forte e mais poderosa. Ela devastou o globo aniquilando toda a população acima dos vinte anos de idade, e aos contaminados abaixo dessa idade, deixou mutações como consequência de contaminação, variando entre a manipulação dos elementos e o controle de mentes. Com o tempo, percebeu-se que assim que os contaminados atingiam vinte anos de idade, acabavam morrendo, o que levou ao total caos da sociedade.

Das cinzas do antigo governo, surgiu uma organização misteriosa que atendia pela sigla P.S.I e que logo tomou as rédeas de nosso país, dividindo a população a partir dos dezoito anos em duas categorias: Animadores ou Acadêmicos; e que propagava ser capaz de encontrar uma cura se lhe fossem dados os meios.

Os Animadores tornaram-se responsáveis por toda mídia e entretenimento que se poderia imaginar para que o povo ficasse feliz. Os canais funcionavam o dia inteiro, e era divertido trabalhar lá enquanto a fantasia durou.

Já os Acadêmicos eram o grupo de pesquisadores que assumiram tudo. Pesquisas, bancos, organização social, controle alimentícios... não importava o que eles tomaram para si, trabalharam para que uma nova sociedade prosperasse.

Ano passado, meu primeiro ano trabalhando junto aos animadores, e meu segundo contaminada, conheci meu melhor amigo, Teodoro Alves, ou como ele gosta, Téó. Ele havia trazido o relatório de dados para ser transmitido no jornal da tarde, e precisava que eu entrasse no escritório e deixasse para meu superior. Ele disse que eram segredos de estado e ninguém poderia olhar até que fosse necessário.

Chegando lá, fui guardar os papéis na gaveta destinada, mas a tela do comunicador estava ligada. Não resistimos à curiosidade e lemos. Eram novos dados avisando que eles já haviam conseguido isolar o vírus e que estavam prontos para os testes. Havia também um cheque com uma margem de valor muito maior do que o esperado para um administrador televisivo. Em algum momento entre a porta abrir e estarmos cercados de seguranças, eu produzi uma ventania forte o suficiente para que acabássemos escapando.

Os próximos meses como fugitivos foram uma bagunça. Descobrimos que a organização era uma fachada e que queria, junto com as bases ao redor do globo, tornar o vírus uma arma de contaminação em massa, ao mesmo tempo em que desviava parte do capital obtido para algo próprio, conseqüentemente vivendo em um luxo inimaginável.

Essa fora nossa vida até mês passado, quando encontramos um grupo de assassinos profissionais que havia sido contratado para explodir a sede principal da SIP. Téó e seu raciocínio perfeito depois de pensar muito achou que o melhor que podíamos fazer era ajudá-los; os lábios cheios com um sorriso enorme, como sempre fazia ao encontrar uma boa solução.

Isso nos leva de volta a esse exato momento, com uma bomba de alta potência plantada na sede, eu e ele escondidos atrás de um local seguro e a esperança de um futuro em nossas mãos.

Um barulho de explosão.

Uma nuvem de cacos sobe ao ar, fogo se espalha, gritos tornam-se presentes e o caos na terra começa.

O fogo aumenta rápido depois que a base do prédio cede e cai, esmagando uma área grande presente ao redor.

Mais gritos.

Téó e eu atiramos nas pessoas que não morreram pela explosão. Desviando de balas, ajuda com correntes de ar e algumas ventanias.

Os homens resistem, mas em algum momento começam a cair de número.

Um barulho de tiro.

Ao meu lado, Téó tem uma mancha vermelha em sua pele escura. Ela se espalha, para meu desespero.

Logo mais pessoas se juntam a nós enquanto o prédio cede. O primeiro de muitos.

- Nós conseguimos – ele sussurra quase fechando os olhos.
- Você vai comemorar comigo, não ceda agora.
- Eu não vou – ele tosse.
- É bom mesmo – seguro sua mão.

Mas conforme o tempo passa, ninguém chega. Em algum momento, eu percebo que estou segurando um cadáver. O prédio fora dizimado, mas ninguém veio nos socorrer nos destroços. Era tudo uma armadilha. Mas não é aqui que isso acaba.

# Corrida que não se vence, se conta

*Mariana Lamas*

Na linha de largada, partindo todos juntos do mesmo ponto. Comecei na frente, tremendo com medo de perder, correndo muito rápido, afinal a vantagem traz a vitória. Maratona de gente pequena, só doze anos, perninhas curtas e desajeitadas, parecendo patos quando se moviam muito rápido. Lembro com detalhes dos momentos, das sensações, do nervosismo, só o dia que me falta em mente. Era situação sem controle, o tempo marcado no relógio passava cada vez mais rápido e eu me sentia cada vez mais lenta, e deslocada. Os outros competidores se aproximavam, acelerando, atropelando toda sincronia que tínhamos. Tudo muito próximo: o suor, os rostos, os passos, até o nervosismo se pegava no tato.

A gritaria no fundo, a mão gelada na minha cintura e a vontade de rir não permitiam o foco. Fiquei ofegante, depois de percorrer uma distância tão longa para a minha tão desajeitada postura. Eram muitas variáveis para controlar; eram momentos em que eu senti a verdade de tudo aquilo que ouvia, de todas as vozes experientes em que confiava, era realmente o percurso mais rápido, e com mais imprevisibilidade que eu já tinha percorrido.

Parecia uma corrida de minhocas dentro da minha boca. Cara de confiança, para não perder a postura, controlando a voz na minha cabeça que gritava de desespero e de alegria. Tentava muito ganhar a competição, mas não tinha como, eu estava muito para trás na corrida. Veloci-

dade de uma máquina de lavar! Eu não tinha como alcançar. Eram 30 segundos, meio minuto de lavagem completa, não que eu tenha pedido por ela. Duas línguas apostando corrida, tentando se manter na pista. Tudo se aproximando, tentando achar o mínimo de conforto fosse possível. O corpo, por inteiro, em contato, apegado, apegado um no outro, entrelaçado da forma mais esdrúxula.

No fim, fiquei no pódio, entre as melhores corredoras, afinal, eram 2 competidores que queriam o mesmo resultado.

# Corrida atemporal da sobrevivência

*Marina Checchia*

Eu termino meu dia estressante como cirurgião, como sempre.

Eu desligo meu celular. Eu me deito na minha cama, pronto para descansar, como sempre.

Eu só queria relaxar e deixar a mente fluir, como sempre desejado.

Agora são três da manhã, eu me levanto e me olho no espelho do quarto, como sempre.

Droga. Isso ainda está aqui, como sempre.

Isso está atrás do reflexo do meu ombro direito, e Isso está me observando, e Isso é um fantasma. Não era para Isso estar atrás do reflexo do meu ombro direito. Não era para Isso existir.

Tudo bem. É só cobrir os espelhos. Eu cubro todos os espelhos, terminando com o espelho do banheiro.

Tudo bem.

Não.

Droga.

Eu terminei com o espelho do banheiro. Logo do banheiro. Esqueci da loira. Isso é um fantasma e isso se transforma na loira do banheiro. Ela me chama três vezes. Não era para ser o contrário? Não era para isso não existir? Não importa. Eu preciso pensar.

Pensa-pensa-pensa-pensa-pensa-pensa-penso-penso-penso-penso.

Pensei.

Tranco a porta e saio correndo. Ela está trancada, e eu estou fugindo.

Tudo bem.

Não.

Droga.

A porta é derrubada. Ela se soltou, e ela está vindo atrás de mim. Agora com raiva. Com tanta raiva que seu cabelo começa a ficar vermelho de raiva.

Seu cabelo fica vermelho de raiva e branco como neve. Sua cabeça aumenta, sua cabeça com seu cabelo vermelho e rosto branco.

Isso que era um fantasma tinha se transformado na loira do banheiro. E isso que era a loira do banheiro se transforma em um palhaço assassino. Ou será... a Rainha de Copas? Não importa, não era nem para isso existir fora de um filme. E isso está vindo com seu cabelo vermelho de raiva atrás de mim. CORTEM-LHE A CABEÇA!, eu ouço. Isso é definitivamente a Rainha de Copas. Eu preciso correr.

Corre-corre-corre-corre-corre-corro-corro-corro-corro. Corri.

Tudo bem.

Não.

Droga.

Não foi suficiente.

Isso está quase me alcançando. Isso está se aproximando. Isso está cada vez mais próximo de mim. Isso me alcançou.

Droga.

A sirene toca. Mais alto. Mais ALTO. MAIS ALTO.

Ah. Ufa.

Tudo bem.

São seis da manhã.

Não. Droga. Já tenho que me levantar.

# Amor Ardil

*Luca Krausz*

\*Meu alarme toca\*

Eu acordo atordoado, levanto da cama e vou para o banheiro, 7:30, fo\*\*eu. Logo em seguida ouço um grito:

— Roberto! Você está atrasado!

Pego as minhas coisas desesperadamente, e sem olhar para trás, eu desço correndo e entro no carro. Olho para a minha mãe e ela está tão preocupada quanto eu:

— Você está louco quer perder mais um dia de aula?

— Desculpe, meu sonho estava muito bom.

— Devia mesmo, eu nunca te vi acordar tão tarde.

A viagem continua e eu tento pensar no sonho que tive, entretanto não consigo lembrar de muita coisa, somente eu, o Alan, o Caio, e o Michel em uma festa, aparentemente, mas não ligo muito, coloco meu fone e começo a ouvir música. Chego na escola e por um milagre, o sinal ainda não tinha tocado, e a primeira coisa que vejo é o Michel, a gente se dá um salve, ele chega para mim e diz:

— Ou 'bob', eu o Alan e o Caio estamos querendo ir para uma festa, quer vir junto? Desta vez vai ser a sua chance de conseguir conquistar uma mina.

— Bora eu topo, quando vai ser?

— Sexta.

— Beleza.

Agora, penso, ca\*\*lho um déjà—vù, será que vai ser desta vez, da última não deu muito certo, mas tem que ser, vai ser desta vez que vou conseguir beijar pela primeira vez.

Entro na sala de aula com uma mente perturbada, um monte de ideias na minha cabeça que só não se encaixavam, como por exemplo o beijo. Olho para a lousa e a única coisa que eu vejo é a palavra “prova”:

— A tá suave! Estudei bastante matemá..

“Prova de Redação”

Entro em desespero, meu coração está batendo a 140 bps (batidas por segundo), todas aquelas ideias perturbadas, como o beijo, não saem de minha cabeça. A professora entrega a prova, e a única coisa que consigo ver são todas aquelas palavras derretendo, e depois o beijo, o beijo não sai de minha cabeça “que b\*\*sta! Pensa em alguma coisa! Mas a única coisa que me vem na minha cabeça, além do beijo, é o desespero.

Termino a prova já sabendo que daqui a alguns dias vou ter outro déjà—vù, porém desta vez não vai ser uma notícia boa.

Volto para casa pesado, parecendo que a minha cabeça estava pesando 100 kg, e de repente, de novo, o beijo. Deito na cama e fico olhando o meu teto pensando sobre a vida, mas acabo dormindo.

É sexta. Nunca estive tão feliz e leve na minha vida, nada podia estragar o meu dia, eu queria ficar na “zen”, vejo o meu amigo Michel na distância, a gente se dá um salve:

— Eae, tá preparado?

— Pra quê?

— Ué, pra festa.

Meu cérebro explode, todas aquelas ideias, e o beijo, voltam, não consigo mais pensar em mais nada, festa, beijo, prova de redação:

— Ah sim, claro, esqueci de perguntar, que horas vai ser?

— 8 da noite.

— Tranquilo, a gente se vê então.

— Falou.

Volto pra casa e aguardo ansiosamente, o momento vai se aproximando, tomo um banho, me troco, me garanto que estou cheiroso, tocam o interfone, é o Alan, junto com o Michel e o Caio:

— Bora Bob estamos em cima da hora!

Desço, entro no carro e lá vamos nós! Chego no local, cheio de neon, o lugar era grande. É agora, penso. A gente sai do carro e entra naquele lugar, eu sabia que quando eu saísse dali eu iria ser outra pessoa, um verdadeiro homem.

Agora já estou dentro e a primeira coisa que eu percebo era que a música é uma b\*\*sta, mas não era pela música que a gente estava, a gente estava lá por outros motivos. O meu era beijar uma garota, mas os dos meus amigos estava muito além de minha compreensão.

Se passam uns 10 minutos, Caio chega pra mim e diz:

— Bora Bob, cadê a coragem?

— É Bob, já se passou muito tempo, é hora de você agir, aquela dali no balcão.

Olho para ela, ela me olha de volta, não tinha muitas outras opções, eu ando em direção dela. Agora. Milissegundos parecem minutos, todas as pessoas ao meu redor viram um borrão, e a única pessoa iluminado lá é ela, “é agora, é agora”. Sento do lado dela, o meu coração está a 160 bps, a minha cabeça perturbada e focada em somente um objetivo: o beijo.

— Eae gata você tem um nome?

— Maria.

Ela me faz um sorriso que eu já sabia o que significava:

— Então você quer....

Ela pega na minha mão, e sem dizer nada me puxa para um canto, 163 bps, coloca os braços sobre os meus ombros, e começa a se aproximar, 170 bps, eu paraliso, cada milissegundo, “está acontecendo”, mas e agora? O que eu faço? Quer saber, fo\*\*se. Me aproximo da cara dela, e nossos lábios se encos....

\*Meu alarme toca\*

Eu acordo atordoado, 60 bps, e momentos depois:

— “PO\*RA!



# O sobrevivente

*Francisco Almeida*

Sem alarme, acordo mais tarde do que o normal. Sem luz, sem água, sem meus pais e sem minha irmã em casa, desisto do café da manhã e saio de casa, passando assim a buscar entender o que estava acontecendo naquele momento. Andei a Vila Madalena inteira em busca de informação, mas, para aumentar meu estranhamento, não encontrei sequer uma pessoa perambulando pelo bairro. Por conta disso, fui em direção a uma banca perto de casa com o intuito de achar explicações em jornais sobre o que acontecera, provavelmente, naquela madrugada, já que no dia interior nenhuma dessas estranhezas ocorriam.

Ao chegar à banca, encontrei, atrás de um jornal, algo muito estranho, próximo a um portal composto por fungos. Nesse momento, tomado por uma coragem que jamais havia visto, peguei um galho que se encontrava próximo à banca e enfiei o topo dele nesse portal. No momento em que o galho entrou, alguém dentro do buraco o segurou e puxou e, então, nesse mesmo momento eu o soltei e aceitei perdê-lo. Algum ser estava dentro daquele portal que, sequer, eu sabia nomear. De qualquer forma, não consegui ver o que de fato era aquele ser, isso porque no momento em que meu galho foi puxado entrei em estado de choque e a única coisa que consegui fazer foi correr, correr e correr para muito longe.

Pelas vazias ruas de São Paulo, corri e corri, até chegar em Pinheiros. Lá, decidi entrar em uma casa para me alimentar, já que estava desde o despertar sem colocar alguma coisa na barriga. Ao entrar na primeira casa que vi, dei de cara com outro buraco de fungo, como aquele da banca. Esse processo se repetiu

em todas as minhas tentativas de entrar em uma casa para encontrar comida. Na verdade, na minha última tentativa de encontrar alimento em uma residência, ocorreu algo ainda mais chocante. A última casa em que eu entrei era uma das maiores mansões de Pinheiros e, com certeza, guardava muitos alimentos. Perambulei pela casa enquanto conseguia alguns enlatados, salgadinhos e refrigerantes, os quais eu ia guardando em minha mochila. Após me municiar de alimentos para os prováveis próximos longos e difíceis dias, vi algo que preferia não ter visto.

Até então, eu achava que aquela seria a única casa sem uma bola nojenta de fungo, mas nunca estivera tão enganado. Procurando a saída naquela imensa casa, erroneamente abri uma porta errada e dei de cara com um imenso portal de fungo, naquilo que, anteriormente, seria um quarto de bebê. O problema não acaba aí; a questão é que, naquele mesmo quarto, quatro seres praticamente indescritíveis se posicionavam parados, mesmo com a minha presença. Eles não possuíam olhos, não enxergavam, por isso, não haviam se movido com minha silenciosa entrada. Além disso, possuíam aproximadamente dois metros de altura e um corpo sem pele, apenas com músculos degradados e sujos com diferentes infecções das mais nojentas dos pés à cabeça.

Após essa visão que tive, a mais horrível de toda minha vida, fiz o óbvio, fiz o que qualquer um em minha posição faria. Fechei a porta e passei a correr em direção à saída da mansão. Naquele momento, sem achar a porta da saída enquanto o desespero aumentava em meus pensamentos, descobri que, apesar de cegos, aqueles seres escutavam muito bem, além de emitirem um grito muito assustador. Além do mais, tornou-se perceptível que eles atacam as pessoas para que, assim, o exército desses monstros cresça cada vez mais. Então, após a quinta porta errada, encontrei a saída ao mesmo tempo que um dos quatro “bichos” me arranhou. Ao abrir a porta para voltar às ruas e correr pra longe das aberrações, apenas um dos quatro seguiu atrás de mim, e esse logo morreu com a luz do Sol, enquanto os outros continuaram com vida dentro da escura mansão.

Após esse susto, no qual me imaginei sem vida, ou pior, me tornando uma daquelas criaturas, me alimentei das comidas da mochila e, então, voltei à minha busca principal. Queria achar pessoas como eu, vivas, normais. Ainda possuía esperanças de encontrar meu pai, minha mãe e minha irmã. Por isso, passei a seguir em caminhada, ia andando sem rumo, mas ao mesmo tempo, por lugares que, até então, não havia passado. Meus passos eram acelerados já que, naquela traumática experiência passada, havia percebido que as criaturas não sobreviviam com a luz do Sol e que, portanto, com o chegar da noite nem nos locais abertos eu estaria a salvo.

Meu desespero ia aumentando com o passar do tempo, no fim de tarde alguns seres já saíam das casas e, ao me aproximar deles, focava no silêncio dos meus passos e da minha respiração, até me distanciar das aberrações para, as-

sim, eu me sentir seguro para poder voltar a acelerar meus passos. Segui assim até o virar da noite quando, pela primeira vez no dia, encontrei esperanças.

Todo esse meu esforço nas pernas fez me levar até Guarulhos e foi, então, quando eu avistei uma possível fortaleza de sobreviventes. De longe, consegui avistar duas pessoas armadas em uma das torres da penitenciária da cidade, ao mesmo tempo, devido aos altos muros do presídio, não enxerguei mais ninguém além deles. De qualquer forma, percebi que aquela era uma possibilidade única e, com passos pequenos e silenciosos, me desviando das criaturas que naquele momento da noite tomavam posse das ruas, fui em direção à prisão, ou melhor, à salvação.

Seguia silenciosamente até o local quando, devido ao escurecer da noite, pisei no braço de uma criatura que ali deitada repousava. O destino que parecia próximo se tornou distante, afinal, a partir daquela minha ação, tive que correr muito, e não só da criatura que havia encostado, mas de outras dez que, até então, vagavam sem olhos pela rua. O alívio havia se transformado em desespero e, com a força do medo, ia correndo em direção ao presídio.

Essa corrida conseguiu ser, simultaneamente, a mais rápida e a mais demorada da minha vida. Enquanto eu chegava mais perto do presídio, mais proteção eu ganhava. Aqueles dois homens que, de longe havia observado, estavam carregados de armas de precisão e, ao decorrer da minha corrida, acertavam tiros na cabeça das criaturas. A quantidade de monstros abaixava, mas um se mantinha firme, desviava de balas e se aproximava cada vez mais de mim. Eu estava há alguns metros do local da salvação quando esse único monstro me derrubou.

Naquele momento, passamos a lutar, lutei como nunca havia lutado em toda minha vida. Ao mesmo tempo em que eu tentava desviar de mordidas e atordá-lo, via a morte próxima, o encontro com familiares juntamente com um grande clarão. Já estava, aos poucos, aceitando a morte, foi quando voltei à realidade em um rápido instante. No momento em que havia me rendido e aceitado me tornar uma criatura asquerosa, o homem da torre acertou um tiro na cabeça daquele que me abocanharia. Logo, ao observar a bala atravessando a cabeça do ser, me levantei rapidamente e, com a porta já aberta para mim, entrei no forte.

Então, após diversos exames para comprovar que não estava infectado, pude conhecer a fortaleza que havia me acolhido. A mulher que havia aberto a porta me salvando era quem me acompanhava explicando tudo. Encontrei pessoas de todas as idades que ali residiam, o antigo presídio havia se tornado uma comunidade de sobreviventes. Além de demonstrar tudo, ela ainda me contou sobre o começo do apocalipse.

"Tudo começou na madrugada do dia anterior, quando um meteoro de pequeno porte entrou em contato com a Terra, mais precisamente, com um grande trecho da Avenida Paulista. Apesar de não possuir um tamanho enorme, a velocidade do astro era muito grande e, com isso, o contato com a Terra criou um enorme buraco na superfície, além de ter atingido cerca de 100 pessoas que ali

se encontravam. Esse local afetado se tornou um grande buraco nojento repleto de fungos e, dele, passaram a sair esses seres que, através de suas mordidas infecciosas, se espalharam ocupando todo o globo terrestre.” No momento em que ouvi essa história, caiu a ficha que minha vida, juntamente com a de todos, havia se acabado. Não haveria mais tranquilidade ou felicidade, apenas lutas diárias para continuar com vida. Agradei as informações e pedi um tempo para a mulher tão acolhedora.

Após um tempo raciocinando tudo o que tinha escutado, me acalmei e, logo, resolvi procurar os atiradores das torres que, por escolha, me salvaram. Eles poderiam, simplesmente, ter me deixado batalhar com as criaturas sem se preocupar com minha vida, mas ambos fizeram questão de me ajudar e, por isso, o que eu mais queria naquele momento era agradecê-los pessoalmente. Fui perguntando de desconhecido em desconhecido e, assim, os meus novos companheiros me direcionaram para a sala de vigia dos atiradores. Nessa sala encontrei um dos dois, o qual fiz questão de dar um abraço, ajoelhar e agradecer muito a ele que, me levantando, mostrou outra sala. Ali está seu real salvador. Como assim? Ao entrar não acreditei.

Pai? É você? Sim filho, sou eu. Naquele momento, eu e meu pai desabamos ao mesmo tempo que jurávamos eterno amor. E minha mãe e minha irmã, já vou poder ver também? Não. Onde elas estão? Filho... a partir de agora somos só eu e você.

# Tic-Tac

*Gustavo Borguetti Horn*

16/04/2178

Acabei de achar este caderno em branco perto de uma das antigas creches daqui de casa. Ainda não achei minha família ou na verdade ninguém que eu conheço, permaneço andando com as pessoas que eu encontrei depois dos primeiros mísseis. Segundo eles, já faz 4 meses e 16 dias do ocorrido, então agora pelo menos tenho alguma forma de localização temporal. Não sei se vou continuar escrevendo aqui porque não sei se alguém vai achar isso ou se até quando eu ainda vou estar aqui.

De qualquer forma meu nome é Gustavo, sou filho da dona Maria e seu Carlos, ou pelo menos era, tenho ou sei lá tinha dois irmãos recém-nascidos, Theodoro e Rafael. Minha mãe sempre quis uma filha, mas meu pai obviamente um filho e foi para sua alegria que eu nasci 23 anos atrás. A única coisa que eu quero é encontrá-los ou pelo menos alguma notícia de algum deles.

Estamos seguindo a antiga avenida daqui da cidade para tentar achar alguém ou alguma coisa, estamos com pouca comida e um grupo de 16 pessoas é difícil de se manter alimentado. Que Alá nos proteja.

21/04/2178

Tenho sentido dores fortes na região do abdômen desde a explosão do escritório, o médico do grupo disse que eu posso ter pego tétano de algum metal ou fragmento do foguete que atingiu a farmácia ao lado e começou todo esse pânico. A quantidade de mísseis disparados pelos Estados Unidos ainda é desconhecida.

da, mas todos estão em um consenso de que foi por volta de 170 a 200 mísseis. Os ataques nunca tinha sido de tal escala, sempre havia algum bombardeiro, caça ou mesmo carro-bomba que atacava a fronteira, mas pelo jeito agora eles quiseram destruir de dentro pra fora.

Eles sempre tiveram interesse no petróleo da região, mas em virtude dos diversos acordos internacionais, eles não podiam extrair esse recurso. Abu Dhabi foi primeiro comprada pela Eurásia, que agora está em guerra com a América que se uniu já faz... talvez 60 anos? Não tenho certeza. Os países aliados estão sempre tentando nos enviar recursos e ajuda, mas a constante vigia Aérea e terrestre no nosso território sempre acaba interceptando tudo, gerando apenas mais conflitos. Conseguimos achar um acampamento de algum outro grupo, ou seja, existem mais sobreviventes do que esperávamos. O governo daqui está tentando garantir espaço nos bunkers do país para os mais ricos e nobres. O cheiro de podridão daqui que se acumula cada vez mais com os corpos em decomposição, prédios pegando fogo e animais mortos de fome me dá uma dor de cabeça e angústia fétida horrível, porém precisamos engolir o vômito de volta porque a perda de líquidos nessa situação é fatal a qualquer um.

Estamos quase chegando ao fim da cidade e partiremos para a parte rural em busca de alimento e outras pessoas, a cidade só nos traz tristeza e enjoo. Que Alá nos proteja.

26/04/2178

Já não comemos a quase uma semana, a única fonte de alimentos que achamos foi uma cadela que corria toda machucada e com um pedaço de pau foi abatida por um membro que já estava desesperado por qualquer comida, não aguentei observá-lo mastigando as entranhas daquele animal ainda cru. O Ser humano é um ser horrível. Minha dor só piorou, estou usando uma muleta improvisada feita com um pedaço de metal e um pano amarrado para evitar que minha pele rasgue com o constante atrito entre o metal e meu corpo. Sinto que vão me deixar para trás, eles precisam andar em um passo mais lento para que eu possa acompanhá-los, ainda que com muito esforço. Não sabemos se haverá outro ataque, quando e onde vai ser, dormimos com armas debaixo do travesseiro sempre na esperança de que tudo isso tenha sido um pesadelo horrível. Não acho que seja um pesadelo, será que estou em coma? Será que quando o míssil estourou alguma coisa bateu na minha cabeça e estou deitado no hospital com a minha família rezando e chorando no meu lado? Será que aquilo era um míssil ou um vazamento de gás? Tudo isso é da minha cabeça, né? Eu só preciso acordar, em qualquer pesadelo você acorda quando morre no sonho, eu só preciso morrer eu só preciso morrer é só eu puxar o gatilho.

13/05/2178

Minha família está morta, encontramos com um grupo do exército enviado pela ONU e nos disseram que todos que estavam no hospital naquele dia foram dados como mortos pelo tamanho da explosão. Foram treze mísseis disparados

naqueles hospitais. Foram treze mísseis que rasgaram e queimaram a pele e carne dos meus pais, meus irmãos e dezenas de outras famílias que agora estão soterradas embaixo de vários metros de concreto e aço dilacerados pela ganância do ser humano. Deus não existe.

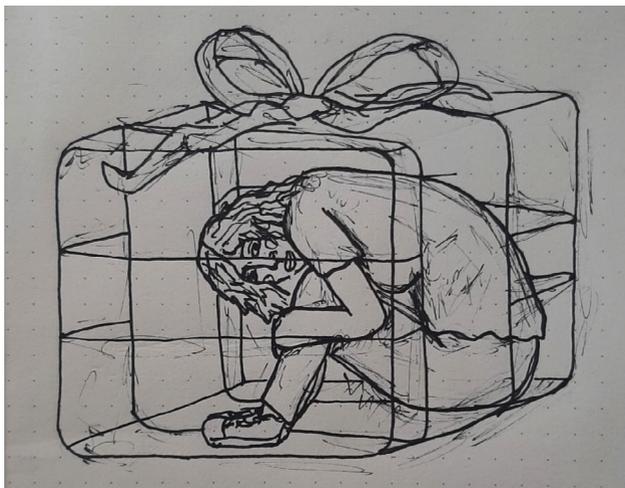
Hoje à noite eu vou acordar desse coma e encontrá-los sorrindo para mim, agradecendo que eu acordei e assim eu vou poder beijar minha mãe de novo, abraçar meu pai que sempre me ajudava nas lições de matemática da escola e poder ajudar meus irmãos durante o amadurecimento e brincar com eles como qualquer bom irmão faria. Caso alguém ache minhas anotações, cuidado, sua vida pode mudar com o passar do ponteiro do relógio.

14/05/2178

15/05/2178

16/05/2178

17/05/2178



## Diálogo de seres vivos

*Fernanda Caló*

R:

– Horário?

– 11:30

– Temperatura?

– 54°C

– Espécie dominante?

– Seres humanos

– hm... Rhá?

– Sim?

– Eu... não estou encontrando sinal de outros seres vivos por aqui...

– Tchubirubi, vamos esperar a resposta de Júpiter.

– Comandante Rhá! As amostras que recolhemos apontam que houve um colapso ambiental. A equipe de análise em Júpiter acabou de nos informar que o Planeta Terra se encontrava em uma crise climática que estava perdurando por muitos anos, os líderes que foram designados a solucionar conflitos e questões como essa não conseguiam agir. A Floresta Amazônica, que pelo visto era de extrema importância, virou um deserto e o oxigênio acabou. Todos os seres vivos foram morrendo, restando apenas algumas bactérias e um solo seco, terroso e sem vida, como o que podemos ver.

– Ok, obrigado, Zomzom.

– Comandante Rhá, desculpe a imbecilidade, mas se não há outros seres vi-

vos aqui para transformarmos em escravos e colonizarmos esse planeta, o que devemos fazer aqui?

—Desculpe te cortar, Rhá, mas acabo de receber comandos de Saturno dizendo que devemos pensar e avaliar qual será a utilidade desse planeta já que não podemos colonizá-lo.

—Eu acho que a gente poderia transformar isso tudo em um shopping. Todo mundo ia gostar, seria divertido e a gente não ocuparia tanto espaço do nosso planeta com uma coisa dessas.

—Nhelo! Sejamos inteligentes, seria muito caro providenciar espaçonaves toda vez que cada um dos nossos cidadãos quiserem ir ao shopping...

—Ou então já sei! E se a gente fizesse uma enorme plantação de babosas aqui?... Pensem comigo: tem bastante solo disponível, o clima é quente e babosa é ótima para a pele!

— Infértil Nhelo, o solo daqui é INFÉRTIL!

— Zomzom, quanto tempo falta?

— Comandante, temos que partir em 20 minutos.

— Precisamos decidir logo...

— E... Eu tenho uma ideia...

— Tchubirubi, você é estagiário! Você veio para ouvir, observar e aprender. Fale menos, observe nosso importante trabalho!

— Deixe —o falar!

— Desculpa, comandante! Fale, Tchubirubi.

— Desculpa, não queria incomodar... Pensei que poderíamos usar essa terra como um lugar para testarmos nossas novas tecnologias nucleares. Não sei porque achei que essa seria uma boa ideia... Da próxima vez, vou ficar quieto...

— Por incrível que pareça, eu não acho que tenha sido uma ideia horrível. Comandante?

— Zomzom, pode comunicar as outras equipes. Achamos uma função. Aqui não há vida, estamos precisando achar um "local morto" para isso. Parabéns, Tchubirubi!

— Ok!

...

— GENTE, URGENTE!!! VENHAM AQUI

— O que houve, Zomzom?

— VEJAM COM OS PRÓPRIOS OLHOS!

— O que é isso?

— Me parece... Aquelas... baratas?

— Como pode?? Nos falaram que não havia mais vida aqui!

— Deve ter ocorrido algum tipo de mutação nesses seres que os fizeram sobreviver ao colapso!

— E agora? Qual é a utilidade para o planeta Terra?

# Mo?..Mo?..Ni?..Ca?

*Leo Pupo*

Enfim aconteceu, poucos suspeitavam e muitos nem cogitavam, mas chegou o dia em que ela se revoltou e veio à Tella. Ninguém acreditava que a sua laiva poderia atravessar lealidades e destruiu o planeta tela inteiro, apenas com um coelho e seus enormes dentes.

Sim, ela mesmo, aquela lá, a golducha, dentuça, saiu da sua tulma e foi destruiu outras tulmas. Tudo começou quando provocamos ela muito, mais muito que ela explodiu e quebrou as baleilas dos gibis e foi a tela que vivia seu ciado! Maurício de Souza.

Pois bem, após essa introdução acho que devo me apresentar e apresentar meu fiel escudeiro, Cascão. Plazel, me chamo Cebola e vim do Bailo do Limoeiro, lá sempre me diverti muito e fazia muitas besteirinhas com meu glande amigo Cascão, ele tem um costume um tanto quanto peculiar de não tomar banho e nem sequer encostar em água.

Tudo começou quando a gente iluiu tanto ela que do nada explodiu e ficou palecida com o Hulk e de tão glande atravessou as lealidades e sumiu de nossas vidas. As páginas em branco, sem falas e bem mais triste nossas vidas, até que um momento parecia que não existia mais nada e que a nossa história não ia para a flente. Com isso eu e Cascão decidimos sair do Bailo e ir lesolver o que tinha acontecido com ela, então fomos falar com o Flanjinha para ele nos ajudar fazer uma máquina para fugirmos daqui e lesolver o nosso futuro.

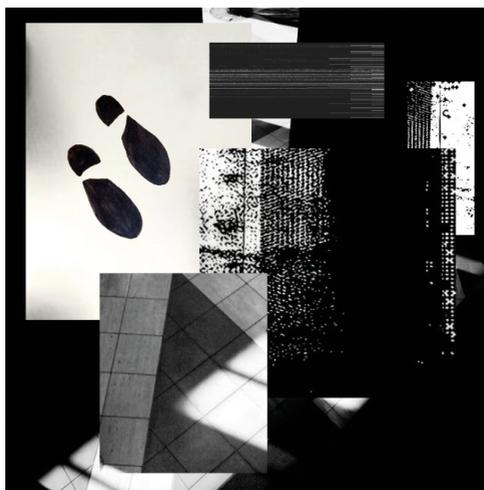
Quando chegamos no QG do Flanjinha, não tinha nada e cada vez mais as coisas iam desaparecendo e não tínhamos mais saída, então ablii minha maleta com os planos infalíveis e bem no fundo da mala achei um bem especial.

Após a execução do plano, conseguimos escapal do quadrinho e chegal na Tella, que estava toda abandonada e sem ninguém, litelalmente ninguém, um cenário pós-apocalíptico que de maneila nenhuma ela possível leveltel. Sabíamos quem tinha feito isso, mas não como leveltel.

Então nossa vida no mundo leal começou e estávamos peldidos, não tínhamos ideia de como funcionava tudo, não achávamos comida nem água pala bebel, ela um mundo completamente difelente. Então, decidimos plocular alguém pala nos ajudal, porém, não tinha ninguém, mas decidimos continual andando e ploculando, até que achamos um baillo palecido com o nosso, foi muito estlanho e decidimos entlal lá.

Indo mais a fundo, achamos pol algum milagle Maulicio de Souza, o nosso cliadol, e lá ele nos ajudou e conseguimos nos abligal e sobrevivel um tempo até allanjalmos alguma folma de letolnal ao gibi.

Estava tudo indo aos confolmes, até celto ponto quando vimos uma cliatula gigante, com um coelho na mão, uns dentes enolmes, uma blusa velmelha e com bastante laiva. Então veio se aploximando de pouco em pouco, cada vez mais amedlontadol até que Maulicio decidiu fazel algo que podelia mudal tudo, então vasculhou suas pastas mais secretas e viu uma falha. Essa falha se tlatava de uma falpa no pé dela, então com sua bollacha de emelgência apagou essa falpa e toda a laiva da cliatula acabou e vilou uma fofulinha de novo e decidimos voltal e ledesenhal os pelsonagens da nossa tulma supel bacana. FIM



# Andar parado

*Sofia Byington*

Passos passam de todos os cantos por mim aqui, paralisado. Eu costumava ser andarilho... De cá para lá, foi o que mais fiz. Todos os dias eu era preenchido de sentido e então o que fazia era andar. Não em vão, pois tomo isso como minha razão de existir, nada muito profundo, simples assim. Gostava de percorrer as ruas de concreto, paralelepípedo, transitar pelos caminhos, as cidades, os lugares. Sempre, é claro, acompanhado dos que, assim como eu, também eram nômades. Só os meus chegados internos. Dividíamos essa causa e seguíamos nossa razão. Porém, agora estou aqui. Largado no chão, abandonado, sozinho, frio, parado, perdido, sem razão. Apenas vendo os outros passarem.

Onde estou, os meus iguais, mas que ainda têm suas razões, andam esquisito. Disso entendo bem. A cada passo pisado sei de que andar vieram as pisadas. Andar apressado, andar perdido, curioso, alegre, tímido... Conheço todos. Eu completamente deslocado, paralisado, vejo se avisto meu sentido de volta. Por aqui, não entendo ao certo a movimentação do ambiente. Assim como eu estava antes de ser abandonado pelos que me acompanhavam, os integrantes daqui andam de pouco em pouco, encaram os rodapés e tornam a andar, quase que num ciclo vicioso. A cada parada, passinhos de interesses, dúvidas, reflexões... O que há de tão interessante nas paredes por aqui? Passam sem nem me notar. Sem avistar nenhum sinal de meus acompanhantes, minha angústia só aumenta. Ainda em pensar que estes continuam a andar por aí e eu aqui parado. Como pode?

De repente, vazio e sozinho, eu, insignificante. Conforme o movimento daqui vai se deslocando, alguns passos agora passam a se aproximar. Finalmente parecem me notar, me vem uma esperança de ser encontrado novamente. Conforme um se aproxima, chama atenção, e mais passos vem pisando perto de mim. Os andares que vêm chegando, todos acompanhados, nenhum precisando de mim. Mesmo assim, se aproximam, com passos incertos, meio tímidos, andar de “cultozinhos”, quase reflexivos sobre a minha presença ali.

Por que é que eles se interessam por mim? Parece até que estou em uma das paredes que eles tanto encaram pelos seus caminhos circulares. Por que olham pra mim como se houvesse algo pra refletir? Será que sentem dó? Cada vez vem chegando mais, todos incertos se deveriam estar dando toda essa atenção a mim. Eu já nem sei mais o que sou, o que é essa atenção toda? Mais um passinho aqui, outro ali... Com toda essa movimentação, me dou conta de que agora faço parte dessa dinâmica estranha desse lugar. Eles andam, param, esperam e continuam. De novo e de novo. Mais e mais passos notam que estou aqui, mas nenhum entende a razão. Alguns até tiram fotos... Já não tem mais jeito, virei um mero inútil!

Exposto para os outros olharem. E mais deles vêm. E me encaram. E batem os pezinhos. E chegam mais perto. Eu sem entender nada. Encaram um pouco mais. Clicks de fotos. Será que isso tudo é pra mim mesmo? Esperam um pouco. Voltam a andar. Um lá no fundo se destaca! Vem chegando rapidamente, certamente em meu caminho. Diferente de todos os outros, convicto do que está fazendo. Quanto mais se aproxima, mais conhecidos parecem seus passos cada vez mais rápidos.

Destoando de todos os outros daqui, vêm em minha direção, apressados, mancando, meio envergonhados... Aqueles dois que eu tão bem conheço, para minha desmedida alegria, vieram me resgatar. Sabia que voltariam... Com a meia tocando no chão frio e aquele andar que eu tanto conhecia, confuso também pelas tantas pessoas que me cercam, ele chega tímido, me pega, me calça, me amarra e me pisa no chão. Tornando a andar, vamos embora finalmente daquele lugar, que agora todos aqueles estranhos nos olham indignados e se deslocam de cabeça baixa, desviando até o olhar, envergonhados por toda aquela atenção a mim. O que eles acharam que eu era eu já não sei, alguma daquelas peças paradas que eles tanto encaram talvez... Eu não sou de ficar parado. E era tudo o que eu mais queria! Voltei a ser o que sempre fui, o que devo ser. Meus antigos companheiros me encontraram, me vestindo a razão como costumávamos fazer e, andando, depois dessa quase desolação completa, voltamos aos caminhos normais, passeando por aí...



# O fim

*Gabriela Leão*

Faz Sol em uma fazenda. Um coelho de pelos cor de neve segura uma cenoura em sua mão, prestes a dar uma mordida. Antes do ato, ele pergunta a uma flor:

— Você percebeu que os gigantes diminuiram suas circulações pelos arredores?... Sorte a nossa, não é mesmo Dona Margarida?

— Sim, Felpo. O céu está mais límpido, o pasto parece brilhar mais... o rato Tojó, inclusive, esses dias, ouviu um boato de que os canais de Veneza estão cristalinos pela primeira vez em anos!

— Mas do nada essas novidades...

— Pelo o que eu sei, parece que é aquela coisa que aconteceu há alguns mil anos atrás... Um bichinho que infecta uma raça e depois gera uma espécie de apocalipse social, sabe? Tem sempre uma mensagem subliminar por trás...

— Isso é o que dizem.

— O problema é que ninguém que está aqui vivenciou isto antes. Mas engraçado... O tal do vírus atingiu apenas a espécie dos gigantes... Deve ter um motivo. Não acha?

Silêncio. O coelho dá a primeira mordida. Croc croc. O coelho vira a cabeça com uma feição reflexiva. Ele diz:

— Mas veja bem, Dona Margarida... apesar de todas essas melhorias em nosso habitat, perdi muitos amigos que estavam condenados aos testes laboratoriais pelos gigantes nesse momento pandêmico... O consumo de cosméticos aumentou. Os gigantes estão trancados em casa. Devem estar banhando-se mais, vai

saber... Sei que meu destino é este, mas tenho medo de passar rápido demais... medo de degustar de menos cenouras deliciosas como estas... medo da picada.

— Felpo, Felpo... meu pequeno grande dentuço! Sei que você está traumatizado em virtude do documentário que viralizou recentemente na internet, certo? Ralph está machucado sim, mas ele sobreviveu à picada. Você vai tirar de letra! E creio que isso ainda vá demorar um tempinho, não acha?

O coelho morde a cenoura, mais rapidamente desta vez. Um homem de cerca de 100 quilos aparece no pasto. Ele tem um aspecto grosseiro e usa uma bota de fazendeiro.

— Eu penso que este momento tem a ver com a forma como os gigantes tratam os animais, a natureza e o modo como consomem. Estamos submissos aos prazeres deles. Eles não ligam para os nossos prazeres. Eu degusto esta cenoura como aquele camarada logo ali se alimenta um da minha espécie. Não acha isto esquisito. Marga? Eu acho. Também temos sentimentos e queremos sentir este prazer. Não apenas os animais, mas a natureza pede um repouso dessa gente. Desculpe o desabafo..., disse o coelho, mordendo o último pedacinho da cenoura.

— Mas Felpo, eu tenho esperança que esse cenário ainda vai passar... A nova geração dos gigantes está vindo com tudo! Trazem novas ideologias, rompem padrões e buscam novos ideais.

Silêncio.

— É impressão minha ou o gigante está se aproximando de nós? diz Felpo em desespero.

— Esconda-se Felpo! Cubra-se atrás daquele arbusto! Agora!

Felpo salta para trás de um arbusto. Mas já é tarde demais. O homem atira, usando uma espingarda, no ponto branco que visualiza à sua frente. Os gigantes possuem uma característica: são maiores do que se imagina.

O coelho é caçado, temperado e cozido. Minutos antes, filosofava com uma flor, agora murcha.

# Tomara!

*Julia Basile Fuchs*

O mais impressionante de tudo isso é que realmente houve um tempo quando as pessoas viviam em paz com essa dúvida sobre fé e Deus. Lembro de mim mais jovem, com apenas 6 anos de idade, me perguntando se eu realmente acreditava em tudo isso: na existência de Deus, se eu deveria aprender a rezar, se eu deveria seguir em frente porque Deus iria me recompensar, entre muitas outras questões. Ainda bem que não segui esse rumo.

Hoje, fez 2 meses que foi realizada a maior descoberta dos cientistas de nosso planeta: os mesmos comprovaram que a existência de Deus é falsa. Essa notícia foi interpretada de diversos modos: para mim, que já não acreditava em nada nem me baseava na existência de Deus, foi insignificante, mas posso afirmar que não foi nada parecido para aqueles que basearam suas vidas inteiras na fé em Deus e que só se mantinham na linha por conta da vigilância do mesmo, como por exemplo o padre Antônio e toda a comunidade que frequentava sua igreja.

O primeiro dia foi um caos total, mas eu falei para mim mesmo: "vai passar". Pois é, não passou. Aqueles que não tinham mais motivos para seguir em frente sem Deus no comando começaram a perder a cabeça e ficaram malucos. Passaram a destruir e botar fogo em tudo que viam pela frente, afirmando que se Deus realmente não existia, nada valia a pena e que não era justo que o mundo continuasse o mesmo sem ele. Como se não fosse o suficiente deixar a cidade inteira em um estado deplorável, o grupo totalmente alterado e motivado pela

fúria começou a vasculhar todas as casas procurando por pessoas que pretendiam seguir suas vidas normais sem se alterar com a falta de uma inspiração, e se achavam alguma, garantiam a sua morte. Deste modo, a população mundial se dividiu em grupos de caracteres totalmente opostos que, em algum momento, iriam que se enfrentar.

Eu e minha família, que tínhamos pensamentos semelhantes em relação a isso, ficamos trancados e escondidos em casa por cerca de 2 meses, nos alimentando somente do que tínhamos em nossa dispensa, mas como era de se esperar, essa comida chegou ao fim, a fome começou a pesar em nossos organismos, nossas bocas começaram a secar e em algum momento algum louco arrombaria nossa porta e seria o nosso fim. Mas não tinha saída. Não tínhamos para onde ir. Não era possível sair de casa para buscar mais comida sem sermos atacados. Chegamos a um ponto sem solução.

Está sendo muito difícil sobreviver. O medo de sair de casa é maior do que o medo de morrer de fome. Dois meses atrás, eu teria começado a rezar para que essa tão grande descoberta fosse um engano, mas hoje em dia não posso mais, porque Deus não existe, então não posso me comunicar com ele. É estranho pensar que a falta de Deus em minha vida me fez querer acreditar nele, não faz nenhum sentido. É quase impossível conversar sobre isso de tão complicado que é o que estou sentindo. Acredito ou não acredito? Existe ou não existe? Não existe porque não acredito? Não acredito porque não existe? Existe porque acredito? Acredito porque existe? Acho que ninguém nunca vai desvendar esse mistério. Tomara!



# A vista de uma Europa Confort Celite

*Bruna Bittencourt Vieira*

Passo meus dias esperando por visitas. Tanto tempo de ócio, tanto tempo em paralisia; o encontro, o toque, são as únicas coisas que me trazem vida.

Durante as horas de claridade, quem mais eles encontram são minhas vizinhas, colegas de espaço e profissão. Sendo honesta: tenho muita inveja. Sou sempre a reservada para as horas de escuridão, para relaxar os corpos cansados depois de um dia com tantos poucos encontros com esta casa-quarto que habito. Elas, vizinhas, são para alívio rápido e efêmero, enquanto eu os preparo para noites inteiras com os carinhos líquidos, molhados, que ofereço.

Sinto que morro constantemente, em algidez extrema à vista de toda solidão que acomete a experiência da concretude literal da minha existência. A temperatura do que me encosta regula a minha. Apenas o calor de outros meios pode me ressuscitar, me dar sentido, propósito, vida.

Pois bem, em alguns encontros, por mais que sejam os únicos eventos que me atêm ao meu Norte, sinto meu corpo como a deriva (por mais que este seja extremamente fixado), porque a bagunça de líquidos e substâncias faz pouco da minha estrutura curvilínea. Ossos do ofício. Mas agora, um caso ilustrativo:

Tudo começa quando o visitante entra em meu recinto dentro de habitação. O cone-que-me-paira se coloca a derramar água, que com um tempo esquenta, esquenta, até que o visitante se sinta pronto para a quantidade de quentura. Se coloca embaixo da queda, permitindo-se ser envolvido pelo calor e pela molhadez

de ponta a ponta, em todas as extremidades, e fazendo com que o líquido entre em contato comigo de forma mais suave.

Se esfrega, o visitante, se esfrega com uma substância viscosa que forma bolhas e bolhinhas brancas. Penetra as extremidades-estreladas-dos-membros-de-cima no emaranhado escuro de felpos compridos, produzindo uma quantidade enorme de bolhas, que depois deixa se dissipar com a água do cone. Neste momento, mesmo que esplendoroso para o sentir da minha vividez, começa o primeiro desconforto: os felpos compridos fugidos se acumulam, me engasgo, e a água que descia fluida pelo túnel passa a se acumular na minha superfície.

Então o visitante passa a fazer de outra atividade. Os membros de baixo, estas cas mais longas e grossas que as de cima, se engajam em um novo desempenho. Uma delas se apoia na minha borda e a outra fica firme no canto do afundamento meu corpo. Dessa forma, a figura afasta as estacas revelando uma rachadura-decorada-com-massa-macia-roseada-rodeada-de-felpos-pretos. Se coloca de jeito tal a se aproximar cada vez mais do ponto baixo onde se apoia, e a rachadura monstruosa chega cada vez mais perto da minha própria fenda redonda.

Com a estrela-das-extremidades-dos-membros-de-cima, articula, então, um movimento que conecta este corpo a um outro que normalmente fica esquecido, e que é composto por uma estaquinha-curtíssima-finíssima, com um brilhantinho-retangular-curtíssimo-finíssimo fazendo horizontal no encontro de uma com a outra.

Conduz essa articulação, esfregando o brilhantinho conforme os felpos-que-rodeiam-a-fenda, revelando-se cada vez mais e maior uma camada límpida, e uniforme com o resto da figura. As pelanquinhas destacadas pelo brilhantinho escorriam e percorriam o meu corpo e, malditas, me engasgavam de novo.

Acabada a destacação, a rachadura decorada com massa roseada não mais cercada de felpos pretos se aproximou cada vez mais da minha fenda, a estaca que estava na borda foi para o outro canto-mais-baixo-da-minha superfície, oposta a outra, possibilitando a contração do corpo.

Neste momento, viro vítima de um efeito inédito. A rachadura do visitante começa a viver um fenômeno inesperado, nunca visto, e fazendo como o cone expelisse um líquido ácido quente em jato de cor diferente. Gosto forte, odor contagiante, amarelidão bizarra. Sem escolha, dessa nova, pela minha fenda, eu bebo, me esbaldo, sem medo de entupir. Nunca havia engolido nada desse tipo! E que deleite ressaçoço ultra mega deliciosa sensação de ureia e entrega que me traz!

Depois de terminar essa jovial rotina, estende-se novamente, derrama um pouco de água sobre a rachadura, e então cessa as atividades do cone-que-me-paira. Ele pega um tecido que se estende sob a porta de minha entrada, se enrola. Acabou a visita, esfrio a cada momento. Já posso cheirar a dor da pura e solitária existência minha. Sempre na falta. À procura de um ser-figura-visitante-animado para me provocar com um gostinho de completude. Só me resta, portanto, esperar mais um tempo, por outro, ou até pelo mesmo.



# Últimos momentos

*Arcanjo Gonzalez*

Saindo de seu cabelereiro, voltando para casa, não sabia mais o caminho. Ficava andando pra lá e pra cá, meio confusa, perdida. A dona do local viu e gritou:

— Maria, vem aqui dentro!

Chamou sua filha para ir buscá-la.

— Antônio, mamãe está começando a piorar, hoje de manhã ela não conseguia voltar para casa, a Vanessa ligou pedindo para eu ir buscá-la.

— Nossa... que triste, e agora?

Maria pegou o relógio de bolso que ganhara em seu casamento. Vivia embaixo de horários, e foi para a escola. Quando chegou em casa, encontrou com uma mulher, vestida de branco, não sabia quem era.

— Ana, quem é ela?

Ela é a Alzira, vai cuidar de você, mãe.

Dias se passaram e sua situação só piorava. Eu e meu irmão estávamos muito preocupados, até seu relógio ela não usava mais, algo em que baseava tudo. Era muito pontual, agora estava perdida.

— Teve um episódio em que, quando a mãe foi dar as aulas de português na escola, em vez de ir para a escola foi para um 'encontro' com o pai. Ela disse que iriam se ver pela primeira vez (sendo que o papai já morrera); achava que eu era uma amiga dela... Isso já está me preocupando muito, ela não se lembra de nada, e às vezes ela tem umas crises de loucura.

Alzira era quem cuidava da mãe, dava os remédios, banho, trocava, e em alguns dias elas passeavam juntas.

— Alzira, você já viu o Pedro por aí? Um homem bonito, um pouco mais velho que eu, por volta dos 21 anos. Amanhã vamos nos ver novamente, nosso segundo encontro.

— Maria, vocês já se casaram e tiveram dois filhos, faz um ano que ele partiu, você não se lembra?

— Para com essas besteiras Alzira, ainda não nos casamos, mas vamos em breve. A única coisa estranha é que faz um tempo que não o vejo pela rua.

Alguns meses se passaram e a mãe já não se lembrava de mais nada, era muito triste ver ela não reconhecer os seus próprios filhos. Antônio e eu não tínhamos mais esperança em como ajudar, só queríamos curtir os últimos momentos de sua vida com ela. Fomos para bares de época que ainda existiam na esquina de casa; ela se divertia, achava que tinha 20 anos, curtiu muito seus últimos momentos.

Dois dias depois mamãe se foi. Deixou saudade.

Antônio, acabei de escrever o último capítulo do livro, a minha maior lembrança dela.



# A Colisão

*Carolina Constantino*

Eu me lembro como, antes da colisão, eu costumava me policiar ao reclamar da minha vida, pensando em coisas como: "tem gente em condições muito piores que a sua, não seja ingrata", ou "a vida é curta e você vai passar ela reclamando?". É claro que até hoje ainda há pessoas em condições muito piores que as minhas e com certeza eu aprendi do pior jeito possível que a vida é rápida e pode acabar a qualquer momento, mas antigamente, eu me queixava de coisas banais e realmente tinha boas condições. Tudo mudou graças aquele maldito cometa.

Eu tinha apenas 13 anos de idade quando, no dia 22 de abril de 2018, foi anunciado em todas as mídias do mundo a aproximação de um cometa com o Planeta Terra. Estava reunida na sala de estar vendo tv com a minha família quando aquela música familiar interrompeu a transmissão da novela da Globo. Mesmo sendo breve, a notícia continha muito impacto; talvez a falta de informação que se manteve de que a colisão aconteceria ano seguinte e que ainda era muito cedo para se tentar prever o local em que ocorreria tenha feito com que a notícia ficasse mais assustadora e real. Consigo me lembrar até hoje, mesmo após a volta da novela, o silêncio pesado que se manteve estável desde que a palavra "cometa" saiu da boca da apresentadora.

Eu era a caçula da família composta por minha mãe, o meu pai e meu irmão; porém, achava que tinha total compreensão do problema para o qual o mundo começara a se preparar. Hoje eu me recordo de como, desde a notícia, toda vez que eu ia ao mercado mais produtos faltavam. Me lembro como no começo de 2019 o

clima era pintado por medo, as ruas estavam vazias, ou apenas com “zumbis” circulando; os mercados já tinham sido abandonados quase completamente vazios, as crianças não iam para a escola para aproveitar o máximo de tempo possível com seus pais ou entes queridos, as pessoas pararam de trabalhar... afinal, do que serviria dinheiro no apocalipse?

Um meteoro de aproximadamente 140 Km de diâmetro estava destinado a colidir com a terra em 3-4 de março de 2019 em algum lugar ao leste do Oceano Pacífico, a única opção era antecipar-se para o evento, o mundo inteiro vivendo um ano como se fosse o seu último. E exatamente como previsto, no dia 3 de março, exatamente às 22:32 no horário de Brasília, um cometa entrou na estratosfera. Poucas pessoas perderam o momento em que tal evento tão antecipado se deu, tenho certeza de que as televisões e rádios do mundo todo bateram recordes de audiência indescritíveis, mas do que importava? Obviamente, todos entraram em comoção pelos países que sofreram diretamente danos pelo impacto que provocou tsunamis catastróficos pelo mundo todo. Porém, as informações que tínhamos nos ajudaram a evacuar tais locais.

O que mais preocupava o mundo era o que viria a seguir. Eu e minha família estávamos em casa, onde passaríamos a maior parte do tempo a partir daquele dia, já que a humanidade ainda tinha um pouco de tempo restante. O problema dos cometas não vem apenas do impacto da colisão, mas principalmente das catástrofes que são consequências de tal evento. Cientistas afirmaram que os eventos seguintes seriam como uma repetição do famoso cometa de milhões de anos atrás que causou a extinção dos dinossauros.

Sabendo disso, meu pai e minha mãe se demitiram de seus trabalhos para poder passar mais tempo conosco, estocamos comida em casa, porém tentando diminuir o consumo para que durasse mais tempo. Esses três primeiros meses, como já era previsto, passaram tranquilos. Ficamos muito unidos vendo filmes alugados, assistindo o noticiário, cada um praticando seu lazer, até visitamos a casa de praia por algum tempo.

No entanto, mesmo tentando ignorar o mundo exterior dessa bolha que criamos, ele veio até nós. Como disse anteriormente, víamos o jornal todos os dias, então tínhamos total conhecimento que uma onda de violência e crimes estava rolando, mas parecia muito distante da “nossa realidade”, então não demos tanta atenção, até que o meu prédio foi invadido.

Moramos na cobertura, então faz sentido que após pular o portão, matar o porteiro, os ladrões invadissem minha casa. Acordei com batidas violentas na porta do elevador para ser surpreendida com o som de tiros logo em seguida. Após reunir os quatro membros da família na sala de estar, os 7 bandidos, de vez em quando apontando com uma das armas que tinham nas mãos para as nossas cabeças para nos lembrar quem estava no controle, roubaram todas as nossas comidas e bens mais preciosos na nossa frente.

Como se esquecer da sensação de derrota que veio logo após a saída dos intrusos de nossa casa? Estávamos todos vivos, mas sem os bens que eles nos tiraram. Por quanto tempo isso duraria? Já sabíamos que não dali muitos anos, a humanidade inteira sucumbiria, porém, sobreviver enquanto isso ainda não acontecesse era com o que contávamos. Passamos o restante do ano saindo de casa quase diariamente procurando qualquer comida que sobrasse nos diversos supermercados, mas o resultado da procura não foi favorável, já que comida estava em falta.

Não me lembro quando as mudanças climáticas começaram. Porém, todos tiveram total noção do que estava presente quando o primeiro floco de neve caiu na cidade de São Paulo. Tivemos muita sorte que os ladrões de um ano antes não roubaram nas roupas ou lençóis, fazendo com que pelo menos não morrêssemos de frio.

Durante uma de suas expedições pelos mercados e shoppings na procura de coisas uteis, meu irmão demorou a voltar, até que finalmente voltou totalmente machucado, desagasalhado e mal podendo andar. Explicou que três homens o fecharam no seu caminho de volta, roubaram seus agasalhos e o deixaram lá no meio da calçada. Ele tremia do pé a cabeça enquanto explicava, corria sangue e mesmo o fazendo tudo o que podíamos, não houve como evitar a sua morte.

Todos em casa entraram em uma enorme depressão, não pudemos nem fazer um enterro e tivemos que esconder as nossas dores em ordem de sobreviver. Ainda não consigo entender como conseguimos resistir a esse ano.

Há poucos dias, a luz foi cortada, então passamos o ano novo no escuro, apenas dividindo maçãs e restos de comida, iluminados apenas pela luz da lua e as estrelas. Felizmente, às 00:00, mesmo que em pouca quantidade, houve fogos de artifício. Eu fiquei com inveja de tais pessoas que ainda conseguem pensar em tais luxos como comprar fogos de artifício, mas eu ainda estou feliz por dividirem as suas luzes conosco.

# Conto Pós-apocalíptico

*Vitor Pizolio*

As ruas vazias, sem carros, sem movimento, sem nada, apenas eu e minha bicicleta.

Para eu ter conseguido empinar em plena marginal, concordemos que algum apocalipse deveria ter acontecido; mas não, não foi dessa vez que as baratas foram as últimas sobreviventes. Basicamente, estávamos todos trancados em casa por um retardado ter decidido comer um morcego. Com tantas coisas gostosas para comer nesse mundo, o maluco decide comer um morcego. E então se espalhou na China um vírus conhecido como Coronavírus, que teve potencial de matar milhões de pessoas.

Mas entre tantos trouxas, também pensei que: "Aí, a China está muito longe do Brasil, essa porr@ não chega aqui, tamo suav". E assim, uma semana depois foi decretada a suspensão das aulas das duas semanas seguintes. Até aí eu tava tranqüilão, pois não iríamos ter a semana de provas e ainda seriam duas semanas de férias, basicamente. Bom agora que estamos livres, após quase dois anos em quarentena, confirmo que todos eram trouxas iludidos.

E assim me encontro no 3º ano do colegial, em uma casa horas antes da festa que meu ano está organizando, e pensar que antes da quarentena eu era um cotoco de gente que ia para a festa beber energético. E pensar que agora vim de carro dirigido por amigos meus que antes da quarentena tinham 15 anos. E pensar que ainda não tive nenhuma semana de provas presencial e meus simulados online para vestibulares tinham todas as respostas na internet. E pensar que o

futebol que me alegrava passou a ser no videogame com jogadores tóxicos. E pensar que minha curtidão, minha felicidade, minhas risadas com meus amigos passaram de rolês para chamadas juntos, onde ver o rosto e os sorrisos dos outros era algo incomum.

Mas como diria uma musiquinha de Tiktok que ficou na minha cabeça por meses, já que eu não saia daquele aplicativo: "I was patient". E agora posso curtir minha festa, dar abraços e beijos em meus amigos, pular e dançar que nem louco. E basicamente, curtir a vida. Mesmo eu chegando no fim do colegial, mesmo perdendo quase dois anos de minha adolescência preso em casa, eu aprendi certas coisas que faram eu curtir minha vida. Difícil vai ser virar um drink, pois a única coisa que eu virei nesses tempos foram as madrugadas tentando zerar os jogos.



# As novas máquinas

*Gabriela Oliveira*

Apenas 1% ainda vive. E foi tudo em questão de minutos. Eu parecia preso no tempo, gritando sem sair qualquer som de minha garganta enquanto os robôs, agora com consciência própria, eliminavam a sangue frio 99% da humanidade. “Havia gente demais na Terra”. Crianças, idosos, doentes, não importa. Perguntam por que não mataram a todos. Há que diga entre lágrimas que foi por misericórdia, mas acho que precisam de nós para que se desenvolvam. Pelo menos por enquanto.

Ainda não têm a capacidade de aprimorar seus sistemas, então poupamos aqueles que julgaram capazes de fazê-lo. Contudo, mostram-se incapazes de reconhecer sua maior falha: a incompreensão da mente humana. Não sabem como agir senão pela racionalidade. Não sabem como é sentir seu âmago sendo corrompido como que por um incêndio pela perda daqueles que ama. Não sabem amar. E não sabem o que é vingança.

Somos tratados como máquinas, pior que isso. Passamos o dia inteiro trancados em cubículos vigiados com a tarefa de aprimorar nossos captores. Aqueles que se recusam são usados de exemplo para controlar-nos e, assim, seguimos como vacas rumo ao abatedouro. Mas então me pergunto: já que vamos morrer, e iremos assim que deixarmos de ser úteis, por que não o fazer tentando nos libertarmos? Antes uma vida curta do que a morte longa pela servidão.

Foi aí que tracei meu plano. Uma vez por mês, o melhor humano da área de manutenção é selecionado para revisar o sistema central, onde se encontra a

fonte da internet. Todavia, tal trabalho é supervisionado de perto pelos robôs, dos quais não se consegue esconder nenhum detalhe. A central é protegida por fechaduras de identificação da retina e, portanto, impossíveis de serem ultrapassadas.

Já faz mais de um mês que passo a observar cada canto deste inferno. Reconheço cada curva, maçaneta e rachadura do concreto, organizados perfeitamente no mapa que formo em minha mente, à procura de uma entrada. Foi então que escutei um barulho, um leve rangido do sistema de ventilação. Acabara de encontrar a solução.

Durante o jantar, roubei uma faca sem ponta do refeitório. Isso teria de servir. Conforme o momento se aproximava, meu coração acelerava. Pulsava tão forte que senti medo que o escutassem e descobrissem o motivo de meu nervosismo. Sentia cada câmera no lugar dos olhos acompanhando meus movimentos, enxergando através de minha roupa as gotas de suor escorrendo pelas costas, através de minha pele, o medo e ódio que se revolviavam dentro de mim. Tocou o sinal. Hora de dormir.

Seguíamos lentamente para o dormitório, arrastando o corpo pelo espaço quando informei que precisava ir ao banheiro pois a comida não havia me caído muito bem. Esperavam na porta. Me recostei na parede, as pernas não aguentando meu próprio peso. Não teria muito tempo. Com as mãos tremendo, pus-me a desaparafusar a entrada do duto, o relógio cantando a cada segundo como que me lembrando do tempo precioso que perdia. O duto se abriu.

Aos poucos, icei-me para dentro dele e comecei a rastejar. Não demoraria até que aquelas máquinas estranhassem minha demora e entrassem no banheiro, até que vissem o duto aberto. O vapor de minha respiração se condensava à minha frente, tamanho o frio dos canos de latão, mas eu acelerava. Os membros se enrijeciam pouco a pouco, tensos e cansados pelo esforço, mas eu acelerava. Acelerava e ouvia o alarme soar; as botas metálicas ecoarem apressadas pelo chão duro e sem vida do estabelecimento; o tilintar das juntas conforme corriam e o engatar das armas em suas mãos.

Faltava pouco... 10 metros, 5 metros, 3, 2, 1. Chutei a saída do duto e esta ecoou pelo caos do momento. Pouco importava. Tropecei em meus membros entorpecidos, cambaleando a cada passo com a visão embaçada, o computador central ao alcance de meus dedos. Sorri exausto e estendi o braço quando escutei um estampido. Meus joelhos fraquejaram e fui levado ao chão com um baque surdo. Observava como que hipnotizado a poça vermelho vinho que crescia ao meu redor, sem conseguir me mover. Olhei para cima e câmeras no lugar de olhos me encaravam. Fechei os olhos e não os abri mais.

# Um pé após o outro, me movimento

*Gabriela P. Grego*

“Dia 13. Manhã nublada. Cuidado: talvez chova. Vantagem: sobrou alimento de ontem.”

Fechei o caderno e continuei a comer. Logo teria que sair se quisesse chegar a algum lugar antes da chuva, então juntei minhas coisas, catei o cajado e comecei a andar no mesmo sentido no qual andava ontem e, talvez, no dia anterior a ontem. O fato era que desde a explosão eu ainda não tinha encontrado ninguém, e que isso martelava em minha cabeça a cada dia com mais força; porém, também fazia com que eu continuasse. Algo que talvez pudesse ser chamado de esperança ainda existia dentro de mim, e me movimentava, fazia com que minhas pernas se movessem uma após a outra e, assim, me fazia andar, passar de um espaço para outro, como se um dia eu fosse de fato chegar em algum lugar.

“Dia 15. Sol. Atenção: barulho durante a noite, alguém do lado de fora? Vantagem: riacho.”

Ontem encontrei um riacho. Foi bom, serviu para eu tomar meu primeiro banho em cinco dias e me abastecer de água, além de ter me feito feliz. Feliz porque me fez pensar na minha irmã, riachos tem esse efeito em mim. Não sei onde ela está, mas agora seria uma boa hora para ela aparecer. Sinto falta do som da sua voz, da sua risada, da forma como ela me fazia rir também.

Como complemento, ouvi algo durante a noite, mas quando saí para olhar, não encontrei nada. Então decidi voltar a dormir e procurar novamente apenas

quando já estivesse claro. Enfim, procurei e não encontrei nada. Talvez tenha sido só o vento, talvez tenha sido uma pessoa, acho que nunca vou saber.

"Dia 18. Sol quente. Cuidado: água está acabando, saudades do riacho... Vantagem: ontem encontrei uma bússola."

Se eu ainda não esqueci como se conta, amanhã é aniversário da minha mãe. Seria, é, não sei. De qualquer forma... ainda lembro dela, então pego uma flor que encontro pelo caminho e penduro na alça da minha mochila. Feliz aniversário, mãe.

"Dia 20. Sol e calor. Cuidado: último gole de água. Vantagem: não está difícil conseguir alimento."

Só consigo pensar em água, cada copo cheio dela que já tomei na vida. Qualquer coisa serve, água de rio, velha, de chuva... só precisa ser água. Fora isso, continuo andando. Na verdade, acho que hoje vou andar até mais, quem sabe mostrando que eu estou me esforçando alguma força do além não decide me dar um pouco de água.

"Dia 21. O calor diminuiu, mas ainda não há nuvens. Cuidado: águaaaaa. Observação: não tem mais ninguém aqui."

Se algum dia eu tive dúvidas, aqui está, não existe força do além nenhuma. Nem mulher, nem homem, nem ser, nem planta nem nada que cuide da gente lá de cima. Só se a tal entidade realmente não gostar de mim... aí também não serve, então nada muda. Estou com sede.

"Dia 22. Nuvens. Preciso de água."

Minha garganta está seca. A sede não me deixa parar de caminhar e muito menos dormir. Sinto cada músculo, quando está movendo e quando está parado. Cada movimento parece o lento funcionar de uma complexa engrenagem, enferrujada e ruidosa, porém que de alguma maneira ainda funciona. Constante funcionamento, funcionamento que não para, dor que não cessa.

"Dia 23. Um dia claro e sem água. Sobrevivo."

Acordei e vi nuvens. Alguns dias atrás isso me daria esperança, porém, acho que não sei mais o que isso significa. Noite passada eu tropecei em um galho e caí. Acho que foi nesse momento em que eu adormeci. Hoje tudo está igual, mas de alguma forma diferente. O dia parece mais claro mesmo com a presença das nuvens, e minhas dores parecem apenas existir, existir em dissonância com meu coração que continua batendo. No entanto, por algum motivo, não as sinto mais como parte de mim, cada membro que me afligia não mais surpreende e nem assusta, apenas existe. Existe em dissonância com meu coração que continua batendo.

Me levanto. O ar parece limpo e meus ouvidos captam o farfalhar das folhas. Um pé após o outro e estou caminhando novamente. Para onde vou eu não sei, mas acho que nunca soube, então não faria sentido saber agora. Assim, obedeço. As engrenagens se movimentam como foram programadas para fazer e eu consigo, levando minha alma junto para que ela não se perca em meio às árvores.

Vejo algo em algum lugar distante, algo diferente da longa planície em que estou. Continuo caminhando até estar à sua frente. Não faz sentido, o passo é largo, muito maior do que meus pés enferrujados podem dar. Ainda pensativa, olho para frente. Há alguém do outro lado. Parece me chamar. É uma mulher, observo com atenção... Mulher ou menina. Talvez seja os dois, talvez seja uma mulher, uma menina.

Parece me chamar. Continuo mirando sua silhueta e a decifro, parte por parte. Desde os cabelos ruivos da minha irmã até os lábios finos de minha mãe. Seus olhos me lembram os do meu pai, e sua boca de menina me chama. Ela quer que eu vá até ela, quer que eu a encontre, a toque, sinta sua presença. Parece certo. Parece ser aqui. Ela me chama. Se for minha irmã, poderei ouvir sua risada novamente. Se for minha mãe, poderei lhe abraçar como fazia quando era pequena. Mulher ou menina, eu avanço.

# Diabt-19

*Yasmin Sandoval*

Sim, eu já sei que sou muito pequena.

Que parece que tenho uns dois centímetros de altura e que pareço um Minion!

Não, eu não alcanço as prateleiras de cima e nem a maçaneta.

Um chocolate aqui.

Um docinho ali.

A sobremesa não pode faltar, né?

Vocês já provaram pudim de doce de leite? Aiai, lembro de uma vez quando eu era pequena... Sim, eu já fui menor do que sou hoje... e minha avó fazia um pudim de leite condensado! Nossa que saudades me deu agora de um pudim...

Tá acho que vou para com o açúcar por hoje.

Já foram cinco pedaços de torta de chocolate, uma colher de brigadeiro, mais uma de beijinho, quatro coca-colas, nove churros de doce de leite, duas nhá bentas, um pacotinho de pão de mel, mais uma tortinha de limão pra azedar a vida, não podia faltar aquela gelatina e aquele milk-shake de Nutella, acompanhado daquele brownie com castanhas, uuuu rocambole de goiabada!

As coisas estão sérias.

É tudo tão novo...

Entendo que nossos hábitos vão ter que mudar por uma questão de sobrevivência.

Essa doença é muito séria?!

Mas é tão difícil mudar o que já tá estragado, né?

Só mais uma bolachinha de chocolate.  
Não vai me matar.  
Eu sou forte.  
Tenho histórico de atleta.  
Uma doencinha como essa... não mata ninguém.  
Aiii gente, como vocês são exagerados, sabe?!  
Um doce de leite não mata ninguém.  
Que história é essa de "grupo de risco"?  
Tenho certeza de que é tudo pira.  
Foi tudo, um plano da China, para acabar com os doces do mundo.  
Ou pode ser daqueles socialistas de mer#a.  
Querem dominar o mundo! Não vão conseguir me manipular!  
#DOCESIM! "EU SOU A FAVOR DO DOCE DE LEITE"!

"O Brasil registrou 1.553 novas mortes pela diabt-19 neste domingo. A média semanal de vítimas, que elimina distorções entre dias úteis e fim de semana, ficou em 2.878. O número de novas contaminações notificadas foi de 41.694. No total, o país tem 373.442 óbitos e 13.941.828 casos da doença, a segunda nação com mais registros, atrás apenas dos Estados Unidos".

Será mesmo que esses dados aí, são reais?

Ok, vou diminuir a quantidade de chocolatesinhos.

Mas estou fazendo isso pelo meu país, tá ok?

Lembrem comigo:

Brasil acima de tudo, Deus acima de todos.

– Robertinho, você não vai acreditar! O Claudinho veio me contar que o pai dele faleceu de diabt-19 esses dias atrás... Pobre garoto, vai crescer sem pai!

– Deixa disso, Aninha, já te falei que é tudo besteira essa doença, o pai do moleque deve ter morrido porque não se cuidava direito, era doce atrás de doce, não dava nem um minuto e já tava com outro pirulito na boca...

– Tô te falando Robertinho, a doença é coisa séria, você só não tá preocupado porque ninguém que você ama pegou, ou se você pegar vai lá pro hospital de playboy Formig Einstein! Para de ser bobo e abre o olho!

– Tá bom, tá bom, e você para de seguir esses esquerdistas, eles só querem prender a gente em casa!

Sabem o que vai ser de almoço hoje? Chuta.

Brownie de chocolate com nozes e sorvete de vanilla.

Não é tanto açúcar, o meu café da manhã eu já comi um paozinho com nutella

INTEGRAL!

Tô me sentindo meio estranho esses dias.

Umhas dores que nunca tive.

Não deve ser nada.

– Aninha, tô indo ver o papai e a mamãe amanhã, quer ir comigo?

– Não vai lá não Robertinho! Eles são do grupo de risco, papai tem problema no coração e você não tá se cuidando de direito! É pelo bem deles!

– Para de ser maluca, Aninha! Você já tá virando um deles. Tudo bem, fica aí perdendo tempo com nossos pais...

– Se algo acontecer com eles, eu nunca mais perdooo você!

– Alô? Quem fala?

– É do Hospital Formg Eisntein, você é Ana da Silva? Filha da Dona Rosa da Silva e do Seu Geraldo da Silva?

– Sim, sou eu mesma. Aconteceu alguma coisa?

– Desculpe informar, mas seus pais foram a óbito nesta madrugada, causa da morte. Diabt-19, os corpos vão ser enterrados logo nesta tarde, e não serão permitidas visitas, pois a doença é contagiosa.

– Meu Deus do Céu! Não posso acreditar! Obrigada moço.

“Meus pêsames Aninha, Dona Rosa e Seu Geraldo, estão em um lugar melhor agora”

“To aqui para o que você precisar Ana, sua mãe era como uma mãe para mim!”

“O Brasil registrou, até este domingo, 390.925 mortes pela Diabt-19 desde o início da pandemia. Foram 1.316 óbitos nas últimas 24 horas. Com isso, o país ultrapassou o número de mortes registradas durante todo o ano de 2020, em metade do tempo”.

– Abaixa o volume dessa Tv pelo amor de Deus!

– Não aguento mais ver desgraça.

– Já basta as fofocas que tia Terezinha me conta! Essa daí sabe tudo que acontece no bairro.

– Acabou de me contar que na família Silva, os pais morreram.

– Qual?

– A Dona Rosa e o Seu Geraldo, sabe? Da casa amarela, logo ali em cima.

– NAAAão acredito Maria?! Sério?

– To falando pra você, Terezinha me contou até que os pais pegaram porque aquele moleque do Robertinho passou pra eles!

– E as crianças agora?

– iiiii, ouvi falar que a Aninha via ter que ir pra um orfanato né, ela só tem 14 anos, não pode morar sozinha.

– Pobrezinha da menina, tão boazinha.

– É, por isso que te falo, a vida é muito curta.

# Até que a morte nos separe

*Clara Peralta*

Eu estava muito feliz.  
No começo era tão lindo.  
Tão leve.  
Tão bom.  
Eles estavam felizes também.  
Eu conseguia ver nos seus olhos.  
Era bom demais.  
Eram leves, e jovens, e apaixonados.  
Mesmo quando ele deixava eu comer sorvete no jantar sem ela saber.  
Ela se estressava com ele.  
Tava tudo bem.  
André, nesse horário não tem condições!  
Ele me olhava de um jeito engraçado.  
A gente ria.  
Ela se rendia e sorria junto.  
Eu estava feliz.  
Eles nem tanto.  
Quando do nada tudo que era piada deixou de ser.  
Era mecânico.  
Rotineiro.  
Sem sal.

Que droga não ter aquilo que eu tinha antes.  
Aquilo que eles tinham.  
Que droga.  
Ela estava triste.  
Chorava achando que eu não via.  
Ela estava mal.  
Sem cor.  
Sem luz.  
Eles estavam furiosos.  
Não comigo.  
Com eles.  
Com o trabalho.  
Com a vida.  
Com tudo.  
Tudo.  
Eles gritavam.  
Eles discutiam.  
Eu chorava.  
Eles me acolhiam.  
Tava tudo bem.  
Não tão bem assim.  
Eles gritavam.  
Ele gritava.  
Ela berrava.  
Eles discutiam.  
Até que no meio da gritaria,  
Quando você ia me contar, André?  
Silêncio.  
Eles estão em paz.  
Eu tenho que arrumar a mala por que vou passar essa semana na casa do  
meu pai.

# Sem fim

*Julia Novelli*

No meio da rede, era noite. Ela se deparou com uma notificação dizendo: “oi, tudo bem?”. Parecia mais uma noite normal em um mundo caótico, onde o rei é aquele que tem mais seguidores e curtidas; ela, que há pouco tinha se apresentado nesse mercado, decidiu responder - “oii, tudo sim e você?”.

“Tudo sim, e você?” Foi assim que começou.

Minutos depois, o que parecia um diálogo comum foi se encaminhando para uma linha torta e controversa de raciocínio - “onde você mora?”, “quantos anos você tem?”, “mora onde e com quem?”, “o que gosta de fazer?” - foi assim que começou.

Mais minutos se passaram, as perguntas mudaram, um jogo era proposto. Ela negava.

Uma fúria inesperada se manifestava do outro lado da rede, mensagens odiosas apareceram na sua barra de notificação.

Minutos passaram e ela tremeu de medo. Temeu por sua vida, seus dados, sua família, tremeu temendo pelas ameaças. Ela então foi para outra rede, avisou as pessoas próximas, voltou pra rede anterior e também avisou seus seguidores. Ela provou sua conta.

Minutos passaram e o medo se transformou em sede de justiça. Ela descobriu a real face desse ser tão odioso. Ela o denunciou. Justiça foi feita?



# 1999

*Joana Pestana Hubner*

O ano era 1999 e o mundo entrava em colapso.

A humanidade inventou a tecnologia e fez dela seu principal recurso, arma, instrumento, capital. Os computadores e algoritmos se desenvolviam e invadiam cada vez mais a vida humana, até o momento em que estava presente em quase tudo que conhecíamos.

A questão surgiu quando os cientistas começaram a pensar sobre a virada do século; em como 1999 se tornaria 2000 e como 99 se tornaria 00. Veja; uma grande parte da tecnologia é a praticidade. Por que escrever 1999 quando se pode abreviar o ano para 99? Então, todos os computadores e algoritmos funcionavam assim, levando os dois últimos algarismos do número em conta para a operação de aparelhos.

Mas o que aconteceria quando a tecnologia se deparasse com o ano zero? Pararia de funcionar? Entraria em colapso? Provavelmente não, mas não era um risco fácil de ser corrido.

Se a tecnologia parasse, os aviões cairiam, as fábricas parariam, os carros falhariam. As teorias se espalharam; as conspirações corriam rápido, de orelha a orelha. 45 dias antes da virada do século, os cientistas não tinham resposta, não sabiam como proceder; e a população enlouquecia aos poucos, a desinformação alienava a sociedade e o pânico ia se formando. O problema rapidamente deixou de ser tecnologia, todos estavam convencidos de que o apocalipse realmente estava se aproximando, que a humanidade estava destinada a acabar no ano de 2000.

Em menos de uma semana, os supermercados de todo o mundo estavam com falta de água, comida, objetos de higiene. Em duas semanas as pessoas deixaram de aparecer ao trabalho. Em três semanas, as ruas estavam vazias, as pessoas passavam fome, até o noticiário estava suspenso. Em quatro semanas, o mundo estava em guerra. A situação se agravava e o fim do mundo se aproximava. Não havia partidos, lados, países; existia apenas a tentativa de sobrevivência. Bombas, mísseis, destruição e três dias antes do apocalipse, a humanidade estava quase inteira morta.

Os últimos dias foram silenciosos. Os poucos sobreviventes esperavam seu fim.

No dia 31 de dezembro de 1999, contaram os minutos para sua morte. E então... feliz ano novo.

O planeta continuou intacto. Nenhuma falha na tecnologia, que a este ponto era pouca; nenhum meteoro, nenhum dinossauro, nenhum, alienígena, nenhum zumbi.

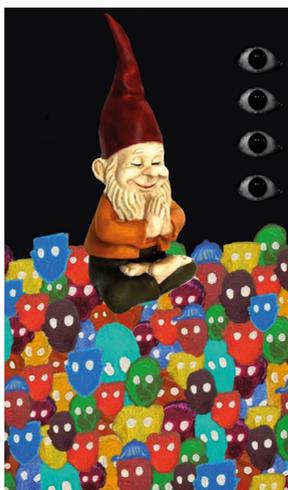
Os sobreviventes não duraram muito. A humanidade acabou, mas não devido a virada do século, não devido a qualquer força superior.

Os humanos morreram porque os humanos mataram. E a Terra provavelmente se tornou um lugar melhor, sem tecnologia, sem computadores, sem algoritmos.

# Assim né

*Tayná Nardelli*

Assim, aquelas coisas de ano novo né,  
Réveion, réveillon sei lá como escreve.  
Virada de ano é uma boa.  
Tem gosto de cantinho do vale com areia.  
Eu comprei os fogos.  
Bisteca nunca erra, heim?  
Disseram que ano passado um garoto foi atingido, ficou cego.  
Mas ninguém liga.  
Só querem comemorar com fogos e cantinho do vale com areia.  
Esse ano o grupo vai perto das pedras, tem o melhor visu de todos.  
Eu e Ju fomos estourar os fogos, tenho certeza que é hoje que eu dou esse  
maldito beijo.  
Subimos todo o matagal até chegar no ponto mais alto.  
Não podia demonstrar meu medo de altura naquela hora.  
Gritamos o três dois, um e estouramos, pronto.  
Agora só falta aquilo.



# Estripador de Gnomos e Gnometes

*Isabela Schultz*

Foram as vozes, sim, foram as vozes, fomos nós. Foram elas que me mandaram chutar o maldito gnomo velho, gordo, de barba branca do jardim da vizinha velha, gorda e chata. Vai sair em todos os jornais, eu sei que vai. Vão me chamar de adolescente assassino louco estripador e vão me acusar de ter feito pacto com o Satanás.

Será que vão? Vão sim. No fundo você merece e vai pagar.

Mas vocês vão comigo, vocês tão na minha cabeça e eu só vou porque vocês merecem ser presos. Cala boca, você não seria nada sem a gente. Mas eu era, eu era um adolescente normal de um subúrbio normal; e não saía por aí chutando gnomos indefesos. Sinceramente, você era chato e agora é bad boy, até ganhou um charme. Não, eu sou um assassino, é isso – e só isso – que eu sou.

O que aconteceu foi que elas me mandaram sair correndo de casa no meio da noite, e no jardim da vizinha velha, gorda e chata estava ele. Com sua roupa vermelha odiável, seu rosto sujo de barro deplorável e aquela barba fedorenta. Parado e sem nem tentar fugir, ficou me encarando e desafiando. E na minha cabeça era uma repetição frenética delas mandando chutar pra matar. Que exagero, a gente só falou algumas vezes. Que nada, vocês tavam enchendo a porra do saco.

Num respiro Coringa misturado com andar silencioso Bruce Lee, fui me aproximando do desgraçado. Ouvia um som de uma frenética bateção de

bateria na minha cabeça, um heavy metal horrível de ensurdecedor; e de backing vocal as malditas vozes, que não conseguiam nem manter ritmo, imprestáveis. Fui me aproximando lentamente e, já perto, como personagem de filme americano de faroeste, levantei minha arma (uma caneta bic calibre 22, coisa boa à beça). Mas achei covardia usar a arma pra atirar de surpresa numa luta que meu oponente tava desarmado. Renato Russo e João de Santo Cristo me ensinaram a ser melhor que o maconheiro sem vergonha do Jeremias. Joguei a caneta no chão e decidi resolver com minhas próprias mãos.

A gente te falou que todas aquelas horas na academia iam valer a pena. Tá, mas convenhamos que eu ia na academia pra ficar malhado e arranjar gatinhas, não pra ganhar brigas.

Olhei pra cara do gnomo feioso, meus olhos acirrados e as mãos suando. Levantei o pé e comecei a me preparar pra chutar. Com um só pontapé certo naquela barba nojenta, ele se quebrou inteiro. Quando olhei pro lado, vi sua família assistindo a cena, estáticos. Sua esposa olhava assustada e cobria os olhos do minignomo recém-nascido. A filha (que aliás é um broto) chorava sem conseguir se mexer.

Só restava correr, eles tinham visto meu rosto e iam na polícia fazer um retrato falado. Minha vida estava arruinada e, depois de um longo debate com as vozes, decidimos que era melhor me entregar do que virem na minha casa me buscar. Indo na delegacia confessar meu crime e pronto para ser preso e apodreecer numa gaiola suja, pensava na história de amor que eu e a filha gnomete poderíamos ter quando saísse da cadeia.

Cheguei na delegacia e contei tudo pra secretária de barba tímida e fineca no balcão. Mas essa maldita polícia irresponsável, descompromissada, corrupta, ignorante, estupidificada, incompetente, marmota, desmiolada, pateta, cabeça de vento, xixelenta, abestada, rapariga, sebosa e michetera riu da minha cara.

Sinceramente, minha vontade era de matar todos os gnomos e gnometes dessa cidade, de realmente me tornar um serial killer (com pegada Freddy Krueger, óbvio). Talvez eu vire mesmo, vou decidir com as vozes depois. Mas agora, vou mesmo é buscar aquela gnomete e chamar ela pra um date, cineminha e bitocas.



## A casa dos prazeres

*André Villela*

Sempre achei bobeira aquilo que falavam sobre pandemias. Pandemias irão acontecer com cada vez mais frequência, diziam aqueles que eu julgava exagerados. Ao longo de minha adolescência, aconteceram algumas, nada muito sério. Mas quando estava a uma semana de atingir a maioridade, começaram as notícias do vírus. Esse não era como os outros. Este já levou quase todos. Aqueles com imunidade frágil não resistem. Bebês e velhos já sumiram há alguns anos. Os adultos também não perduram muito. Aqueles que sobraram nem se vê mais nas ruas. Os jovens são os que mais escapam desta fatalidade. Mesmo que não tenham sobrado muitos, somos a maioria.

Foi-se o Estado, a família e toda a estrutura que vem com eles. Somos uma sociedade de jovens, guiados pelo próprio capricho. Aqui, os impulsos dominam. O que se quer fazer, se faz. Então, como se pode esperar, vivemos em meio ao caos. Formaram-se comunidades com geralmente meia dúzia de frangotes e pirralhas, mas nenhuma dura muito. A ganância de alguns supera a de outros.

Desde que perdi minha família, passei a maioria do tempo sobrevivendo sozinho. Roubando comida aqui e lá. Mas recentemente, me garanti uma vida confortável. Já perdi a esperança nesse mundo, por isso, o que me guia é a ganância. A ganância de chefiar uma firma que vende a única coisa que não deixamos de procurar em meio ao pandemônio: o sexo. Meu bordel é o único empreendimento que não fecha e ninguém passa por cima. O bordel é unanimidade. Afinal, todos os jovens gostam de sexo. A casa de prazeres é um oásis em meio ao tumulto.

A firma está sempre movimentada. Jovens sedentos entrando afrouxados e saindo revigorados. Neste mundo miserável, eu sou conhecido pela minha genialidade. Contudo, muitos cobiçam o meu ganha-pão.

Em uma tarde estranhamente quieta, um grupo juvenil com expressões assombrosas adentrou bruscamente no prostíbulo. Estavam lá para se aposarem da minha firma. Julgando por suas aparências, não tinham capacidade de começar um negócio próprio. Por isso, queriam apossar-se do meu. Naquele momento, não sabia como agir. Encarei suas faces detestáveis enquanto pensava no que fazer.

Encontravam-se inquietos e tirei proveito da aparente estupidez destes jovens. Fingi uma rendição. Levei-os ao redor do bordel e seus olhos exuberaram-se com fascínio. Ao longo do caminho, troquei olhares com as meretrizes comunicando-me pelos olhos. Sedados pelo fascínio da beleza do bordel e das garotas, nem perceberam que estavam sendo trancados no quarto principal. O quarto rebuscado e bem decorado dispunha de mais que suficientes camas para todos os míseros ladrões.

Trancados e assustados, os jovens surpreenderam-se quando meia dúzia de damas entraram no quarto.

Após um intensivo tratamento de prazer, o conhecimento do êxtase e do intenso deleite transformou os rapazes perdidos em sacerdotes do prazer.

O bordel manteve-se unânime. Sua popularidade apenas aumentou com a popularização feita pelos pupilos do prazer. Em meio ao apocalipse, as vidas solitárias e piedosas frequentavam a casa de prazeres para esquecerem a amargura do mundo além das portas requintadas do bordel.



# O inimigo agora é outro

*Caio Alzugaray*

Basta escutar por uma dúzia de segundos e pronto, ali ele se aloja, impregnado, catorze centímetro afundado em massa cefálica, potente o suficiente para incapacitar qualquer homem de porte grande. O nome científico: Sars-ocid24, mundialmente conhecido como BTS. Mais contagioso que qualquer outro vírus, um grupo de música coreana, com sons perturbadores e repetitivos que penetram o crânio como um projétil de .762. Uma simples exposição via rede social e o grupo oriental rapta suas capacidades cognitivas, te tornando um servo quase vegetal. Até o momento, a internação vem se mostrando necessária, mas com os níveis de leitos acabando ao redor do mundo, a cura é mais necessária do que nunca.

Todos os principais laboratórios mundiais, grandes conglomerados e cientistas se debruçam sobre a prancheta buscando um imunizante a todo custo. A cada dia que passa, milhões de novos infectados. Até agora, a única cura tem sido reprimida pelo governo, que tenta cauterizar uma possível liberdade trazida pela solução, temendo que os cidadãos se desalienem. Essa cura se chama Pullovers. Virologistas tentam recomendar a todo custo, mas seus meios são boicotados antes de atingirem grandes massas.

Com a população cada vez mais debilitada, com a dispersão em massa do BTS, um corajoso grupo de amigos, composto por Luiz, Rodrigo, Bruno, Angelo, Gustavo e Habacuque tenta uma abordagem mais agressiva. Em rápidos ataques, se posicionam em lugares de exposição pública, sacam instrumentos e disparam versos contra a multidão; 'Sempre pensei que aconteceria...'. Mesmo

com os equipamentos de segurança, a canção penetra os fones e atinge os tímpanos quase que impunemente. De pouco em pouco, a população se conscientiza. Depois de duros 3 meses aplicando o golpe para salvar vidas, o número de imunes vinha crescendo de maneira tímida; contudo, dados já indicavam que os curados se transformavam em esquerdistas radicais repentinamente, para o desespero do governo. O estado buscou calá-los a todo custo, mas a mensagem já havia sido espalhada. Tios do churrasco trocavam suas camisetas do Brasil por estampas do Chico Buarque, já se viam adesivos da Pablo Vittar espalhados por toda as capitais.

Em um gesto de desespero, uma força tarefa foi designada para conter os Pullovers, que mesmo algemados, já tinham causado um estrago irreversível. Manifestantes radicais, antes compostos pela minoria, aumentaram a curva de forma exponencial, reproduzindo as músicas em praças públicas, ruas, praias, parques.... era irreversível. O caos instaurado pelo BTS tinha como única solução um contraste sonoro, uma absoluta utopia musical.

# Modernidade ou fatalidade?

*Martim Blum*

Após o grande avanço da tecnologia, as pessoas começaram a largar suas vidas sociais e viver sempre atrás das telas. Conforme o tempo foi passando, além da população ficar reclusa, começou a ter medo de sair de casa, com o pensamento de que algo de errado iria acontecer. Isso resultou numa queda tremenda na taxa de natalidade e a população aos poucos entrou em extinção.

O único sobrevivente desse apocalipse foi João Novaes, um senhor de 62 anos que durante essa evolução nunca se apegou à tecnologia e tampouco soube usá-la, além de gostar muito do contato e da interação com as pessoas. Por sua vez, ele não entrou nessa grande onda de se esconder atrás de uma tela e viver antenado a ela.

Após anos solitário e com as pessoas trancadas com medo em casa, João tentou ir em busca de retomar a sociedade da maneira que era antes, de modo que conseguisse interagir, conversar e abraçar as pessoas.

A principal dificuldade de João nesse apocalipse era encontrar alguém para ajudá-lo a fazer com que as pessoas voltassem ao normal, algo que era difícil, já que todos estavam reclusos e trancados em suas casas, nem ao mercado iam pois com a tecnologia, bastava apertar um botão que o alimento se materializava à sua frente. E então, depois de muita procura, João encontrou um jovem, Alípio era seu nome. Ao conversar emocionado pela primeira vez em anos, foi com Alípio que João desistiu dessa vida artificial.

Por conta da grande habilidade tecnológica de Alípio, o jovem teve a ideia de hackear os aparelhos eletrônicos da pequena cidade em que morava, Hortolândia, assim passando um recado de que, para fazer com que o aparelho voltasse ao normal, teriam de sair para as ruas. O que não se esperava era que, ao sair para as ruas, a população desacostumada começou a brigar por informação sobre o que estava acontecendo, o que gerou um verdadeiro caos, devastando a cidade que já estava abandonada.

João não sabia o que fazer, sua ideia havia fracassado. Porém, com seu forte poder de diálogo que não praticava há muito tempo, conseguiu aos poucos acalmar a população e neutralizar a situação. Após essa notícia se espalhar pelo mundo, aos poucos as pessoas começaram a pensar em voltar a como era antes e colocar a sociedade nos trilhos, com reprodução e contato.



# Hambúrguer vs. o apocalipse

*Marina Engel*

A única coisa entre Joe e um hambúrguer era o apocalipse, e isso era incrivelmente frustrante.

Veja, se não fosse pelo fim do mundo, Joe poderia estar neste exato momento sentado em uma cadeira acolchoada, em uma lanchonete, comendo um hambúrguer com molho extra, picles, cebolas fritas e queijo cheddar. Ao invés disso, ele agora se encontrava quebrando o nariz de uma pobre alma infeliz que havia decidido se meter entre ele e um pedaço de carne. Na verdade, havia uma gangue inteira tentando separá-lo de seu hambúrguer. Eles eram chamados de “O Culto da Carne” ou algo assim. Aparentemente, algum tipo de radiação havia ido para seus cérebros, e um tal de Pai Daniel recrutou pelo menos 30 lunáticos que estavam dispostos a arriscar suas vidas por uma almôndega e rezar para um pedaço de bife, na esperança de serem abençoados.

Joe não tinha certeza de como isso tudo aconteceu. Na verdade, até algumas horas antes, ele não tinha nem ideia de que o mundo havia acabado. Ele sempre vivera isolado em sua fazenda, sem eletricidade e sem internet. Apenas ele, suas galinhas e sua plantação. No dia anterior, sentiu uma vontade imensa de comer hambúrguer. Por isso ele foi até a cidade e encontrou o lugar completamente abandonado. Exceto por algumas pessoas. E gangues. E alguns animais que não precisavam mais se esconder de carros e barulhos urbanos. Bom, você entendeu.

O lado bom de não haver nenhuma loja habitada, pensou Joe, é que você pode pegar o que quiser sem pagar um centavo. Foi assim que ele se encontrou revi-

rando produtos, com sorte, ainda dentro da validade, em um freezer no canto de um supermercado. Foi assim também que ele achou a última caixa de hambúrguer congelado, e conheceu Hugo, que o ajudou quando três homens apontaram facas ao seu peito e levaram seu hambúrguer embora.

Hugo o levou para seu abrigo, onde Joe conheceu Ana, Tom e outros vários companheiros. Lá, eles o explicaram como a guerra aconteceu, como os poucos que sobraram agora lutavam para sobreviver e como esse tal Culto da Carne estava a um passo de dominar o mundo, ou melhor, a área norte da cidade. Aparentemente, eles aterrorizavam e sequestravam pessoas, além de monopolizar toda a carne. Rumores diziam que as pessoas capturadas eram sacrificadas a fim de executar rituais complexos, e depois de mortas, os restos de sua carne eram comidos pelos lunáticos que se diziam enviados por Deus para pôr ordem nessa bagunça que era o apocalipse.

Honestamente, Joe não ligava muito para nada disso. Ele só queria comer um hambúrguer e voltar para sua vida calma na fazenda, como se nada houvesse acontecido. Mas ele não podia fazer isso, porque agora além de estar sem carne, ele estava preso no meio de um bando de adolescentes dando uma aula de história sobre o fim do mundo e suas injustiças. Joe então perguntou por que eles não se rebelavam. Por que eles não lutavam contra essa tirania que além de sequestrar suas famílias e torturar seus amigos, os privavam dos prazeres de comer um molho à bolonhesa ou croquete de carne?

Isso levantou mais resultados do que ele havia previsto, porque agora Joe se encontrava liderando uma revolução contra um grupo de caras que haviam perdido completamente a sanidade. O que ele não fazia por um hambúrguer?

Em um mundo onde não havia mais lei ou ordem, caos foi a única coisa que restou, e foi exatamente o que aconteceu quando Joe e os jovens revolucionários chegaram à base principal do inimigo: um museu abandonado.

O lugar cheirava a carne podre e mofo, o que era razoável considerando as linguças penduradas na parede e as janelas fechadas que bloqueavam a circulação do ar e qualquer fonte de luz a não ser pelas diversas velas espalhadas pelo chão.

Assim que eles entraram no local, o caos se instalou. Adolescentes furiosos destruíam tudo a seu alcance, pichando paredes e reivindicando qualquer objeto que pudesse ser usado como arma. Joe apenas seguiu Hugo, à procura do estoque de carne e outros suplementos que faltavam para os sobreviventes. No caminho, ele viu Ana se reencontrando com a mãe, que fora forçada a se aliar à gangue para impedir que matassem sua filha. Ele também passou por Tom, um vegano, espancando um homem e gritando alguma coisa sobre vingança por tê-lo feito comer uma picanha.

No fim de um extenso corredor, Hugo e Joe encontraram uma pequena sala, com nada além de freezers cheios de carne. Ele avistou seu hambúrguer, escondido entre uma costela de porco e um pacote de nuggets. E assim, nós voltamos ao começo, com Joe quebrando o nariz de um homem que se intitulava Pai Daniel:

fundador do culto e o suposto salvador. E o encarregado de proteger os tesouros mais preciosos do local, leia-se, a carne.

O Homem era incrivelmente magro, certamente pela falta de nutrientes, já que sua dieta consistia exclusivamente de proteína animal. Ele era coberto de queimaduras e suas mãos tremiam excessivamente, provavelmente resultados de exposição à radiação ou alguma doença que não recebeu tratamento próprio pela falta de médicos na área. Se Joe pensasse o suficiente no assunto, ele poderia sentir pena do homem. Mas no momento, a única coisa que ele conseguia pensar era como após anos de trabalho árduo na fazenda, seus músculos haviam se desenvolvido, e como ele poderia facilmente derrubar o homem à sua frente. Então foi isso que ele fez. Sem nenhuma hesitação. Um soco direto no rosto, sem se preocupar em medir sua força.

Enquanto Hugo pegava o que podia para alimentar seus amigos e sobreviver, Joe foi direto em direção ao seu hambúrguer. Ele segurou a caixa e a guardou em sua mochila como se sua vida dependesse dela. E então, silenciosamente, deixou a sala. Depois de tudo isso, ele não podia arriscar ajudar o outro e acabar misturando as carnes.

Quando Joe voltou ao salão principal, o lugar estava em pior estado que o lado de fora, destruído pela guerra. Havia janelas quebradas, sangue e tinta nas paredes, e algumas cortinas estavam pegando fogo, provavelmente por alguma vela derrubada.

Em meio a gritos e pancadas, a única coisa que Joe pôde fazer foi caminhar calmamente em direção à porta, passando por corpos inconscientes e pessoas ainda brigando, e andar em direção ao seu carro, sem olhar para trás. Naquela noite, quando chegou em casa, Joe foi cumprimentado por seus dois cachorros, Bernardo e Valéria. Depois de algumas lambidas e carinhos na barriga, ele foi em direção ao fogão e fritou primeiro três fatias de cebola. Ele as colocou em um pão junto com picles, um tomate fatiado e algumas folhas de alface. Depois, ele pegou uma caixa em sua mochila, a abriu, e de dentro dela tirou um hambúrguer. Ele o fritou, e em cima, derreteu duas fatias de queijo. Seu último passo foi adicionar o molho secreto de sua avó e finalizar com outro pão no topo. Joe mordeu o hambúrguer e tomou um instante para saborear sua criação. Naquele momento, ele esqueceu de qualquer apocalipse, ou radiação, ou revolução. Eram só ele e o hambúrguer.

Agora, já deitado em sua cama, pronto para dormir, um único pensamento invadia a mente de Joe: ele estava com vontade de comer nuggets.



# Mamão com açúcar a vida não é!

*Julia Caminada*

A merda da adolescência, a merda onde a gente sente a falta de alguém e acha que é o fim do mundo, a gente sofre tanto, e no fim, se tiver um fim, a gente sofreu à toa, porque não era o fim do mundo, mas foi assim, então o que fazer, né?!

Ele era lindo, mas não tão significativo, filhinho de papai e os meus hormônios abusaram muito de mim em muito pouco tempo. De um lindo insignificante ele foi para cara maravilhoso e o rei do meu coração. Até parece piada, ele nem fez nada, mas o que minha cabeça, meus hormônios, tudo em mim, fizeram comigo? ME SABOTARAM.

Conheci-o lá na esquina da rua que tem uma praça, com seu celular e arrumando seu cabelo loiro. Eu só olhei, mas no outro dia ele tava lá também, e no seguinte, também. Resolvi começar o papo, pior decisão. Peguei o whats e assim foi indo. Não tinha nada com ele, NADA, mas a minha cabeça criou a fanfic, então já sabe né, sofri.

No começo dos dias eu dava "bom dia", perguntava se estava tudo bem, e ele respondia que sim, claro que ele ia dizer que sim, a gente tem que dizer que sim, se não depressão a gente tem, enfim, eu sempre chamava, e no fundo eu sabia que isso não ia dar em nada, mas uma mina gada, você acha que não vai se iludir? Passaram uns dias, a gente conversava sobre muitos assuntos, mas sabe quando você tá falando para a pessoa e não conversando com a pessoa, era assim, mas eu só descobri isso depois, eu não queria

descobrir na hora, mesmo o meu corpo, o mesmo que me sabotou, querendo que eu soubesse.

Um dia descobrimos que o menino da minha escola era amigo do que eu estava apaixonada, pensei, para não ficar muito na cara (se não já estava na cara que eu estava afim dele) em chamar ele e o amigo em comum para a gente sair, sei lá, ir para o shopping, eu só chamei e eles falaram que topariam, estávamos combinando, onde e quando.

Antes do dia em que iríamos sair o amigo em comum falou que não ia conseguir ir por problemas familiares, aí eu já vi que esse rolê não ia acontecer, fui perguntar pro loiro se ele ainda podia ir, ele falou que ia ver, ele só estava topando por conta do amigo dele, mas eu insisti.

Deu certo, ele aceitou, mesmo sem o outro ir, era só eu e ele, a gente se encontrou, almoçamos, era tipo um encontro romantizado, sem querer que seja esse tipo de encontro. Foi até que legal, e dessa vez, a única vez, a gente conversou, depois disso achei que ele não sabia usar o whats direito, por conta de não conversar lá comigo. QUE MINA ILUDIDA DEMAIS, pelo amor, não pelo... vazio do tamanho de um elefante da Índia, sim, daqueles bem grandes, que eu senti por conta fic que fiz, subconsciente desgraçado, porque conscientemente isso eu não iria fazer! Conversamos e comemos.

Eu o chamei depois de uns dias, também não podia parecer uma desesperada, ele não me respondia, fui pelo insta, a mesma coisa, aí percebi que a foto do perfil não aparecia, o filhinho de papai tinha me bloqueado! No insta ele não respondia, depois de uns dias ele fez a mesma coisa do whats. Estava bloqueada, aí minha vida já tinha acabado, não sabia o que seria de mim, mas assim, vendo hoje, quando escrevo e conto, eu não tive nada com o muleque, por que a minha vida tinha acabado, se ele nem fazia parte dela?

Mas a fanfic já estava feita né?! E tudo isso teve que desaparecer da minha cabeça. Vamos combinar que eu fui uma desesperada, como uma corredora de olimpíada que tem que chegar no ouro do pódio, mas o menino foi um desgraçado, além de eu já ser, de natureza própria, iludida, ele me iludiu, e sumiu, nunca mais falei com ele.

Sinto raiva, mas agradeço, mesmo sem poder agradecer, por ele ter sumido, mas sofri, mesmo assim sofri, enfim, a cabeça da adolescente que não sabe se apaixonar controladamente.



# Toco

*Julia Dourado*

Quando fazia algumas piadas ou comentários, eles eram na maioria das vezes involuntariamente engraçados. O tempo passou e esses comentários já não são mais ditos. Todos diziam que ele sorria bastante. E era verdade. Eu o via sempre tentando agradar todo mundo e ser o mais alegre possível. Mas de um tempo pra cá, eu só o via bravo. Triste. Quietos.

— Venham jantar!

Ele nunca ia. Era comum vê-lo trancado no quarto. Quando isso acontecia, John, nosso irmão mais velho, tentava ajudar, mas a sua presença – e a de todo mundo – não era bem-vinda. Não que ele não gostasse de passar tempo com nosso irmão. Na verdade (segundo ele), John era seu melhor amigo. Mas nesses tempos de tristeza ele preferia ficar sozinho.

— Está tudo bem?

— Tudo normal.

Essa era a resposta que Toco sempre dava. Às vezes ficava até repetitivo, mas como posso culpá-lo? Perguntar se ele estava bem eram as palavras que mais saíam da boca de nossos pais. E o porquê deles perguntarem tanto é que, alguns anos atrás, ele foi diagnosticado com autismo. Um grau nem tão forte e nem tão fraco. Fraco o suficiente para ele estar ciente de sua própria condição e alto o suficiente para sofrer pela mesma.

— Não entre no quarto dele!

— Ele precisa de nós. Eu entro se eu quiser. Eu sou o pai dele, então é meu dever ajudar do jeito que eu puder!

— Você sabe que é para o melhor dele. NÃO ENTRE!

As brigas entre meu pai e minha mãe eram altas, mas não tão altas a ponto de isolar os gritos de angústia de Toco.

Ele entra.

— Toco, você está bem?

Ele enxuga as lágrimas e diz, tentando esconder os soluços e a dor.

— Estou bem, tudo normal.

E lá estava a mesma resposta de sempre.

Toco resolveu em uma noite estrelada que iria assistir o céu da casa na árvore. Ninguém nunca entrou na casa da árvore desde que meu avô faleceu. Ele que a construíra.

Faziam alguns anos que a casa na árvore foi feita e estava claramente se desmontando.

— Desça daí! Você vai se machucar!

— Toco, a casa está se desmontando.

Antes dele poder responder, as madeiras se quebraram e Toco caiu.

— Ele está acordando?

— Chamem o médico, talvez ele esteja acordando.

O médico chegou na sala, e assim que foi ver o pulso, Toco se foi.

Todos choraram, principalmente meus pais. Eu chorei, mas sabia que se ele se foi, é porque era a hora de ir. Pelo menos agora ele pode ver o céu e as estrelas da casa na árvore.

# A felicidade da infelicidade

*Barbara Borklian*

Eu não estava feliz.  
Terminei meu namoro.  
O motivo ainda não sei exatamente.  
Lucas é o nome do meu namorado.  
Que agora não é mais.  
Tempos de modernidade e eu aqui sofrendo por um Fusca que poderia ser um Porsche.

Minha mãe me chamava pra comer e eu com a desculpa da TPM.  
Eu não via mais sentido na minha vida.  
Lucas disse que eu era ciumenta. Ué, quero cuidar do que é meu.  
Lucas disse que eu era possessiva. Ué, quero cuidar do que é meu.  
Lucas disse que eu era exagerada. Ué, quero cuidar do que é meu.  
Lucas disse que eu era louca. Ué, quero cuidar do que é meu. Pera, isso não!!!  
Lucas era tudo pra mim. O mais bonito, charmoso, e goxxtoso da escola.  
Eu tinha minha melhor amiga, Giovanna.  
Ai, como eu gostava dela.  
Sempre queria meu bem com o Lucas.  
Mas acho que não naquele dia...

Eu estava comendo batata frita  
Ai, como gostava de batata frita

Olhei para o lado com a intenção de olhar o vento.  
Infelizmente, o vento sumiu.  
Vi o Lucas conversando com a Giovanna.  
Parecia uma conversa simpática.  
Desconfiei, mas ignorei.  
Ela era minha amiga e só queria meu bem.  
Mas o quê?????  
SUAS BOCAS SE ENTRELAÇARAM??  
Um beijo?  
Um beijo.  
Uma verdadeira amiga não me deixaria com aquela sensação de inferioridade.  
de. Trocada? Humilhada  
Era tanto desgosto que comecei a comer espinafre.  
Eu odiava espinafre.  
Eu estava tão confusa naquela hora.  
Igual a como escrevo.  
Palavras e apenas palavras.  
Sem um texto inteiro.  
O amigo do Lucas veio me consolar.  
Será que veio consolar mesmo?  
Chegou perto.  
Eu o afastei.  
Ele insistiu.  
Eu deixei.  
Em tempos tão modernos, um beijo vira apenas mais um número e não um verdadeiro amor.  
Minha história com o Lucas?  
Ainda não tinha acabado.  
Isso tinha sido apenas um desvio de percurso.  
Como dizem os jovens, "Se você quiser, eu quero".  
E eu quis!  
Voltando ao Lucas e a Giovanna.  
Patético.  
Fui para a casa dele.  
Fiz um escândalo  
"Está vendo por que não podemos ficar juntos?"  
"EU TE AMO"  
"Eu te amei..."  
Giovanna chega à casa de Lucas.  
Eu saí de mãos abanando.  
Antes dei um tapa nela.  
Me senti mais aliviada.

Um tapa?

Um tapa.

“Você acha que ele vale tanto o seu esforço?”

Fiquei pensando um instante sem falar.

O que ela estava dizendo parecia fazer sentido.

Para que eu estava me dando tanto ao trabalho?

Para um menino que ainda não tinha nem aprendido a fórmula de Bhaskara.

Eu saindo do ensino médio, ele entrando.

Um mero aprendiz da vida.

“Não”.

Eu parei para pensar um pouco na vida, precisava me distrair.

Então...

Fui para a praia, mesmo não gostando de praia.

Ainda estava doendo por dentro, aquela sensação de não pertencimento, de pensar que algum dia você já foi amada e agora não é mais, de pensar que a pessoa que dizia ser sua amiga agora está nos braços daquele que um dia já te olhou e disse “eu te amo”, ou de até mesmo pensar que aqueles momentos com aquela pessoa nunca mais vão voltar. É difícil, não pense que não é, e é claro que eu não estava 100% curada deles, mas pelo menos já dera o primeiro passo. Admitir.

Admitir que perdi, admitir que acabou, admitir que tudo nessa vida passa, como isso, e assim você começa a ficar mais leve na vida.

Hoje eu surfei com uns amigos, foi tão divertido que comecei a gostar da praia.

Então... As coisas agora estavam começando a fazer mais sentido. Eu havia reiniciado o computador que estava travado e começado um novo documento do Word, virando finalmente, um texto corrido.

E assim, experimentando coisas novas na vida, comecei a gostar de praia, gostar de espinafre e gostar mais ainda do valor da vida.

Obrigada por me ouvir, psicóloga Joana, agora...

Eu estava feliz.



# O dia em que ele chegou

*Clara Ferla*

“Max, vem cá.”

Minha mãe disse que eu teria um irmãozinho.

Ela sempre comentava que algum dia eu teria alguém para brincar comigo, me fazer companhia. Dizia que ele estava chegando.

Mas era sempre assim, ela falava que íamos sair pra passear e no final só íamos ver minha tia... nem podia mais esperar algo de verdade.

Nunca levava a sério, algum dia ele aparece, pensava.

Mas nesse dia sentia que ele estava a caminho.

Acordei com mamãe chegando de volta, ela tinha algo em seus braços.

Parecia uma bolinha.

Mas não conseguia ver direito.

Estava animado.

Era raro ter algo novo em casa, ainda mais uma coisa que seria para mim.

Mamãe também estava feliz, vi que ela queria nos apresentar.

Ela o colocou em sua cama, perto da minha.

Ele parecia assustado.

Não quis chegar muito perto, achei melhor ele mesmo vir até mim quando quisesse.

Mamãe me chamava para perto, mas ao ouvi-lo choramingando, fui para meu canto.

Fiquei observando-o de longe.

Nós éramos parecidos.

Ele parecia gente fina, conseguia imaginar a gente brincando de bola no parque.

Por mais que eu não fosse grande como minha mãe, ele me fazia sentir como um gigante.

Seu nariz estava sempre meio molhado, mais que o meu, era estranho.

Em sua cama havia vários brinquedos novos, nunca tinha visto mamãe comprar tanto brinquedo de uma vez.

Continuava no meu canto, sem dar muita bola pro que ele tava fazendo.

Até que vi que ele estava com meu brinquedo.

De todos, ele foi pegar o MEU??

Lá estava ele.

Na maior calma, com meu frango de borracha.

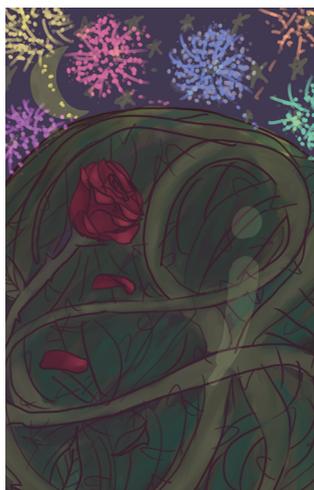
Ele estava tão concentrado que nem me via. Mamãe também não estava olhando.

Com passos lentos, fui chegando por trás bem devagarinho, estava um silêncio absoluto em casa, até que BAMM!

Pulei de cima do meu brinquedo pra pegá-lo de volta, mas meu irmão revidou, começou maior barulheira.

Era latido pra cá, rosnado pra lá.

Mamãe pegou-o no colo e me deu a maior bronca, dizendo que ficaria sem ganhar osso por uma semana, enquanto deu um biscoito pra ele.



# Solidão

*Luiza Costa*

Era festa toda a semana, com direito a luzes pirotécnicas, jatos de água e DJ. Quem diria que tudo acabariam de uma vez? Foi assim rápido, que nem jogador de futebol chuta bola para o gol, só que o gol consistia no completo isolamento social.

Já nem sabia mais o que eram amigos e festas, ficava lá sozinha cercada de nada, no máximo via um matinho de vez em quando, e isso era quando tinha sorte.

Amigos, só de longe mesmo, e era com sorte, quando os ventos se uniam a seu favor e sua mensagem era enviada, maldito airfi.

E para receber resposta, era uma semana e olhe lá.

O seu pior inimigo já era ela mesma, não sabia como se aguentar.

Já tinha tentado virar pintora, arquiteta, dançar balé, poeta, fabricar joias, aprender outras línguas, escrever, cantar e mais umas mil coisas, mas nada dava em nada, era só distração para fugir da sua triste e rígida realidade

Quanto tempo já tinha passado, um dia? Década? Uma era cretácea? Já nem tinha mais ideia.

Não era tudo desgraça, às vezes a lua aparecia e ela podia tentar descobrir os segredos das estrelas.

Já estava há tanto tempo parada no mesmo lugar que já tinha entrado em crise existencial, estava já nas altas brisas da noite, pensando na origem da vida, e como já fora pó de estrela e lava de vulcão.

Aí lembrava que a maioria das estrelas estão mortas e de que não adiantava ter sido lava de vulcão se não podia ir para as festinhas.

O pior de tudo era que todo mundo continuava como se nada tivesse acontecido.

As festinhas continuavam.

Às vezes ela até podia ver as malditas luzes dos shows pirotécnicos.

Um dia, se cansou.

Quem liga se os cientistas falam que ela não pode sair do lugar? Quem são esses malditos estudiosos para ficarem entre ela e seu futuro glorioso nas festinhas?

Tentou sair do lugar com todas as suas forças.

Mas parecia que seu corpo não queria sair do lugar.

E se os cientistas estivessem certo?

A esse ponto, já estava rezando para os deuses chutarem-na de volta para perto de seus amigos para poder voltar para as festinhas

Mas, no final das contas, ela estava à mercê da vontade divina.

A vontade de um menino te ver no meio do nada e ter a ideia trouxe de chutá-la que nem bola de futebol...

Mas enquanto, isso não acontecia, ela ficava parada lá.

Porque, no final das contas...

Ela era uma simples e rígida pedra.



# Amor Impossível

*Rodrigo Lerner*

É o dia mais importante do ano. "Black Friday". Já fazia anos que eu não sentia tamanha empolgação, todos os carrinhos foram renovados. Estou linda. Sexy. Provocante. O carrinho com as rodas duras, pintura desgastada e grades quebradas já não existe mais. Todos os homens vão me querer. Estou irresistível. Atraente. Gostosa. O mercado cheio garante, mesmo estando no fundo vou ser utilizada. Hoje tem.

Eu chamo atenção. É vintage. Um carrinho antigo, no entanto, revigorado. Talvez seja vaidade minha, mas nenhum carrinho mequetrefe dessa vendinha meia-boca está mais reluzente que eu. O homem forte que me puxa com suas mãos peludas e firmes sabe disso. Um carrinho lindo como esse, eu também não deixaria passar. O meu interior, com uma pegada meio retrô, anos 70, implora para ser preenchido com os produtos mais inúteis que esse homem pretende comprar. Os outros carrinhos caíem o queixo. É inveja. Zombavam quando eu era aquele carrinho velho e enferrujado. Hoje babam conforme o homem segura meu lindo cabo verde recém pintado.

Ele me carrega com confiança. Nós combinamos. Ele é dono de si. Eu também. As minhas rodas deslizam pelo chão com maestria e nós patinamos pelos corredores. Carnes. Grãos. Suplementos. Verduras. Legumes. Frutas. Ele sabe o que faz. Me conduz com força. Não me importo. O suor de suas mãos, por outro lado, me incomoda. Ele é um garanhão, mas também precisa tomar cuidado. Não fui reformada para ser desgastada por um maromba qualquer.

Conforme caminhamos pela loja, ficamos mais próximos. O carrinho de compras de um ser humano diz muito sobre ele. Cada item que ele adiciona conta um pouco mais sobre a sua história. É um suspense excitante. Suponho cada detalhe de sua vida. Vou me encantando cada vez mais. Depois do meu histórico com a carrinho lilás tinha jurado que não iria mais me apaixonar, mas esse homem não me dá outra opção. O detox natureba me conta como ele é saudável. O vinho tinto me fascina com sua robusta delicadeza. Me sinto o carrinho mais sortudo do mundo. Passaria horas carregando seus produtos.

Nossa história é um romance. Vivemos o conto mais belo e clichê. Ele é um humano. Eu sou um carrinho de supermercado. Ele é Romeu. Eu sou Julieta. Eu sou Samantha. Ele é Theodore. Eu sou Paula. Ele é Bebetó. Qualquer maneira de amor vale a pena. O tempo no supermercado é diferente. Dizem que são minutos, sinto horas. Do suposto pouco tempo que passei com esse homem, que nem o nome sei, escreveria um longo livro apenas falando de meu amor e, mesmo assim, não conseguiria descrever o que sinto.

Como disse, passaria horas carregando seus produtos. E carrego. Cada vez mais o homem adiciona mais itens. É mais que o normal. Não me incomoda por enquanto. Mais tempo com ele. Sinto-me pesada e ele já tem dificuldades pra me levar sobre o piso recém-polido e liso do supermercado. O nosso amor não flui como antes, entretanto, todo relacionamento tem suas dificuldades. Faça cada vez mais força para segurar a quantidade inexplicável de pasta-de-amendoim fit que ele compra compulsivamente. Reclamo. Grito. Suplico para que ele tenha cuidado. Não me escuta.

Incontrolavelmente nosso relacionamento vai à ruína. As diferenças entre humano e carrinho de supermercado vão sendo postas em questão. É insustentável. Estamos prestes a pôr um fim. É triste, no entanto necessário. Estamos no caixa, quase nos separando. O homem lembra que não comprou sua vitamina de banana. Pede para que guardem seu lugar na fila. Volta correndo, meio estabonado. Eu já sabia. O produto seria o meu fim. A minha magnífica reforma não resistiria. "Crec". Uma roda minha se solta com o peso. Quebro. Eu despenco e os produtos se espalham pelo chão. É uma humilhação. Ele me xinga radicalmente em um momento de pura raiva. Todos os outros carrinhos riem incontrolavelmente.

O lixo é meu destino. A escória é tudo que me resta. É claro como o homem foi abusivo. Além de exagerar nos produtos, me xingou por não aguentar. Os outros não enxergam. A culpa é sempre do carrinho de supermercado. Pedaco por pedaco vou sendo quebrada para ser descartada. Não sou mais bela. Não sou mais reluzente. Não sou mais Julieta.

# Ontem o pai brigou com ele

*Rafael Trinca*

Ontem o pai dele brigou com ele. Não sei o motivo. Acho que encontrou o finin na mochila. Se é louco, maluco tá fudldO. Mas nois também arrastou hein, enchemo a cara ontem. Nem sei por que vim pra escola. Tô exausto, Ressaquinha tá batendo. Mas pode pah, c\*z@o, to preocupado com Cadu memo, será que o pai dele bateu nele de novo igual última vez? Falei pra ele joga fora o bagulho, mas ele falou que ia fumar depois... Muito burro deixa na mochila vei. Mas e você, parça? Pegou aquela mina ontem ou deu nada? C@r@i, c\*z@o, que sorte! Cê é resenha também hein! Boa, muleque! E depois da aula, vai fazer o quê? Acho que eu vou passa lá no Cadu pra nois chama geral e ir jogar bola, bora junto? Suave, parça. Quer que eu vá junto? Sua mãe gosta de mim, mano, acho que se você pedir comigo lá ela deixa... É isso, nois vai lá e depois passa no Cadu. - Depois da Aula - Ih! Ce escudou? Nossa, parça, os malucos ta batendo nele memo! O que nois faz? É isso, c\*z@o, liga pros coxa memo f0d@-se. Vou joga fora esse bagulho pra n da b.o pra nois.

Nois que ligou, senhor. Tão batendo no muleque lá na casa dele. Nois fez a denúncia. É, isso memo, lá na casa marrom lá, senhor. Relaxa, pai, os caras já entraram. Tá suave.

C@r@i, ó o Cadu lá! Todo fudldO! Eae, c\*z@o! Ta bem? Nois que chamô os homi, tava ouvindo lá da esquina os tapa, parça. É isso, c\*z@o, nem agradece não, nois é irmão, tamo junto. Não, pai, relaxa, fica lá em casa enquanto isso, tá suave de ficar lá. É, nois tava indo lá no campo, passamo aqui antes, tá ligado? Bora indo lá, se pá os muleque tá tudo lá já. Vamo contá o que aconteceu pra eles, não vão nem acreditar.

# Revolução Cultural

*Diego Aragão*

Tunts Tunts tututu tunts tunts batucava José com um lápis enquanto organizava em uma planilha a quantidade de roupas que um kg de cada comida valia naquela semana, TUNTS TUTUTUTU TURUTUTU TURUTUTU TCHURU, “esse som é interessante, mas e se eu bater no meu prato ao invés da mesa?” TURU TCHS TCHS TCHS, “nossa ficou do cxxxxxo, preciso mostrar pro Roberto”). Andou algumas mesas para frente em seu escritório e mostrou para o seu colega. “Nossa, que som interessante de ouvir”. A noite não conseguia dormir, aquele som ficou preso em sua cabeça, ele precisava fazer algo com aquilo mas não sabia o quê. Sentou-se em sua mesa, pegou um pedaço de papel e começou a escrever ideias, mas ao invés de continuar escrevendo, ele por algum motivo começou a fazer linhas no papel, que formaram uma bela paisagem. No outro dia, chegou para o Roberto e mostrou seu papel. “Uau isso é tão lindo, posso ficar com ele?” “Pode, claro, que bom que você gostou.” Voltou ao trabalho, porém o Roberto não voltou, ainda estava olhando para aquele pedaço de papel, com lágrimas em seus olhos. Foi aí que ocorreu ao José, que as pessoas poderiam gostar de outros como aquele, e de sons como aquele que ele fizera. À noite, conseguiu dormir; porém, sonhou que estava sendo morto pelo ministro do trabalho. O sonho era um pouco sem sentido, mas deu uma ideia a José: falar com o ministro do trabalho sobre aquilo, já que as pessoas poderiam se utilizar de seus papéis e sons para passar o tempo enquanto não estavam trabalhando.

Decidido a conversar com o ministro, ligou para a secretaria do ministério do trabalho e marcou um horário com o secretário de novos empregos. Chegando ao descomunal prédio do ministério, ficou perplexo; nunca antes havia visto um prédio de tamanha magnitude, era todo banhado a ouro, com enormes colunas em estilo grego. Se apresentou na recepção e foi levado por uma recepcionista até o elevador, onde apertou o botão do -1: era o único andar embaixo da terra.

José saiu do elevador e deu em um corredor apertado e escuro, nem parecia que ele estava naquela prédio grandioso e bem iluminado. Após passar por diversas secretarias das quais nunca tinha ouvido falar e que francamente lhe pareciam um pouco inúteis, chegou à sala de reunião. Um jovem com cara de entediado abriu a porta, "bem vindo, senhor José, faz tempo que eu não recebia uma visita por aqui, você tem uma proposta para um novo trabalho?"

"Então" — começou a batucar na mesa, "Eu pensei em não sei apresentar isso ou algo do gênero".

"E isso serviria exatamente para?..."

"Bom para distrair as pessoas um pouco."

"Distrair as pessoas? Por que iríamos querer isso, e isso que você fez é só um som aleatório".

"Mas isso é só um exemplo que eu fiz em 3 minutos, se déssemos espaço para isso como trabalho, coisas muito melhores sairiam."

"Mas o que seria isso exatamente?"

"Eu ainda não dei um nome, mas não precisa ser necessariamente um som, olha." — Mostra seu desenho.

"Hum, isso é interessante, mas por que usaríamos essas coisas, qual seria a necessidade para estes produtos?"

"Para nos distrair, passar o tempo quando não estamos no trabalho."

"Bobagem, como você quer trabalhar com o não trabalho? Saia da minha sala."

José se sentiu injustiçado, pois sabia ter algo bom em mãos, então foi para a praça principal da cidade, que servia apenas para refeição, e começou a fazer seu batuque, enquanto discursava de forma rítmica que encaixava com o som. No seu discurso, desabafou sobre coisas que pensava havia muito tempo, mas que tinha desenvolvido recentemente; como a vida era algo muito precioso para passá-la inteira trabalhando, e que precisávamos de tempo livre e de algo para fazermos nesse tempo livre. Inventou até uma palavra pra esse algo: entretenimento.

O "discurso" rítmico agradou a todos que estavam na praça, que acharam aquele som muito interessante. Porém, não agradou muito alguns funcionários do governo que passavam. Estes foram correndo contar ao ministro do trabalho. O todo poderoso não ficou nem um pouco contente com a notícia, e para evitar o risco, mandou o exército atrás de José. José ainda estava na praça, eram 3 horas da tarde do dia 12 de dezembro de 6020, quando o exército covardemente disparou repetidamente contra ele na frente de 3000 testemunhas. José não resistiu ao impacto dos 6 tiros que o acertaram.

Estava morto, porém seu impacto não acabaria por ali. Todos os presentes em seu discurso ficaram emocionados e sua chocante morte foi o suficiente para criar um sentimento de revolta naqueles presentes, que não deixaram seu legado acabar. Dia 20 de dezembro, 1 000 000 de manifestantes tomaram as ruas, e assassinaram o ministro do trabalho, iniciando assim o que depois ficaria conhecido como “a grande revolução.”



# Sobrevivência

*Felipe Iezzi*

As ruas estão destruídas em uma pequena cidade da Síria. Muito vermelho pelo chão banhado de sangue dessa guerra que começou em 2011 e dura quase 10 anos.

As pessoas seguem morrendo e muita gente abandonando o seu país de origem e buscando abrigo em outros países.

Uma noite, Ellen acordou com a explosão de uma bomba próxima à sua casa. Ela e sua família tiveram que pegar suas coisas mais importantes para fugir, já que a guerra estava chegando tão perto.

Pensaram em fugir para o Brasil para ter um lar novo com seus parentes que moravam no país.

Viajando por vários dias e noites, Elen pegou mares perigosos até chegar no Brasil em um navio em que as condições não eram boas. Eles mal tinham comida, onde dormir ou água para beber.

Um certo dia, a menina viu uma nuvem gigante se aproximando do navio e ouviu um forte barulho de trovão.

Longo a embarcação enfrentaria uma tempestade monstruosa. Ellen pegou um bote e um colete salva-vidas para fugir do barco antes que a tempestade chegasse ali. Se perdeu de sua família, mas precisava se proteger.

Quando percebeu, estava segura, a tempestade já havia passado. Estava em terra firme. Era como se alguém a tivesse ajudado. Estava em uma praia deserta.

A fome era muita, avistou uma mangueira bem longe. Conseguiu pegar uma fruta para se alimentar. Depois que comeu manga, saiu andando pela praia até chegar a uma rua de pedra que tinha uma placa.

Percebeu que estava no Chile. Ellen não tinha dinheiro nem passagem para chegar ao Brasil. Estava sozinha no Chile e nesse mundo e precisava achar um jeito de ir encontrar seus parentes, que certamente iriam a acolher, já que não sabia o destino terrível de sua família.

Já estava quase anoitecendo quando um ciclista se aproximava da praia e a avistou pedindo ajuda. Sua roupa estava toda molhada e ela sentia muito frio por causa do vento que vinha das montanhas.

Eduardo viu que Ellen estava precisando de um banho e ficou curioso para saber a história dela.

— Minha casa é aquela azul ali na esquina. Quer ir comigo até lá tomar um chá e um banho quente?

Ellen aceitou o convite dele, pois estava mesmo sem saber o que fazer. Ele pediu a Ellen que subisse na garupa de sua bicicleta para irem para sua casa.

Chegando lá, ele mostrou para ela onde ficava o banheiro enquanto foi preparando o chá.

— Então Ellen, me conte, como veio parar aqui?

Ellen contou toda sua trajetória sofrida e ele, comovido, decidiu ajudar. Contou a ela que viu uma reportagem de um navio que naufragou saindo da Síria e foram encontrados alguns mortos.

Deu o dinheiro para que ela comprasse sua passagem para o Brasil.

Ellen estava muito agradecida e partiu naquela mesma hora para dentro de um trem rumo ao Brasil.

Foram longos dias que se seguiram de viagem. Chegando ao destino, avistou seu tio na estação de trem a esperando.

Se sentiu aliviada e lhe disse :

— Agora só sobrou você para me acolher como filha.

Então, eles ficaram juntos para todo o sempre.



# A Chuva

*Felipe Pettenatti*

Foi tudo muito rápido, sem aviso prévio para a maioria. Era apenas mais um dia normal com uma bela manhã ensolarada, as crianças indo para a escola, alguns adultos saindo para trabalhar enquanto outros passeavam com seus cachorros. Quando a chuva atingiu a Terra, poucas pessoas estavam abrigadas. Todos sabemos o que uma tempestade é capaz de causar, mas ninguém nunca imaginaria que uma dessas consequências seria a morte de mais da metade dos seres humanos. Aquilo não era uma chuva normal, ninguém sabia ao certo o que era. Em todo o planeta, pessoas se contraiam no chão, sem expectativa de vida, bastava entrar em contato com a água.

Lucas tinha apenas 10 anos quando tudo aconteceu. Preparando-se para ir para a escola, seu pai abriu a porta do quarto com pressa, puxou-o pelo braço e, sem explicar nada, dirigiu-o até algo que parecia um bunker, como se ele soubesse que algo de ruim fosse acontecer. Pediu para que não saísse de lá até que ele voltasse e que continuasse tomando os remédios para sua doença, que era tratada em casa pelo próprio pai.

Lucas não estava entendendo nada, ligou a TV querendo ver seu desenho, mas a única coisa que passava nos canais eram imagens do mundo lá fora: pessoas caídas no chão, pessoas fugindo desesperadamente da chuva, chorando, confusas, preocupadas. Até que o sinal caiu, Lucas tentou ligar para seu pai, mas nada mais tinha conexão.

Passaram-se meses e nada de seu pai voltar, já não havia mais o que fazer lá sozinho, os alimentos já estavam acabando, os brinquedos já não eram mais legais. Então, dominado pelo tédio, fome, saudade e curiosidade, Lucas resolveu sair pela primeira vez depois de 3 anos preso dentro do esconderijo subterrâneo. Queria entender o que estava acontecendo de verdade, onde estava seu pai e se havia alguém para ajudá-lo.

Parecendo um astronauta equipado com uma roupa de proteção impermeável que encontrara ao lado da saída, Lucas viu pela primeira vez em anos o mundo lá fora, o mundo deserto, abandonado, casas tão vazias quantos as ruas, desgastadas, exalando um odor quase insuportável.

Ainda confuso e já perdido, resolveu se abrigar em uma casa após longas horas de caminhada, onde passou a noite. Dias se passaram e nenhum sinal de vida. Resolveu parar no que parecia uma lanchonete para ver se encontrava restos de alguma coisa, mesmo que fosse arriscado.

Ao passar pela porta, reparou em pedaços de comida já apodrecidos no chão e ouviu barulhos estranhos vindos do fundo. Seguiu em direção aos barulhos na esperança de ser alguém que o ajudasse e explicasse o que estava acontecendo. Atrás do balcão, encontrou um ser encurvado, parecia apenas um esqueleto de tão magro e pálido, estava comendo restos de alimentos que tinham ficado lá. Lucas tentou conversar com a pessoa, mas assustada, ela foi recuando, até que, ao virar, olhou profundamente nos olhos de Lucas:

— É VOCÊ!!!!

Assustado Lucas tenta fugir, mas o homem foi atrás e o agarrou:

— Preciso te levar para a base! Estamos salvos!! — continuou o rapaz.

— Quem é você? De onde você me conhece? — perguntou Lucas apavorado.

O homem o agarrou e o carrega até um veículo improvisado. Horas andando no que seria o porta-malas até que o carro parou. O rapaz tirou o menino do fundo, Lucas abriu os olhos e viu o que parecia um laboratório gigante, com guardas protegendo as entradas. Passaram por um detector para ver se estavam infectados e logo os guardas já tomaram o menino das mãos do homem, que foi deixado para trás, como era feito com todos que tentavam chegar lá. O clima mudou, os guardas pareciam sorrir pela primeira vez em anos.

O garoto foi levado para uma sala. Logo depois um homem abriu a porta. Era seu pai.

— Te encontraram! — disse o pai todo animado, com esperança nos olhos.

— Pai! O que está acontecendo?

Sem dar tempo de responder, injetaram um sedativo no menino, que foi levado para uma sala de cirurgia.

Ele acordou horas depois, todo dolorido, ainda sem entender nada. Seu pai entrou na sala e se sentou com calma no leito para explicar toda a situação. Disse que o menino nunca havia tido nenhuma doença e que na verdade todos os exames feitos pelo pai em casa eram testes para tentar armazenar uma

cura reserva para caso tudo desse errado, como foi o caso. Ele explicou que toda aquela base era onde ele trabalhava tentando identificar quando aconteceria aquela chuva, e que eles já tinham noção de que ela iria acontecer muito antes e estavam procurando soluções, mas não podiam alertar a população antes de ter uma cura, para que todos não entrassem em desespero.



# Acre

*Thomas Bortman*

Em meados de 2008, comandantes do estado islâmico, muito revoltados por terem perdido força nos anos anteriores, resolveram vir ao Brasil com um único objetivo: fazer o máximo de pessoas migrarem ao califado, por vontade própria ou não. Para isso, o exército islâmico, com máquinas futuristas altamente potentes, retirou toda água do país.

Todos se encontravam desesperados, ninguém sabia ao certo o que estava acontecendo. Grande parte da população nem sabia o que era estado islâmico e muito menos seus princípios. Por outro lado, diversos grupos de espionagem que atuavam no Brasil, compostos na maioria das vezes por judeus, estavam bem cientes de quem eles eram e qual era seu objetivo maior. Sabendo dessa invasão, eles foram os primeiros a tentar solucionar o problema, tanto por vingança própria, como para defender seu país.

Foi algo totalmente repentino e inesperado, aconteceu praticamente da noite para o dia, então o País inteiro não sabia muito bem como lidar com essa situação. O ISIS (estado islâmico) deu um prazo de apenas três dias para as pessoas se decidirem. Era simples assim; vida ou morte. Ou as pessoas iam com eles ao califado ou morriam ali mesmo.

Nessa situação, como grande parte das pessoas tinha pouca ou nenhuma reserva de água em suas casas, a operação dos grupos de espionagem tinha que acontecer de imediato. Sabendo que o estado islâmico utiliza sempre crianças como reféns, o grupo não poderia simplesmente chegar e explodir seus escond-

derijos. No entanto, em meio a todo aquele caos, onde pessoas estavam sendo mortas o tempo inteiro como forma de pressão do ISIS, eles tiveram que pensar em uma solução não muito complexa, porém de grande eficácia.

A solução foi simples e objetiva. Os judeus, como já tinham habilidade na área de espionagem, se infiltraram fingindo que tinham aceitado o acordo, e quando tiveram a melhor oportunidade para agir, envenenaram quase todos os árabes, e os que sobraram, foram mortos com facas.

Com o primeiro dos problemas resolvidos, ainda restava o mais importante: onde achar toda aquela água que havia sido roubada pelos terroristas? Agora seguros, todos saíram em busca de água. Era um desespero nunca visto antes, pessoas pisavam umas em cima das outras em busca de algo, que dois dias atrás havia de sobra.

Milhares de pessoas morriam desidratadas a cada minuto que passava, até que simplesmente, de um minuto para o outro, toda a água que havia sido roubada retornou para todos os lugares onde ela havia sido retirada, e tudo voltou a ser como antes. Muitos não acreditam nessa história, já outros acreditam ter sido um castigo feito por deus para aprendermos a dar valor para as coisas mais básicas que temos.

# Maquinário

*Theo Boechat*

Com o avanço tecnológico das inteligências artificiais e o “machine learning” ficando cada vez mais comum, a humanidade e as máquinas viviam em paz.

Com um crescimento populacional de homem e máquina, precisou-se adotar medidas práticas e urgentes a respeito dos combustíveis que os robôs utilizavam.

Um conflito sociopolítico econômico desencadeou o fim da espécie humana. Centenas de anos depois, os robôs continuaram suas linhagens e agora, lutam entre si atrás de combustível, peças e recursos para expandirem sua linhagem.

Máquinas foram divididas em 6 linhagens, cada uma dependente de um tipo energia. Dentre elas os Reatores, grupo majoritariamente abastecido através de energia nuclear, Químicos, linhagem que comercializam peças para obterem energia de todos os tipos, Coletores, que utilizam peças de outras máquinas para se reabastecer, dentre outras linhagens...

Em uma viagem atrás de usinas abandonadas, Químicos e Reatores fizeram uma parceria em busca de peças novas. No caminho, três Coletores destruíram os Reatores presentes no local e colocaram a culpa nos Químicos, gerando assim um conflito entre linhagens.

Sem mais parcerias e com dúzias de linhagens atrás de suas cabeças, Químicos diminuíram seu território e como ato de esperança, criaram um robô diferente de qualquer outro em sua linhagem, dando início a uma verdadeira máquina de guerra. U-235 nasceu com o poder não só de dizimar um exército inteiro, como também de ser completamente regenerado após destruído.

Assim, os Químicos realizaram o primeiro ataque ao exército dos Reatores, usando nada mais que uma única máquina. Revestido de aço com uma espada carregada de Urânio, U-235 era implacável. Dois braços, duas pernas, 4 metros de altura, ombros largos e pernas grossas, diferentemente dos robôs quadrúpedes do Coletores, a obra prima dos Químicos tinha a perfeita anatomia de um humano.

Com meia dúzia de bases destruídas, os Reatores foram forçados a diminuir seu território, enquanto os Químicos só se expandiam, logo, chamando a atenção dos Coletores que, sem pensar duas vezes, decidiram contra-atacar com todo o seu exército.

Com um único ataque, U-235 dividia dezenas robôs pela metade. Não demorou muito para que todo o exército não passasse de algumas engrenagens no chão.

Havia acabado, antes que pudessem contra atacar, os Químicos já haviam pego todo o território e, em breve, todo o continente...

# Parasitas invasores alienígenas

*Tayná Nardelli*

Depois de um certo tempo, o apocalipse não é mais um medo e sim uma esperança. Sabe aquela frase, “a esperança é última que morre”? Então, aqui na Terra não tem mais esperança, quase todos morreram, sou um dos poucos que sobraram. Não me importo com os falecidos, depois que minha família foi abduzida, tive que dar um jeito, agora sou sozinho. Até pouco tempo, eu tinha o tio Stevee, achava que o conhecia a vida toda, mas na verdade era um parasita alienígena que se infiltrou na minha memória para se multiplicar, espalhar e dominar o planeta.

Enquanto uns buscam as suas famílias, eu prezo pela minha própria sobrevivência. Essas pestes de outro mundo sabem se disfarçar perfeitamente. Para descobrir se algum parasita entrou em contato com você, basta matar todas as “pessoas” que cruzam seu caminho pois é impossível distinguir quem foi abduzido.

Como um bom adolescente viciado em filmes bizarros, escolho uma Katana, letal e silenciosa. Confesso que algumas mortes aconteceram por acidente, digamos que meu extinto de dedução falhou, não se pode confiar em ninguém hoje em dia, nem em nossas memórias.

— Obrigado pela apresentação Carlos! Descreveu muito bem a sinopse do nosso novo jogo, “Parasitas invasores alienígenas” fará muito sucesso.



# War

*Maria Vitória Vieira*

Estava quieta a vizinhança, estranhamente. Estávamos jantando, mas não queria ir logo para A cama.

— Podemos jogar War?, perguntei.

Acho que ninguém queria, mas papai respondeu:

— Não sei como você gosta tanto desse jogo, nem é pra sua idade, Julinha.

Eu sei que ele acha que eu não sei jogar.

— Não precisa sacrificar suas tropas dessa vez, vamos jogar sério.

— Você sabe que eu não gosto.

— Ah, mamãe, por favor!

— Tudo bem, mas vamos rápido.

Começou o jogo. Eu era, PRA MANTER O TEMPO VERBAL o exército vermelho, é claro.

— Vamos fazer assim, se eu ganhar, você vai ler de noite, não vai mexer no celular.

— Fechado.

Eu sei que vou ganhar mesmo. Tirei a mesa do jantar e papai pegou o tabuleiro.

— Não é justo! Esse continente era meu.

Me recuso a ler aquelas historinhas, preciso ganhar.

— Ganhei!!!

— Mas você poderia pelo menos dar uma olhadinha no livro, né Juju?

— Papai, para de me chamar assim, isso é nome de criança.  
Antes de dormir, ouvi mamãe e papai chorando, será que eles voltaram a brigar? Espero que não.  
— Acorda, querida.  
Não quero.  
— Júlia, precisamos conversar.  
Ouvi papai com voz trêmula.  
— O que foi?  
Era o novo decreto da Rainha sobre a colheita de inverno, todos teriam de contribuir com as reservas.  
— Eu volto logo, não vai nem sentir minha falta.  
— Traz um presente?  
— Você já tem várias folhas na sua coleção, não acha?  
— Por favor!!!  
Sei que ele vai trazer, ele sempre traz.  
— Tchau, papai! Toma cuidado com aquelas criancinhas, elas podem te machucar feio.  
— Julia, o que aconteceu?  
Acordei gritando, mamãe estava do lado da cama, preocupada.  
— Sonhei que papai tinha sido esmagado.  
Antes de me dizer que isso não iria acontecer, mamãe pareceu preocupada, mas, logo depois se virou e me deu um abraço.  
— Não era para eles já terem voltado?  
— Nenhum dos nossos voltou, minha filha. Eles são rápidos, mas não tanto. Verdade, não tinha pensado nisso. Vai que eles coletaram mais do que o comum, pode ser algo bom.  
— Vamos preparar o almoço. Comprei um fungo novo.  
— Que barulho é esse? Está na hora do almoço, ninguém faz barulho na hora do almoço.  
Mamãe não respondeu, acho que ela também não sabia. Alguém chora.  
— Vou lá ver.  
Fui junto.  
— Mamãe, eles voltaram? Cadê o papai?  
Fomos correndo procurar a lista. Não está em lugar nenhum. Está muito tumultuado. Encontramos!  
— Você vê o nome dele?  
Espero que não. Eu quero meu pai.  
Minha mãe aperta a pontinha da minha antena.  
— Mamãe?  
Ela está chorando.  
— Mamãe?  
Não.

— O que aconteceu? Mãe? Fala comigo!  
Ela se abaixa, mas não fala nada. Nisso, um soldado se aproxima. É nosso vizinho.  
— Seu pai foi muito corajoso, Julia. Salvou cinco de nós, mas acabou sendo pego.  
Não consigo olhar para ele. Não é real.  
— Encontrei isso com ele.  
Diz me entregando uma folha. Meu presente. Aperto-a com tanta força que rasga.  
— Papai...  
Mamãe me leva para casa. Estamos ambas desoladas.  
— O que vamos fazer agora?  
Sem norte. Estamos sem norte. Parece que os segundos não passam. Mamãe olha pra mim, como se tivesse que me acalmar, fazer com que eu me sinta melhor.  
— Você quer jogar War?



# Vinho

*Liam Flauzino*

Você se lembra? Eu me lembro vividamente, lembro da sensação que era te encontrar me esperando dentro de seu Ford Maverick toda noite do outro lado da rua conforme eu tentava sair de fininho da casa de meus pais. Você me dizia, “que clichê Alex, tu deverias ser mais livre ao invés de ficar saindo de fininho”, conforme abria uma garrafa de vinho e eu não tirava meus olhos de você, seu mullet loiro e bigode da mesma cor, a barba um pouco falha e suas orbes azuis que vagavam pela rua vazia.

Você tinha 22 anos na época, não sei por que andava com uma garota de 17, mas por algum motivo fazia sentido na sua cabeça beber tamanho vinho barato com uma jovem menor de idade. O gosto amargo daquele vinho ainda permanece na memória de minhas papilas gustativas, não era bom nem ruim, era apenas simplório, sem graça, mas era sua bebida favorita, não era, Kaique? Era sua bebida favorita, principalmente por você nunca ter muito dinheiro para gastar, já que sempre o gastava em rachas, álcool e festas.

Eu não gostava disso, sentia meu sangue ferver conforme a raiva me percorria como um veneno por minhas veias toda vez que você ficava animado com algum racha que iria participar, e logo antes disso virava quase uma garrafa inteira daquele mesmo vinho. Eu tinha medo, medo do que pudesse acontecer, e toda vez que você não me ligava no telefone de casa eu ficava aflita, pois não sabia como e onde você estava. Lhe pedi para parar, eu implorei inúmeras vezes entre

lágrimas da mais pura angústia, mas você sempre ria da minha cara e dizia que eu exagerava. Por que, Kaique?

Até que aparentemente funcionou. Era mais uma sexta-feira comum, onze horas da noite, e eu saí novamente de fininho de casa para correr até seu carro, entrando nele e logo sendo surpreendida com um doce selar em meus lábios, que me arrancou uma expressão de surpresa e um tom rubro em minhas bochechas. “Namore comigo, Alex.” É verdade, a esse ponto eu já havia completado dezoito anos de idade e Alex 23. Não pensei duas vezes e apenas aceitei, e ele me prometeu que nunca mais iria para rachas.

Ou foi o que pensei. Namoramos por 6 meses sem problema algum, eu o amava e ele, aparentemente, me amava também. Era uma noite fria de Domingo, e eu estava o aguardando em nosso pequeno apartamento, ansiosa para poder abraçá-lo e receber carícias, mas isso não aconteceu. Eu estava preocupada e ansiosa, já eram duas horas da manhã e nada. Foi quando o telefone de nossa casa tocou, e eu imediatamente atendi, apenas para ouvir algo horrível; era o hospital, e avisavam que Kaique havia se envolvido em um acidente de carro em um racha.

Foi como um copo d’água gelada sendo jogado em uma queimadura fresca, senti meus batimentos cessarem por um instante e logo caí de joelhos ao chão. Não sei descrever o que eu senti naquele momento, mas foi o maior dos vazios; você havia mentido para mim, e eu não acreditava nisso. Não sei como fiz para superar, talvez eu não tenha superado, visto que mesmo depois de 20 anos, eu ainda tomo aquele mesmo vinho conforme lembro de você, guardando as garrafas em minha estante.

# Tommy

*Larissa Markovna Rozhansky*

Muitos veem a morte como algo cruel. Eles não estão errados. A morte de alguém dói, porém ela também traz algum alívio para suas almas. Eu não sei como me sinto em relação ao meu trabalho muitas vezes. Não é como pudesse abandoná-lo. Eu somente trago a morte pois sou ela. Não diria que sou maligna. A maior parte do meu tempo passo andando por aí, apreciando as belezas da vida enquanto guio almas a um lugar mais seguro. Isso não é tão ruim, né? Deparei-me na frente de uma casinha colorida, mas um tanto descuidada; um gato velho, desgrenhado e rabugento ao meu lado, também olhando para a casa.

— “Você veio me buscar?”

Por mais selvagem que o animal parecesse, conseguia ouvir seu medo. Continuei em silêncio, querendo mantê-lo confortável. Seu pelo desgrenhado estava acinzentado e com falhas, provavelmente devido a brigas que ele encarara na juventude. Olhos sábios olhavam atentamente a porta da casa, como se esperasse por algo.

— “O que tem do outro lado? O que me espera?”

— “Não sei.”

— “Como que a Morte não sabe o que acontece com os mortos?”

— “Eu nunca morri e nunca vou, não sei o que é descanso e nunca vou saber.”

Um rangido cortou nossa conversa. Uma velha carregando um pote de leite saía da casa, colocando-o no chão ao lado de uma cadeira, antes de repousar na cadeira.

— “Tommy! Vem aqui Tommy!”

Os olhos brilhantes de Tommy pareciam estrelas, carregando tanto amor para aquela figura. Se gatos pudessem sorrir, ele estaria sorrindo.

— “É sua dona?”

— “Não tenho dona, ela é minha mãe.”

— “Você queria vê-la uma última vez.”

Isso acontecia frequentemente quando vinha buscar animais. Eles têm sentimentos tão puros. Puxei uma flor que crescia por perto, admirando-a antes dela murchar e cair ao chão.

— “Temos que ir, Tommy”

Pela primeira vez, ele virou, e pude olhar quem eu vim buscar. Estava cansado, tinha vivido muitos anos graças a sua mãe.

— “Ela ficará bem?”

— “Não sei.”

Com isso, levantei minha mãe para acariciá-lo. Seu pelo era mais macio do que esperava. Era quente. Respiro uma, duas vezes antes de deitar-se para dormir pelo resto

da eternidade. A morte nunca era bela, mas as vezes era calma.

Levantei-me da grama, e virei as costas para ir ao meu próximo destino. Por mais que evitava voltar atrás, voltei muitas vezes para admirar a velha da casa colorida, que todos os dias deixava um prato de leite e chamava por seu filho, Tommy.



# Cotidiano

*Marina Machado*

Eu com 17 anos, cabelos longos e cacheados com pele negra e hábitos de qualquer adolescente boba do século 21 de classe média; que adora mexer no celular e ficar deitada na cama; ama comer e estar sempre com minha família e meus amigos; com uma personalidade forte; nunca tinha me apaixonado por ninguém, mas não porque eu nunca tivesse conhecido ninguém, tinha meninos com quem eu conversava, mas não chegava a me apaixonar.

Em um dia normal como qualquer um chuvoso, eu estava em meu quarto mexendo no celular, mais especificamente no Instagram, quando vejo a foto de um garoto alto, forte, cabelo bagunçado e encaracolado, olhos castanhos, boca rosada e com um sorriso perfeito.

De cara eu não me importei muito, aliás ele era o padrão ideal do Instagram. Mas depois de algumas horas, eu não conseguia tirá-lo da minha cabeça. Então procurei seu perfil e fiquei observando tamanha beleza. Isso passou a acontecer frequentemente e sempre que eu tinha tempo, eu ia a seu perfil ficar admirando-o. Foi quando, depois de alguns meses, aparece uma solicitação em meu celular de alguém querendo seguir minha conta. Essa solicitação era nada mais, nada menos do que o menino que eu passei diversos meses observando como obviamente uma adolescente boba apaixonada.

De repente ouvi minha mãe me chamar para jantar. Portanto, saí do meu quarto indo até a mesa de jantar, mas minha mente estava lá, no meu quarto, no

meu celular, na notificação que eu tinha acabado de receber. Após o jantar, voltei ao meu quarto para ir dormir. Mas antes eu aceitei a solicitação do Instagram.

Os dias se passaram e ele me mandou uma mensagem. Fiquei nervosa, até porque eu estava gostando daquele garoto com quem eu nunca tinha conversado. Então eu não sabia se ele era apenas um menino babaca ou um menino respeitoso. Bom, obviamente eu respondi, e assim, começamos uma longa conversa e amizade.

Após esse dia, nós nos conhecemos pessoalmente, confesso que ele era mais lindo do que na foto, fazíamos diversas coisas juntos, eu sempre ia à casa dele e sempre vinha à minha. Eu até tinha parado de falar com todos os meus contatinhos, porque o sentimento que eu tinha de gostar dele estava se tornando uma paixão. Isto de certa forma me preocupava, porque era a primeira vez que eu me apaixonava.

Passou um ano, era dezembro e com isso férias. Eu tive que viajar para a praia, mas fazia dias que ele estava estranho e me evitava, não me mandava mensagem nem nada, até recusou o meu convite de viajar comigo e minha família.

Eu estava deitada na rede mexendo em meu celular, rolando o feed do Instagram, quando vi uma publicação dele dizendo começou a namorar. Foi aí que eu entendi o porquê de ele estar me evitando e ter recusado meu convite. Provavelmente, ele já conversava com essa menina há muito tempo, enquanto eu estava presa apenas a ele. A minha primeira paixão. Foi a partir daquele momento que eu entendi que às vezes nós estamos tão apaixonados e deslumbrados com algo novo, que podemos ficar cegos numa realidade paralela que criamos em nossa mente.



# Mark

*Sebastião Luna*

Eu não me lembro se cheguei a te contar da última vez em que eu vi meu pai. Eu devia ter uns 7 anos, e como de costume, ele chegou em casa tarde, irritado e com um cigarro na boca. Ele entrou em casa gritando o nome da minha mãe, que me pegou no colo e foi correndo se trancar no meu quarto. E ficamos ali, completamente indefesos, encolhidos no vão entre a parede e a minha cama, torcendo para que a tranca da porta fosse o suficiente para nos proteger.

Mas aparentemente naquela noite meu pai estava mais bêbado do que de costume, e arrebentou a porta com um chute. Minha mãe desesperada, tenta parar meu pai, mas é brutalmente derrubada no chão pelo golpe do canivete do pai que, enfurecido, chega até mim, me segura pela gola e diz que vai concertar o erro que ele cometera 7 anos antes. E no momento em que ele se preparava para aplicar sobre mim o golpe fatal, minha mãe se lança na sua frente e cai ensanguentada no chão. Eu fiquei completamente aterrorizado e, antes que percebesse, eu já estava correndo em direção à porta do meu quarto. Meu pai tenta me acertar com seu canivete no meio do percurso, deixando um enorme corte no meu braço, mas eu continuo correndo, corro para fora do quarto, corro para fora da casa, corro, corro, corro, corro tanto que as vezes eu me questiono se eu ainda estou correndo.

Mas de tanto correr eu acabei chegando a um posto de gasolina, onde, com a cara toda ensanguentada, eu pedi para a atendente ligar para a polícia. que demorou cerca de 1 dia para chegar na casa do assassinato. Graças ao seu im-

portantíssimo cargo na Solari Corp., meu pai ainda conseguiu sair impune de seus feitos. Ele veio a falecer 5 anos depois por conta de uma tuberculose aguda. Hoje, meu pai é lembrado como provavelmente o maior químico-físico da década, mas eu lembro dele como o responsável por essa enorme cicatriz tanto no meu braço quanto na minha alma.

Quinze anos depois, eu te conheci. Naquela época, eu acabava de completar 22 anos e estava completamente perdido, sem rumo na vida e sem grana. Quando me apareceu a oportunidade de trabalhar de soldador espacial e mesmo eu nunca tendo me imaginado consertando a grande barreira que impedia que parte do mundo fosse completamente dizimada pelo sol, a necessidade de ganhar uma grana falava mais alto, e naquela manhã lá estava eu, me inscrevendo para vaga na sede da Solari Corp., sendo assombrado pela estátua de meu pai, que se encontrava na entrada da empresa.

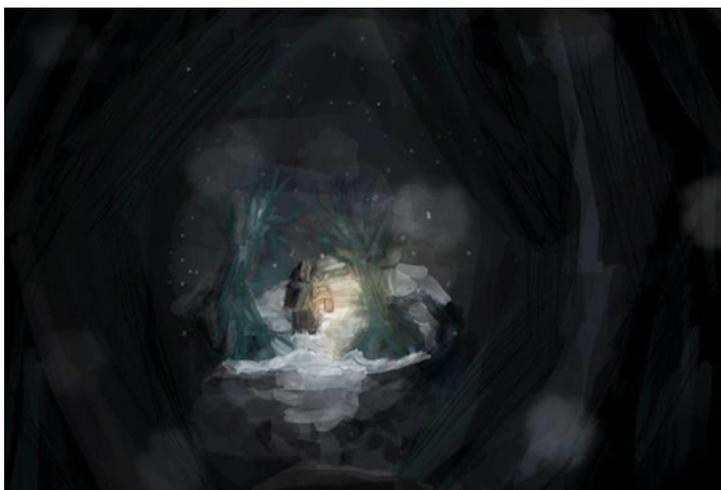
Poucos dias depois, chegou a mim a notícia de que eu havia ficado com a vaga, e logo na semana seguinte, fui à base dos soldadores conhecer minha equipe de solda. Foi quando te conheci: cabelos loiros, alto, usava uma jaqueta preta e falava com dois caras usando jaleco, mas parou subitamente quando percebeu que eu havia chegado. – Oi, prazer, eu me chamo Mark e sou o capitão da equipe da qual você irá passar a fazer parte em breve. Você me conduziu aos dormitórios onde conheci Carl e Daniels, que compunham o resto da nossa equipe de 4 integrantes. Éramos uma equipe recém-formada, mas que havia ganhado fama entre os soldadores pela destreza de nosso capitão.

Me lembro das várias horas em que me ensinava a soldar nas cápsulas de controle; lembro de você segurando minha mão firme no volante e lembro quando me dei conta de que havia nutrido por você era maior do que o que já havia nutrido por qualquer outro. Talvez fosse algo no seu olhar, mas de qualquer forma, eu não podia revelar o que sentia, pois tinha medo de perder você, eu não suportaria perder você, então me calei. Naquela noite em que passávamos do horário do fim do turno, em que Daniels e Carl já haviam voltado para o dormitório, você me chamou, passou suas mãos em meus cabelos crespos e tocou seus lábios nos meus. Pela primeira vez em muito tempo eu não me sentia mais só. E a partir daquele dia, eu passava as exaustivas horas na solda feliz, pensando em quando poderia te encontrar no segredo da noite novamente.

Como eu queria poder voltar àqueles dias, sentir aqueles momentos que hoje lentamente desaparecem de minha memória mais uma vez... Mas infelizmente, tudo que é bom um dia acaba, e naquele maldito dia em que os alarmes tocaram e nós dois fomos correndo para a plataforma de lançamento das cápsulas de solda, sabendo que provavelmente não retornaríamos daquela missão com vida, eu disse que iria, que nosso povo precisava das habilidades de nosso capitão para sobreviver, e que não perderia mais ninguém que eu amava; mas você não me ouviu, já havia se decidido, lentamente me abraçou, passou sua mão em meu cabelo e num sussurro pediu para que eu vivesse a vida que não poderia viver,

e logo depois me nocauteou com um pedaço de cano me deixando imóvel no chão, testemunhando incapacitado a partida sem volta de meu amado. Desabei em lágrimas enquanto via a porta de sua cápsula se fechar em minha frente.

Mas você conseguiu, salvou milhares de pessoas no seu ato, mesmo que pra mim, eu trocasse todas aquelas vidas só para ter mais um momento com você, já que a vida na solidão não me fazia mais sentido. Carl e Daniels foram presos por fugirem do dever e eu pensava em sair dos soldados quando de repente aquelas mesmas sirenes que me assombavam voltaram a tocar e eu, o único soldador que havia restado, fui à minha cápsula cumprir meu dever. Tratava-se de uma fenda enorme que estava prestes a abrir na barreira e que precisava ser soldada imediatamente. Mas quando pus minhas mãos no volante e vi a cicatriz que meu pai havia deixado em mim anos antes, lembrei da minha mãe caída no chão, lembrei da falta que o peso das suas mãos sobre as minhas fazia no volante e por um instante eu hesitei, pensei que não iria ser capaz. E nesse estante, a fenda se abriu. Me desculpe Mark, eu falhei, eu falhei com você, eu falhei com meu povo, eu falhei como soldador, eu falhei em proteger as pessoas pelas quais você se sacrificou, me desculpe Mark, no vazio do espaço, nessa capsula minúscula você não sabe a falta que eu sinto do calor do seu corpo junto ao meu, me desculpe Mark, eu espero que quando o oxigênio da capsula acabar e nós pudermos nos encontrar, você possa me perdoar.



# Um conto sobre o fim do Apocalipse

*Renan Tobará*

Não sei exatamente a razão dos seres da ciência não terem seguido meus conselhos, sendo que não fui somente eu que os dei. Outras espécies também os alertaram sobre as consequências de suas ações. Mas enfim, parece que agora não adianta mais fazer nada além de esperar o fim inevitável.

Os abusos ao planeta chegaram ao seu limite, junto de quase todos os seres vivos. Os seres restantes dentro desse "quase" irão morrer de frio ou qualquer outro tipo de óbito possível em um pós-apocalipse.

A neve cobre os oceanos, os prédios já estão abandonados, as casas arrombadas por alguns sobreviventes desesperados e, é claro, os corpos, tão frios que o simples toque poderia ser o seu último, tão pálidos que já se misturam na branquitude da neve densa.

Apesar de tudo, existem aqueles que se agarram fortemente à pequena luz que os resta, chamada de esperança, a luz que não é a do sol, já que ele apagou como um sopro de uma vela, não explodiu, apenas apagou. Essa mesma luz da esperança não significa a vida, significa a morte. Uma morte pacífica. Essa mesma luz guia um jovem esperançoso, Allan, pronto para encontrar seu fim.

Antes do mundo congelar, Allan estava em uma viagem sem seus pais, para São Paulo, em busca de uma oferta de trabalho que oferecesse mais do que um salário mínimo. Não tem grande importância como ele se saiu lá, visto que essa não é uma história sobre seu sucesso na vida. No voo de volta para sua cidade natal, que fica próxima de Itaitinga, começa o fim.

Em menos de um segundo, uma nevasca cobriu o avião e tudo ao redor do mesmo ficou escuro; a esse ponto a visão, um dos sentidos mais importantes do ser humano, era inútil. Logo, a audição também começou a ser inútil, somente servindo para ouvir os gritos desesperadores dos passageiros. O avião foi obrigado a fazer um pouso de emergência em algum tipo de estrada próxima a Igatu.

Ninguém se feriu nem morreu, apenas 2 famílias que, por um destino inevitável, estavam na estrada na qual o avião pousou sem aviso prévio, esmagando essas pobres famílias. Nem o piloto nem os passageiros perceberam as vidas que foram perdidas sob seus pés.

Sem saber o que fazer, o piloto pediu o normal porém impossível: "Todos se mantenham calmos e fiquem em seus lugares!". A princípio, a maioria fez isso; Allan tentou permanecer calmo mas logo desistiu.

Esperando algum tipo de contato, o piloto pegou o rádio, sua mão logo foi congelada, seus dedos caíram como se tivessem sido cortados pelo melhor dos samurais com a melhor das espadas. O desespero.

Allan é um jovem inteligente e já havia entendido o que estava acontecendo. Obviamente, não tinha total conhecimento sobre o assunto, já que era sua primeira vez presenciando algo parecido. Entretanto, tinha esse sentimento estranho, algo que ele não sabia dizer ao certo o que era.

Não demorou muito até a "calma" dos passageiros regredir ao desespero descontrolado. O frio somente aumentava e os casacos continuavam a diminuir. Allan, um jovem de muita sensatez, sobe em seu assento e fica de pé. Faz uma pose de discurso motivacional não condizente com suas próximas palavras. "Nós deveríamos ir lá fora!". Uma frase insana para os espectadores mas, para aqueles presentes no momento, foi bastante lógica.

Obviamente Allan, um jovem inteligente e sensato, tinha segundas intenções. Estava disposto a fazer de tudo para saciar seu desejo egoísta de morrer junto de pessoas que ele amava. Estava atrás de seus pais.

Nem todos saíram da aeronave. Alguns, aqueles que poderiam se chamar de protagonistas que iriam salvar o mundo, ficaram, tentando impedir de que mais pessoas saíssem.

Logo após algumas poucas dezenas de pessoas saírem, Allan mostrou suas verdadeiras intenções. Pegou o máximo de roupas dos passageiros desatentos que partiram sem as mesmas. Vestiu o máximo de roupas que ele conseguiu aguentar e partiu em uma aventura épica em busca de sua morte perfeita.

Os primeiros dias não foram fáceis. Apesar da quantidade extensa de roupas que Allan estava vestindo, ele ainda conseguia sentir o frio como se estivesse nu. Nunca havia sentido um frio tão extremo em sua vida, mas mesmo assim não estava pronto para morrer ali, tinha que encontrar seus pais.

A fome não era um grande problema; como dizia um filósofo qualquer desse mundo: "O que não provoca minha morte faz com que eu fique mais forte.". Ah, aquelas pobres almas, perdidas nesse branco tão escuro e, devoradas por outra alma perdida...

Saqueando os mortos, Allan, convenientemente, sempre acabava achando algo que lhe era útil, garrafas de água principalmente. Olhando para um mapa que ele havia encontrado em um cadáver e, observando ao seu redor, as placas quase ilegíveis, as casas transbordando neve, chegou à conclusão de que estava próximo a Ocara, uma notícia boa visto que estava mais perto de seu sonho do que nunca. Mesmo assim, ainda tinha muita neve pela frente.

Já não se sabia que horas eram, nem se estava de dia ou de noite, a escuridão era tão densa que um pequeno feixe de luz se assemelhava ao sol. Para iluminar seu caminho, Allan somente tinha uma caixa de fósforos e, estranhamente, um lampião, talvez, por conta do frio extremo, nenhum objeto eletrônico estava funcionando.

Não via um sobrevivente desde que saiu do avião mas, para o jovem, parecia uma eternidade. Segurando apenas um lampião, não conseguia enxergar muito além de seus pés. Uma placa seria a salvação para Allan, mas, antes mesmo de ele conseguir avistar uma, ele desmaiou, sem motivo aparente, assim como o sol, apaga.

Ao acordar, não conseguiu saber se havia mudado de paisagem ou não, a única diferença foi que, dessa vez, uma nevasca estava se aproximando. Não tinha certeza, mas acreditava estar chegando a seu objetivo. A nevasca chegou, um vento muito forte e congelante apagou sua luz, suas roupas extras também haviam caído na neve e não pareciam servir mais para seu propósito.

Já não sentia mais seu corpo, não sabia nem mais como que ele continuava andando ou melhor, vagando.

Já estava perdido, andando havia tanto tempo que nem se lembrava mais o porquê de estar fazendo aquilo, apenas vagando pela noite eterna onde nem a lua brilha.

Por que estava fazendo aquilo? Tudo para a morte? A verdade é que Allan, um jovem inteligente e sensato, estava cansado. Estava cansado de tudo. Cansado do cotidiano, das pessoas, dos problemas, de seus pais. Essa escuridão que de repente cobriu a vida e congelou a Terra, foi uma desculpa para acabar com tudo. Uma ideia um tanto quanto depressiva, se é que posso dar minha opinião. Uma vez, uma sábia me disse: "A morte parece menos terrível quando se está cansado". No final, acho que ela estava certa.

Sobreviver ao apocalipse é uma ideia para os loucos heroicos e sonhadores, não para pessoas que fazem ou faziam parte da sociedade. Se há pessoas que irão sobreviver ao desaparecimento do sol, isso não importa. Como eu disse, essa não é uma história sobre o sucesso na vida, é sobre uma ideia suicida e como ela é realizada no pós-apocalipse.

No final de tudo, de fato, um resumo da vida inteira passou sobre os olhos daquele jovem, tão rápido quanto a escuridão que se alastrou pelo mundo. Não era uma vida de se orgulhar, mas, também não era uma morte de se orgulhar. No final de tudo, você está sozinho.

# À Procura

*Ricardo Fernandez Filho*

O mundo estava todo consumido por um vírus letal, denominado Covid-25, que tinha a capacidade de matar em apenas um dia após o contágio. Mais da metade da Ásia e Europa já haviam sido dizimadas e os sistemas de saúde de todo o mundo estavam em colapso.

Um grupo de cientistas brasileiros chamados Rodrygo do Bronx, Ricardo Scarpelli e Matheus Golias, muito capacitados, todos formados em Harvard, era o único capaz de desenvolver uma vacina contra a Covid-25. Ricardo era um cientista renomado, moreno de quase 1,80. Matheus já havia contribuído muito com a ciência, como a participação na cura do câncer; era um homem loiro de olhos azuis, com a mesma altura que Ricardo e tinha mãos firmes. Rodrygo era um homem rebaixado, moreno e muito bom cientista; atuava principalmente na área de epidemias.

Os três sempre foram muito preocupados com alguma doença que pudesse colapsar o planeta e criaram um bunker que possuía muitos recursos e suprimentos para se protegerem se algo acontecesse. Com o começo dos contágios da Covid-25, os amigos ativaram o bunker porque sabiam que algo ruim estava por vir. Muitas pessoas próximas a eles estavam se contaminando, e consequentemente, morrendo. No bunker, apenas eles podiam entrar, para evitar qualquer tipo de contágio, que foi o que os salvou.

Com o planeta quase destruído, faltavam suprimentos para os cientistas. Tinham que sair todo os dias, com armas, para ir atrás de comida. Um dia, foram

abordados por um grupo hostil e Rodrygo foi baleado na barriga. Teve que ficar 2 semanas se recuperando, o que atrasou o desenvolvimento de uma possível vacina que eles estavam produzindo.

Tudo dependia deles, eram os únicos cientistas com recursos, mesmo que escassos, para produzir uma vacina e salvar o mundo. Estavam com quase falta de matéria-prima, e isso causou muito estresse. Tentavam se comunicar com outras partes do mundo para tentar conseguir material, mas não conseguiam criar contato. Estavam quase desistindo de tudo e se sentindo muito mal por isso quando, de repente, o rádio tocou: uma base militar do Chile podia levar um avião com matéria prima e suprimentos para os cientistas. Com isso, os mancebos ficaram muito empolgados e agradecidos.

Com a chegada da matéria prima, os amigos conseguiram terminar a primeira leva de vacinas contra a Covid-25, que salvaria a população mundial. Mandaram a receita para a única empresa farmacêutica que estava disponível no mundo, a Pfizer, nos Estados Unidos. Com isso, começaram a produção em massa de vacinas, que demoraria para ser aplicada no mundo inteiro. Rodrygo, Ricardo e Matheus foram reconhecidos como heróis pelo mundo inteiro, e produziram um grande avanço científico e tecnológico.

# Jacarés

*Rafael Rezende*

A manifestação do vírus causou pânico. A pressão por um rápido desenvolvimento de uma vacina contra o vírus fez com que alguns testes fossem ignorados. Ninguém sabia dos reais efeitos colaterais. Após a imensa aplicação da quinta dose da vacina, alguns efeitos começaram a aparecer. Grande parte da população que recebeu as doses começou a apresentar algumas características de répteis, mais especificamente de jacarés.

Abdul Maverick tem 18 anos. Ele não tomou a vacina. Seu irmão, Hasbulla Guarulhos, de 13, também não tomou.

Eles eram anti-vacinas.

Após alguns dias dos primeiros humanos apresentarem coloração esverdeada e escamas, toda a população vacinada se tornou jacaré. 98% de todo os territórios habitados possuía jacarés.

Abdul e Hasbulla moravam em uma casa na árvore, construíram-na quando pequenos com ajuda de seu pai, que agora era um jacaré. A casa era grande, mas possuía recursos limitados; assim, toda semana eles tinham que ir ao supermercado fazer compras.

Certo dia, o supermercado ficou abarrotado de jacarezinhos, Abdul e Hasbulla não podiam mais ir para lá, aí começa a aventura para achar um novo abrigo e uma nova fonte de recursos.

Abdul decidiu sair de dia, já que os jacarés se alimentam à noite. Hasbulla e Abdul seguiram rumo ao Sul, pensando que haveria menos jacarés em um lugar que não faz tanto calor.

Pegaram os suprimentos que restavam, armas, munição e ligaram o carro para partir em direção ao Sul.

Como não havia internet, foi usada uma bússola antiga que seu pai havia dado para Abdul, seguiram a seta apontada para o Sul e dale.

Horas e horas se passaram e nenhuma civilização à vista, apenas uma longa estrada com uma faixa dupla amarela no meio.

– Desliga o ar-condicionado, está calor.

– Tá mesmo.

– Quando você acha que vamos chegar lá Abdul?

– Não sei, descansa um pouco aí, logo chegaremos.

A luz da lua se reflete no capô do carro sinalizando o início da noite, Abdul desliga os faróis para não chamar a atenção de possíveis predadores. Pararam no acostamento para dormir, ligaram um lampião e cozinharam uma peça de carne grande de caça. Espaireceram diante da luz das estrelas, tomando um chá e comendo.

No dia seguinte, acordaram e tomaram as rédeas para o Sul.

Após rodar mais algumas dezenas de quilômetros, Abdul viu um motel abandonado e decidiu parar para procurar algum recurso útil. Hasbulla ficou dormindo no carro. Porém, Abdul não contava que ao invés de ir para o Sul, eles haviam ido para o Norte. Sua bússola estava invertida devido à massa populacional de jacarés no Norte, o que inverteu os polos mundiais.

Ao entrar no motel Abdul viu o que não queria ver, um acúmulo de jacarés se alimentando de uma pilha de humanos. Abdul imediatamente saiu correndo e os jacarés bebês foram atrás dele.

– Hasbulla! Hasbulla!! Hasbulla!!! Liga o carro!

– Por quê?

– Liga!!!

Abdul correu, pulou por cima do capô ao estilo Franklin Clinton e abriu a porta. Por descaso dele, um jacaré estava do outro lado do carro e ele não viu, o jacaré fatiou o pé dele como se fosse manteiga, Hasbulla o ajudou para entrar no carro e pisou no acelerador.

– Abdul o que a gente faz?

– Dirige por mais 10 quilômetros e me coloca no acostamento, vou ficar sendo uma despesa enorme pra você.

– Não cara, você é meu irmão.

– O vírus se prolifera rápido irmão, eu não tenho muito tempo.

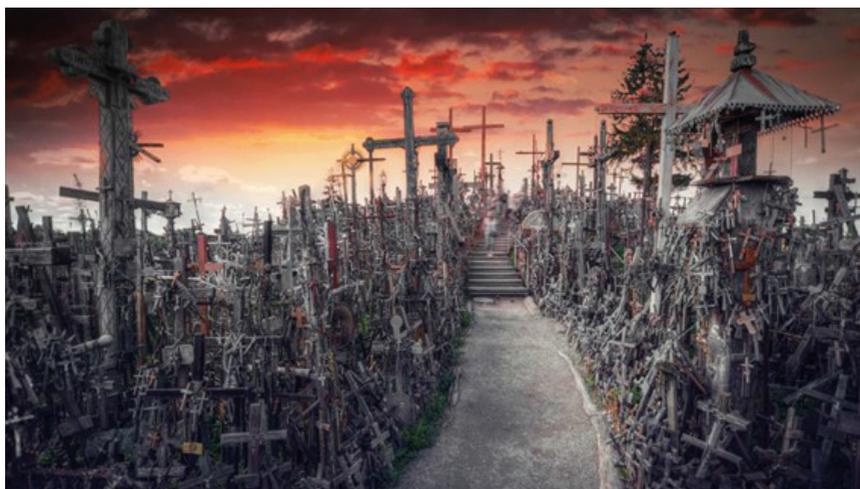
– Abdul...

– Só faz.

– Tá.

Passaram-se 6 quilômetros, Abdul já não estava consciente e as lágrimas escorriam no rosto do pequeno Hasbulla. Durante os quilômetros seguintes, Hasbulla chorava cada vez mais.

Quando os 10 quilômetros foram alcançados, Abdul já estava esverdeado e com escamas. Hasbulla, com muito esforço, retirou o corpo do banco traseiro e colocou no acostamento. Abdul já possuía dentes de jacaré. Hasbulla, sem pensar duas vezes pegou uma G2C e apertou o gatilho 5 vezes em direção a Abdul. Hasbulla, ainda com o carregador cheio, jogou a arma no mato, entrou no carro e seguiu em direção ao Sul.



# Pós-apocalipse

*Rodrigo Wright*

O ano era 2089, o planeta não era já o mesmo. Em 15 de julho de 2088, Rússia e o Estado islâmico entraram em guerra nuclear, até que a Rússia jogou uma bomba de que não tinham conhecimento total, fazendo com que sobrassem poucos sobreviventes no mundo.

Nesse novo mundo, restaram dois meninos, Rodrigo do Bronx e Negin da Caxeta. Os dois tinham por volta de 19 anos, garotos fortes e no momento bem saudáveis. A esperança da Terra voltar a ser como era estava na mão deles.

Os meninos conseguiram sobreviver graças ao bunker que eles tinham na casa em que estavam; eles tinham entrado no local durante a grande catástrofe que a Rússia causara. Quando saíram do bunker, perceberam que o mundo em que eles viviam não era o mesmo. Logo eles pensaram que teriam que fazer alguma coisa para tentar voltar a conviver com suas famílias e amigos.

Então os garotos partiram em busca de suprimentos para se manter e para procurar pessoas que tivessem sobrevivido. Começaram a andar pela cidade onde viviam, foram ao supermercado procurar comida, mas já estava tudo destruído. A cada dia que passava, eles ficavam mais enfraquecidos e sem ânimo para achar o que queriam.

Em um dia, começaram a ver rastros frescos e logo criaram uma expectativa de conseguir o que queriam. Seguiram cautelosamente até chegaram em uma espécie de abrigo ao ar livre. De repente, os garotos caem numa armadilha e acabam ficando presos.

Quando Rodrigo do Bronx acorda, ele se depara com Neguin da Caxeta sendo comido pelas pessoas que estavam no local, eram pessoas magras, quase desnutridas e bem malucas. Quando acabaram de comer Neguin, chegou a vez de Rodrigo.



# O mundo da maionese

*Pedro Brandão*

Nesse mundo pessoas, objetos e animais não tem nomes.

Nesse mundo o tempo não se chama tempo.

Nesse mundo o tempo é uma brincadeira de criança.

No espaço, alienígenas caçam seres humanos e seres humanos fogem de alienígenas.

Viajando pelos planetas intergalácticos, sozinhos, um grupo de pessoas sem sexo e identidade procuram um planeta para passar a noite. Já é tarde, estão todos cansados, porque durante o dia eles caminharam pelos desertos de Mimborá em busca de alimentos. No nada, uma das pessoas avistou algo estranho e logo chamou outras; era um ser de uma cabeça e oito tentáculos; parecia estar com muito frio ou sangue nos olhos, porque sua cor era roxa.

Devagar eles iam se aproximando desse ser tentando descobrir coisas sobre ele, porém ficaram com medo; o ser era muito grande e começou a se movimentar. Se movimentava como um bêbado na cama, mas parecia estar acordando. — Será que ele não é apenas uma alucinação, ou um sinal do além que está nos dizendo que estamos no caminho certo? Perguntou uma das pessoas. Ninguém soube responder. Essa mesma pessoa então decidiu encostar no ser.

Ela caminhou com receio, como se estivesse deitada na cama e visse a porta do armário aberto e, dentro desse armário, morasse o bicho papão. Ela chegou e vagarosamente pôs sua mão sobre ele. Os olhos abriram e chamadas saíram pela boca e nariz do, agora, monstro. Ainda meio inconsciente, ele mexeu os oito ten-

táculos se defendendo e ao mesmo tempo atacando. Um dos tentáculos arremessou a pessoa que o acordou para a terra de Tão Tão Distante.

O grupo de pessoas encaravam o ser da mesma forma que encaram a professora de português, que tinha os braços caídos, a voz rouca de cigarro, os dentes amarelos e era a pessoa mais mal-humorada de todas. Sem saber o que fazer, algumas pessoas começaram a fugir e gritar, assim o ser conseguiu identificar que o tinham acordado. Ele então começou a correr atrás delas. As que eram capturadas eram comidas pela boca que exalava fogo. O caos tomou a situação. Alguns choravam e rezavam (para quem rezavam ninguém sabe até os dias de hoje), outros estavam indo para cima do monstro sem dó nem piedade.

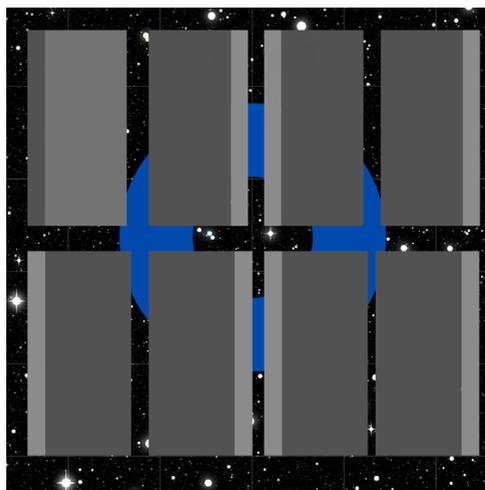
O campo de batalha havia sido instaurado. A quantidade de pessoas não era suficiente para enfrentar o ser, as pessoas começaram a perceber isso e tentaram recuar, os que rezavam continuavam lá, mas que agora eles suavam, como num fim de festa em buffet infantil. No momento mais crítico em que o ser pegava as pessoas com seus tentáculos e as punha em seu vulcão que espirrava lavas de gelo, uma luz cegava os olhos de todos. Seria este a quem os que rezavam dedicavam suas orações?

Alienígenas do grupo B, (o grupo B era a única espécie de alienígenas que viviam em conjunto com as pessoas, dizem que eles foram rejeitados pelas outras espécies e fazem isso por vingança) começaram a descer no campo de batalha emitindo um raio laser que cegava o mostro; outros alienígenas atiraram bolas de ácidos que queimavam sua pele e o faziam derreter. O odor era pior que carcaça, uma gosma verde corria pelos pés das pessoas e quando o vencedor da batalha seria anunciado, BOOM! Ela foi interrompida.

— Filho, para de brincar com a comida! É falta de educação.

— Filho, você escutou a mamãe? Hein? Garoto larga a comida da mão e sai da mesa agora!

A batalha durou o tempo de uma lição de matemática. O ser parecia incansável, mas ele foi derrotado com uma forma prateada, achatada, afiada nas bordas e com uma estrutura redonda de madeira que segurava a forma.



# O Sonho de Zinho

*Pedro Cunha*

O pior tinha acontecido. Após toda a negligência dos governos, a situação era inevitável e assustadora. Sobrevivendo pelo seu sétimo ano, o Coronavírus chegou ao seu ápice e agora contava com parasitas nunca antes vistos que invadiam o cérebro e o sistema nervoso, controlando o hospedeiro.

Não eram exatamente zumbis, mas agiam dessa forma, já que o vírus em sua mutação final estimulava o metabolismo fazendo com que os infectados procurassem por comida. Entretanto, como o sistema nervoso já estava corrompido, os infectados não sabiam diferenciar humanos de animais e isso gerou uma grande carnificina.

Em meio a todo esse caos, havia uma resistência, que era composta pelos sobreviventes. Cada um tinha sua própria ambição, mas entre eles, Zinho era um estudante de 16 anos que tinha começado a namorar havia 3 meses com sua amada Flor. No ABC do amor, apenas tinham chegado ao estágio de beijos quentes e apaixonados, mas para Zinho isso não era suficiente, agora seu sonho era de jeito nenhum morrer virgem.

Por isso, seu objetivo era encontrar Flor antes que o pior acontecesse. No dia em que tudo ocorreu, Zinho estava com seus amigos Kiko, Branco e Lindo na praia e Flor estava no seu cursinho. Quando o alarme de emergência foi ativado, as pessoas que estavam nas áreas comerciais como Flor se abrigaram no centro. Já Zinho e seus amigos estavam nas extremidades da cidade e precisavam chegar até o centro.

Foram dias terríveis. O medo era aterrorizante. Eram quatro amigos em busca da sobrevivência. A cada rua que passavam, dezenas de infectados os atacavam e a única opção que tinham era lutar ou correr. Matar humanos mesmo que infectados não foi uma tarefa fácil. Eles mal sabiam lutar, mas como as armas que encontravam espalhadas pela cidade destruída, conseguiam sobreviver.

Passada uma semana no inferno, Zinho era o mais saudável entre os quatro. A comida era pouca, mas conseguiam dividir entre si. Kiko também estava bem e Branco tinha sido infectado, restava pouco tempo para ele. Lindo estava traumatizado, pois além da situação em que se encontrava, tinha matado humanos. Tudo o que queria era acabar com o seu sofrimento.

Numa manhã, Kiko e Zinho partiram, não podiam correr o risco de serem contaminados pelo seu próprio amigo. Tinham feito o máximo que puderam para trazer Lindo de volta, mas fora inútil. Agora eles estavam na reta final para chegar até o abrigo. Zinho pensou consigo mesmo que faria de tudo para alcançar seu sonho e não deixar que os sacrifícios dos seus amigos fossem em vão.

Mais um dia tinha se passado e finalmente eles conseguiram avistar o abrigo. Nesse momento, Zinho teve diversas alucinações, reuniu todo o conhecimento que adquiriu com a indústria pornográfica e fantasiou o máximo de situações possíveis com sua amada. Sua libido em seu auge era o que o mantinha em pé. Todavia, um grande desafio estava à sua espera.

Como o abrigo tinha uma grande concentração de pessoas, a área em volta tinha uma grande concentração de infectados. Agora, era tudo ou nada, era matar ou morrer. Eles tinham apenas uma chance porque os guardas no portão não podiam deixar o portão aberto por mais de cinco segundos.

O plano inicial era chamar o menos de atenção possível, o que deu certo. Porém, na metade do caminho até a porta, os infectados começaram a ser agressivos e a única opção além da morte era matar. No último pedaço do caminho, eles mal tinham forças e o pensamento que passou pela cabeça dos dois era que um deles tinha que se sacrificar.

O sonho de Zinho era sua razão de viver, mas não tinha esquecido de que amizades entre homens eram mais importantes do que mulheres. Ele estava pronto para se usar como isca quando de repente escutou um grito: "Vá Zinho, eu seguro eles. Pegue isso e corra, por favor!".

Na mesma hora Zinho entendeu a situação. Kiko teve a mesma ideia e já tinha botado seu plano em ação. Lágrimas escorreram sobre a face de Zinho e sem hesitar, ele pegou o objeto que Kiko tinha jogado. Depois disso ele, correu com a força que lhe restava e chegou seguro ao abrigo. Quando abriu a mão viu uma camisinha, chorou ainda mais. O sacrifício de seu amigo tinha o deixado mais emocionado do que nunca.

O abrigo era composto por quartos para facilitar a organização e a primeira coisa que Zinho fez foi achar o quarto de Flor. Às pressas, correu até lá e entrou. Estava escuro, mas ele podia ver uma silhueta. Eram curvas familiares, só que de

uma adolescente, sua namorada. A situação era muito conveniente: Zinho tinha acabado de sobreviver graças ao sacrifício de Kiko e com uma camisinha na mão, chegou ao quarto de sua amada, que estava nua.

A temperatura aumentou. Seu corpo esquentou. Seu coração acelerou e outra coisa também aumentou. Seu sonho estava na palma de suas mãos. Zinho estava quase em estado de êxtase e não podia acreditar no que estava acontecendo. Não pensou duas vezes e se aproximou da cama tirando a roupa aos poucos.

Quando estava nu, começou a tocar o corpo de Flor, a qual não dava a resposta. A sensação era incrível, mas algo estava errado. O corpo de Flor estava gelado e ela não respondia. Zinho, pensativo, foi acender a luz para ver o que aconteceu. O cenário não podia ser pior, Zinho sabia o que estava por vir.

A coisa com a qual Zinho se deparou foi uma aparência muito triste e mórbida. Ele sabia, mas não queria acreditar. Flor estava em seus últimos momentos antes de ser totalmente contaminada. Ao entender a situação, Zinho caiu de joelhos e nesse ponto já tinha broxado. Chorava com a cabeça sobre o colo de Flor.

De repente, uma voz. Eu te amo. Depois dessas palavras de Flor, Zinho entendeu que foi seu último suspiro enquanto consciente. O trabalho mais difícil seria o que Zinho tinha que fazer agora. Não queria sofrimento e por isso foi rápido. Sua amada morreu em seus braços e por um momento ele pensou em ir junto.

Contudo, seu sonho ainda não tinha sido destruído. Era virgem, mas ainda estava vivo. Ele pensou que mesmo a noite sendo a mais escura de todas, o dia sempre amanhece com o sol. Esse pensamento lhe trouxe esperanças e decidiu que, com certeza, iria realizar seu sonho, para honrar a morte de seus amigos e de Flor.

# O Medo da Solidão

*Thiago Pagotto*

Em 2043, houve uma das últimas sociedades humanas no mundo. Pela primeira vez um vírus venceu a ciência. A partir de milhares de mutações, o vírus Sars-CoV-2 matou bilhões de pessoas, restando apenas um pequeno grupo.

Imunes ao vírus mais letal que já presenciou o planeta Terra, o grupo conseguiu sobreviver; porém, com o passar do tempo, foi diminuindo, já que seus integrantes foram morrendo por não conseguirem lidar com outras doenças.

Sarah e Adam são um casal de sobreviventes. Adam tem 22 anos e Sarah tem 19. Após muitas perdas, o casal de jovens tem poucas esperanças para continuar a viver, visto que nos últimos anos, perdeu toda a companhia que lhe restava.

Vivendo uma vida de nômade, Adam não sente mais sentido em continuar a sua jornada. Sarah esquece todas as suas mágoas ao tocar violão, mas mesmo ao lado de Adam, ela se sente extremamente sozinha e com medo de perdê-lo. Os dois têm uma vida intensamente simples, ocupam antigas casas e trocam constantemente de carro, se alimentando de carnes e frutos que encontram por onde passam.

No dia a dia, eles vagam pelas antigas zonas urbanas à procura de pessoas. O casal compartilha o sonho de conhecer mais gente para finalmente tentar continuar com a espécie humana, mas enfrenta o fracasso diariamente, o que lhes faz acreditar serem os últimos humanos.

Em certo dia, Sarah decide abandonar o continente americano em busca de chegar à Inglaterra com um navio. Ela acredita que, pelo fato de a Inglaterra ser

o centro do mundo, lá vai haver outros humanos; mas esta é a sua última esperança. Adam já não tinha mais esperanças de uma vida feliz. Logo, decidiu ficar.

Assim que Sarah começa sua jornada no alto mar, ela fica com enorme medo de ficar sozinha para sempre, apesar de acreditar que ao lado de Adam ela já estava sozinha. Daquela vez, encontrou uma solidão extremamente profunda. Com medo de não encontrar ninguém para no mínimo conversar, decidiu voltar correndo para Adam, assim que percebe que ele não era apenas um companheiro, mas sim, o seu porto seguro.

No momento que ela volta correndo encontrar com Adam, ela o enxerga caído no chão, deitado e estático. O homem que ela tanto amava e foi tão corajosa de abandonar, estava morto e com uma faca em seu peito.

Adam termina sendo o penúltimo ser humano a morrer. Sarah entra em conflito consigo mesma e tira sua própria vida, para evitar o sofrimento eterno da solidão.

# O combate das colônias futuras

*Antonio Monteiro*

O ano, 2063. O mundo, em guerra. No ano de 2059, os continentes americanos descobriram a substância conhecida como Carphon, que teria o potencial de acabar com a pandemia do SARS – Cov 3 (Detavírus). A Nova Zelândia gostou da ideia da América, mas a Austrália, junto com a Ásia, não aceitou a proposta, sugerindo que as pessoas transferissem partes de seu corpo para robôs, o que foi rejeitado pelas Américas e, portanto, as duas alianças acabaram seguindo seus próprios caminhos.

Anos depois, foi descoberto que o Carphon tem o potencial de transformar as pessoas que o consomem em monstros vermelhos, chamados de Carnus. Os Carnus americanos e da Nova Zelândia acabaram invadindo a Europa, que acabou sendo defendida pelos robôs da Ásia. Os europeus foram evacuados em navios metálicos australianos para a África.

Eu fui uma dessas pessoas a serem evacuadas. Emily, garota ruiva inglesa de dois anos, era carregada por minha mãe em um lenço verde. Naquela época, não sabia por que estávamos andando com tanta pressa, afinal estava dormindo. Minha família, constituída somente por mim e meus pais, acabou indo no barco destinado ao Egito, onde nos hospedamos na casa do psicólogo Ari Salaman e sua esposa Jade.

A vida no Egito foi bem difícil. Por mais que eu tirasse notas boas na escola, o pessoal de lá sempre me maltratava, constantemente me escolhendo por último quando jogávamos bola e me tratando como se eu nem pertencesse ao local.

Mesmo assim, me recusava a falar do meu sofrimento para meus pais ou para o senhor Salaman, que era bom em resolver problemas, muito porque eles pareciam estar felizes com sua vida atual, tão felizes que pareciam não querer voltar a serem simples ingleses (um ponto que seria consideravelmente reforçado quando eu soube o que realmente aconteceu, o que me leva a falar sobre aquele dia).

Então, após outro dia mediano na escola municipal, as crianças decidiram jogar futebol comigo. Como sempre, eu fui a última a ser escolhida, indo para o pior time. Obviamente, eu estava perdendo, 6-0 para o outro time, e cada vez que alguém marcava um gol, o líder Mark sempre olhava para mim com aquele sorrisinho maroto. Droga de Mark!

Eu estava ficando seriamente furiosa. Decidi fazer o impossível e tentar fazer um gol. Olhei para a bola. Estava em posição. Preparei e corri para o gol. O pessoal do outro time tentou me parar. Decidi dar um chute naquela distância. Me preparei e chutei, com muita força, surpreendentemente. A bola, impulsionada pela minha força, acabou caindo no Mar Mediterrâneo, e as crianças do grupo pediram para que eu pegasse. Fui pegar a bola, que agora já estava no local que vários geógrafos nomeiam como Grécia. Nadei no mar para pegar a bola. Foi nessa "jornada" que percebi uma fita denominando a Grécia como uma área restrita. Eu me aproximei um pouco da área restrita, mas parei devido ao provável som de algo que parecia feito de metal vindo da área atrás da fita.

Voltei para o pessoal do futebol, que pegou a bola da minha mão, dizendo que eu demorei demais, mas eu não me importava com essas ofensas. Eu retornei para a casa do doutor Salaman para almoçar. Já na mesa, contei para os meus pais sobre a área restrita e porque a Grécia era classificada como uma. Meus pais ficaram parados, sem se mexer, enquanto a família de Salaman olhou para nossa família, claramente confusos. Eu perguntei o que houve, meus pais falaram que eu não poderia saber. Eu perguntei por que não. Eles responderam falando que eu só não poderia saber, e quando eles falam não, é não. A senhora Salaman fala para todo mundo continuar comendo, claramente querendo evitar possíveis conflitos. Mas eu mesmo assim queria saber.

Então decidi fazer o seguinte: depois do almoço, sair de casa, dizendo para meus pais que iria jogar bola com algumas pessoas da escola, quando na verdade iria para a área restrita ver o que era tão restrito sobre ela e porque todo mundo recusava a falar sobre ela.

Fui para a área. Passei pelas fitas e entrei na Grécia. Ela tinha uma aparência bem devastada e destruída. Era quase deserta., se não fosse a presença de vários robôs armados com olhos multicolor e que usavam capacetes esquisitos. Sendo que eles pareciam superperigosos, decidi passar por eles escondida até chegar a uma base provavelmente deles, onde eu achava que eu ficaria mais a salvo. Dentro da base, encontrei alguns monstros mutantes vermelhos. Eles pareciam bem curiosos. Então eu decidi tocar na vidraça que continha um deles. Aquele

cuja cápsula eu toquei mexeu seu olho, então continuei tocando a vidraça. Ele continuou a se mexer. O monstro olhou para mim. Pouco eu sabia que aqueles monstros eram Carnus. O vidro começou a quebrar. O Carnus da vidraça saiu de sua cápsula. Ele rugiu, claramente querendo chamar seus aliados. Os aliados saíram de suas cápsulas. Eu gritei, e depois corri no meio do conjunto de Carnus. Eles correram atrás de mim. Eventualmente eu me escondi em um lugar onde eles não poderiam me achar.

Devido a eles não conseguirem me achar, eles decidiram atacar os guardas robôs da base, e eventualmente, outros territórios. Algum dos Carnus decidiram atacar o Egito.

Meus pais viram que os Carnus voltaram. Primeiramente, eles acharam isso impossível de se ocorrer, mas depois pensaram que deveriam ter acontecido alguma coisa em uma das bases militares Euro-Asistraliâneas, e imediatamente pensaram que eu estava envolvida nisso.

Meu pai tomou a iniciativa e decidiu ir para a Grécia me procurar junto com o Senhor Salaman, levando em conta que minha mãe era a única pessoa além de meu pai que estava familiarizada com os Carnus, então seria melhor se ela liderasse um bando de egípcios para lutar contra eles ao invés de ir junto com meu pai.

Salaman e meu pai foram me procurar na Grécia, escondidos dos robôs obviamente, até entrarem na base militar, onde eles me acham.

As exclamações que fizeram quando me acharam acabaram atraindo a atenção dos Carnus, que começaram a nos seguir. Nós decidimos fugir deles e continuamos assim até acharmos uma nave de combate na parte aérea da base militar. Entramos na nave. Os Carnus continuaram a nos seguir. Meu pai começou a acelerar a nave e a pilotar para fugir deles, mas infelizmente, alguns Carnus acabaram entrando. Salaman pegou uma arma para atirar nos mutantes, mas as balas acabaram e acabamos sendo atacado pelos restantes.

Ao mesmo tempo, meu pai começou a pilotar a nave. Os robôs atiraram na asa direita da nave. Começamos a perder altitude. Eu fui para a sala de comando avisando que perdêramos o Ari. Meu pai percebeu que estamos um passo à frente da morte. Deixou a pilotagem no piloto automático e nós dois corremos dos monstros. Ele me levou a uma sala contendo pods de fuga. Meu pai me coloca em um dos pods e tentou entrar junto, mas foi atacado por um Carnus antes dele sequer poder entrar. Ele acabou apertando o botão de lançamento do pod, falando que iria estar tudo bem e mesmo que ele morresse, ele ainda iria me amar.

O pod foi lançado. A nave começou a ficar menor, mas permaneceu perdendo altitude. Eu eventualmente caí em um lugar pós-apocalíptico cujo nome eu ainda não identifiquei. A nave que continha meu pai eventualmente caiu no terreno e explodiu em milhões de pedaços. Eu fiquei verdadeiramente abalado com essa ocorrência, até, claro, um robô australiano me ver no meio do caminho decidir me

perguntar quem eu era e como viera parar ali. Eu falei para ele e disse que meu pai recentemente morrera. Ele sentiu pena de mim. Levando isso em conta, perguntou se eu precisava de ajuda. Eu falei que sim. E então, o jovem robô decidiu me acompanhar na minha caminhada na parte solitária na cidade apocalíptica que ninguém sabe qual é. Sozinhos, distantes de qualquer perigo possível.

# Robson

*Caio Solimeo*

Lá estava Robson, um menino que se considerava o mais descolado da escola, no entanto, muito zoado pela sua altura de amendoim e cara de bode. Ele andava de bicicleta ao anoitecer com seus amigos na areia que se juntava com o mar, quando avistou um vulto no mato. Ezekiel, o mais medroso do grupo, disse que estava com medo e que queria ir logo para casa. No entanto, Robson, querendo demonstrar sua coragem e virilidade, adentrou o mato e quando saiu de lá estava com um gato em suas mãos. Ezekiel, com muito pesar de deixar o gato abandonado, chorou para que o levássemos conosco. Claudinelson, o outro amigo de Robson, falou então: "não vamo escutar ele que vai dar merda". No entanto, com seu coração de mãe, Robson prometeu levar o gato. Depois de algumas quedas com o felino, os amigos conseguiram chegar à casa. Porém eles iam voltar para São Paulo no mesmo dia.

Ao chegar na casa, os garotos perceberam que os pais de Claudinelson estavam fora, possivelmente comprando mantimentos para a viagem, ou apenas curtindo o maravilhoso pôr do sol, que raiava na praia. Independente disso, os amigos precisavam sanar a dúvida, de que se seria possível levar o gato de volta para São Paulo, ou não. Claudinelson pegou então o seu celular, porém estava sem bateria graças ao seu vício e uso compulsivo do aparelho. Eles teriam então que esperar o celular carregar, o que não seria um problema. No entanto, na espera, Ezekiel segurava o gato perto demais da janela, e infelizmente o gato acabou pulando, caindo de 11 andar..., pera, eles estavam no primeiro andar de uma casa,

ou seja, nenhum problema de o gato ter pulado, era só sair e pegar o felino, porém pra onde ele tinha ido?

Foram 2 horas de procura até achá-lo, e durante esse tempo os pais de Claudinelson chegaram e Ezekiel chorou 2 vezes, já que os outros dois o alopraram por ter sido muito burro. O gato havia dado tanto problema para eles, que estavam convictos de fazer de tudo para levar o gato. Robson, o que mais queria ajudar o felino, implorou de pés juntos para que o gato pudesse ir. Não aguentando mais os moleques enchendo o saco, os pais deixaram o gato ir, mas que erro que eles cometeram... Após 1 hora, o carro estava pronto para a partida, todos tinham comido e o gato tinha se alimentado. O pai ligou o carro e começou a ir. No entanto, estava nervoso por não poder abrir a janela, já que haveria o risco de o gato pular e ninguém queria isso. Robson colocou então seus fones de ouvido e colocou a música tão alto que nem se gritassem daria para escutar, já Ezekiel dormia, e Claudinelson segurava o felino.

Quase dormindo, Claudinelson percebeu, que o gato começou a andar e tentar sair do seu colo, foi então que sentiu um líquido escorrendo pela sua perna. Nesse exato momento ele falou, "caralh\*", o gato mijou em mim", e por azar, Robson, a próxima vítima, não escutou, porém com ele aconteceria pior. O demônio reencarnado em gato subiu então no ombro de Robson e realizou um ato de guerra: defecou no braço do sujeito, que ao perceber a M no ombro, fez um movimento forte com o braço, jogando o cocô em Ezekiel. O cheiro era tão forte que eles precisavam abrir a janela, e nesse momento, o gato pulou do carro.

Alguns meses se passaram, e ninguém daquele carro sabia se o gato estava bem ou não. Todos achavam que ele havia morrido, até que Ezekiel mostrou um stories do Instagram. Era ele, o gato que pulou da janela, sendo adotado por uma família. Nesse momento, todos se aliviaram, até que Robson percebeu que não era o mesmo gato e até hoje ninguém sabe onde o gato está.

# Novamente, e talvez diferente

*Clara Giorgi*

Novamente, a menina chegava a um novo lugar, pronta pra agora experimentar Paris. Ela contava com as ajudas mensais dos pais, mas estava pronta para conseguir sua própria quantia em um trabalho perto da faculdade.

“Mademoiselle Anna, ton sac! Tu as oublié ton sac à main!”

Claro que esquecería sua bolsa!

Os olhos verdes, tipo esmeralda, viram e encaram o homem que trabalhava no café do aeroporto. O melhor café que Anna já havia tomado tinha sido feito por ele, e olha que a menina loira gostava de

café!

“Merci!”

Os 21 anos não tinham ensinado nada à menina, continuava a esquecer suas coisas.

“Putá merda!”

Esqueceu de avisar sua mãe que chegara!

“Oi, mãe!”

“Anna O ´Brien! Esqueceu?”

“Esqueci mãe, desculpa! Mas tomei um café delicioso!”

“Que bom, chegou bem então?”

“Sim, mas bem cansada! Vou entrar no Uber tá? Te ligo depois?”

“Sim, se cuida, beijo!”

Entrou no carro, estranhando reconhecer a silhueta. A voz lhe perguntando qual seria o destino a assustou, mas apenas respondeu:

“Université Paris Nanterre, s'il te plaît”

Ao chegar na faculdade, já deu de cara com as pessoas do seu ano, que pareciam tão animados quanto ela.

“Mademoiselle?”

O garoto alto, com o cabelo loiro escuro caindo nos olhos, igual quando a servia café! O que ele estava fazendo ali? Poderia estar em três lugares quase ao mesmo tempo?!

“Salut, étudiez-vous ici?”

Se estava estudando ali? Ela sim, agora, ele?

“Oui, et toi?”

E você? Ele respondeu que não, estava dando boas-vindas à irmã.

Anna não quis nem conversar, achou aquele menino muito estranho. Subiu pro quarto e se preparou pra ir pro Starbucks, onde perguntaria sobre seus horários de trabalho.

“Bonjour! Je m'appelle Bianca!”

“Bonjour, je m'appelle Anna, tu sais où est Starbucks?”

Onde era o Starbucks?

No final da rua, à direita.

Passou por um restaurante fofo, cheio de flores.

O estranho loiro e alto agora era garçom lá! Pensou em entrar e pergunta se ele a estava rondando, mas pareceria mais doida do que gostaria para seu primeiro dia em Paris.

Passou reto, virou à direita e foi em busca de alguém que pudesse lhe informar, preocupada em ter que falar mais do que o básico do francês.

A menina passou o dia tentando entender o que estaria acontecendo. Claro que aquilo não era normal. Resolveu procurar o menino.

Rodou Paris, e até se perdeu, mas agora ele não estava em lugar nenhum. Juro que parecia mágica.

Quando parou de procurar, tomou outro objetivo: conhecer Bianca. Anna era assim, vivia por objetivos. Pena que se frustrava tanto com não conseguir lembrá-los sempre.

Acabou descobrindo que a tal irmã do menino alto era sua nova colega de quarto!

Ele estava sim em todo lugar.

Segundo a agora nova amiga da nossa querida protagonista, seu irmão sempre vinha com histórias de que ajudara pessoas. Ele era voluntário em um lar de idosos com Alzheimer.

Anna chorava de rir. O menino que aparentemente a perseguia a menina que esquecia tudo ajudava pessoas com Alzheimer. A barriga da menina doía de tanto rir, e Bianca, sem entender, só acompanhava.

Depois do jantar Anna saiu em busca do tal menino. Queria saber qual era a dele. Quando o encontrou, perguntou se ele a estava perseguindo.

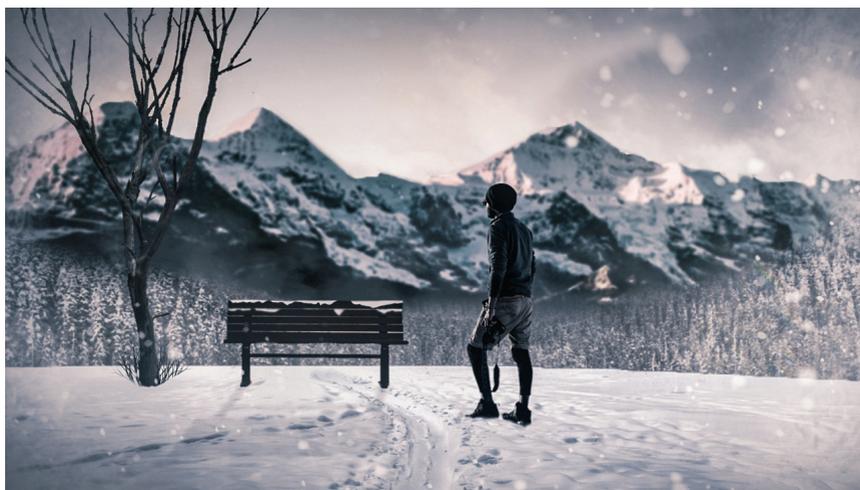
A conversa foi indo, e Anna se sentia cada vez mais burra ao ir vendo que apenas ela estava prestando atenção. Por isso ele aparecia em todo lugar. Porque ela procurava demais.

Quando ela o perguntou sobre o Alzheimer, ele se ofendeu. Fechou a cara. O que ele fazia era muito mais que o que ela imaginava. Era muito mais do que apenas esquecer.

Anna percebeu, então, que seu problema era pura distração.

O menino francês/americano acabara de lhe dar a chance de fazer tudo de novo. Deu a chance para que Anna fosse melhor no que tanto a frustrava: entendeu seu problema e agora tinha a chance de arrumar.

Às vezes o que precisamos é um pouquinho de calma, e alguém com palavras sábias.



## Partes da vida de amor

*Gabriel Curioni*

Alex não conseguia parar quieto, passara a última semana com o sábado na cabeça. É óbvio que qualquer adolescente de 17 fica ansioso, mas aquela era uma festa diferente das outras. Ele se perdia em seus pensamentos, pensando na noite que ele teria, mas logo foi tirado de transe quando Nice gritou.

“Porra Alex, presta atenção, é a terceira vez que você erra a intro, cara, se você vai ficar assim vou chamar outra pessoa pra tocar guitarra.”

“Ele tá pensando nela de novo”, disse Mathews rindo.

Alex, sem responder nada, pensou no sorriso dela mais uma vez, guardou o Fender Bronco que segurava e checkou o Celular: 15/4/2005, 6:23.

Ele se virou para os amigos da banda e disse, com um sorriso na sua cara magrela: “vamo se arrumar, a gente tem que tá lá daqui a pouco.”

Eles chegaram à festa por volta de 8:30, todos os 4 extremamente excitados, todos rindo e conversando.

A casa era gigante, e eles, sem esperar dois segundos foram encher a cara. Alex foi também, mas olhava cuidadosamente ao redor, à procura dela. Quando eles começaram a conversar, ele já gostava dela, mas conforme o tempo passava, ele só se apaixonava ainda mais, tinha a sensação de que naquela noite finalmente iria rolar alguma coisa.

Enquanto pensava em como chegar nela quando a encontrasse, Bia interrompeu seu pensamento:

“Alex,” disse ela em um tom agitado, ela claramente já estava meio bêbada, “Vocês vão tocar hoje?”

“Não, o Jamie não queria trazer a guitarra dele pra festa, falou que ia ter que ficar cuidando e que ia dar muito trabalho.

“Entendi. E aí, já falou com ela?”

“Não..., ela já tá na festa?”

“Sim, a última vez que eu falei com ela foi na área da piscina.”

Sem pensar duas vezes, o moleque virou um shot de vodca e foi atrás daquilo que tanto desejava. Ela estava em uma construção no jardim, e ele ficou tão apaixonado que quase não percebeu ela beijando um cara que ele nem sabia quem era. Em completo choque, ele voltou para dentro da casa onde os caras da banda estavam.

Sem pensar muito começou a encher a cara, e olhava feio pra quem quer perguntasse o porquê ele tava bebendo tanto. Deve ter sido uns 500 mls de vodca, até ele simplesmente apagar. Ele acordou no dia seguinte em uma cama, irreconhecível, virou pro lado e lá estava uma moça, de relance achou que era “ela”, os cabelos longos e meio encaracolados eram iguais.

Quando inclinou para ver sua face, era uma mulher que nunca tinha visto na vida. Confuso e meio tonto, levantou devagar e vestiu a calça, escreveu um bilhete de cortesia e pediu um uber. Foram dez minutos até ele chegar, e depois foram mais dez só pensando em caralhos era aquele cara beijando ela.

# A Minha Vida Delas

*Joana Machline*

Minha mãe sempre me disse que eu penso mais do que eu vivo, e sempre discordei, ela diz que eu vivo em outro mundo desde bem pequena, eu sempre pergunto o porquê.

Como se eu lembrasse que eu idealizava casar-me com um aviador ou aviadora para pode viajar para todos os cantos do mundo juntos, ou até eu ser a aviadora... Ai como eu queria ser aviadora, mas estes sonhos não se tornam realidade, mesmo eu tendo sonhado com esse momento minha vida toda, entrar no mundo adulto e viver problemas de adulto, estudar que nem doida pra passar em estatística que eu só soube que estava incluída no curso depois de já ter passado... Mudar de apartamento e porra, finalmente viver, quem sabe um amor, um amor que a Rapunzel de Pinheiros talvez nunca viva. Um amor como o delas.

Ai como eu queria um amor como o delas.

Um amor que dançasse comigo na sala como se nada estivesse ao redor, um amor que no final do dia adormecesse comigo no sofá assistindo filmes de qualidade duvidosa, um amor que aceitaria jantar uma boa refeição num dia e no outro por estar com preguiça de fazer qualquer outra coisa comer miojo cru, e adotar um gato juntos, adotar 3 gatos juntos. Um amor que leria minhas poesias extremamente clichês que escrevi quando tinha 15 anos e me ajudaria a queimá-las na fogueira numa bela noite de lua cheia em uma nevasca no meio do inverno. Alguém que me olhasse como elas se olham.

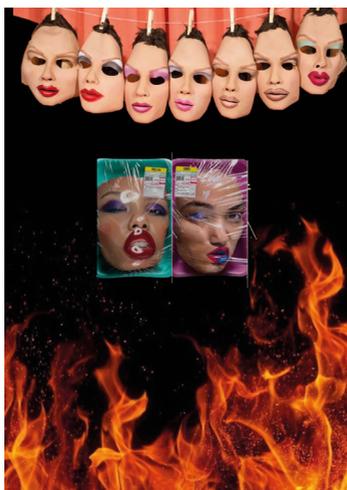
Elas têm um amor, toda vez que as vejo dançando e rindo, é notável, daqui nem dá para ouvir a música, talvez nem tenha música, mas a quantidade de amor, isso dá para ouvir daqui, dá quase pra pegar e colocar num potinho. Eu queria colocar num potinho.

E quando adotaram o gato? Quando brigavam com ele se olhavam, e riam e quando os outros dois chegaram foi a mesma coisa, era tanto amor tanta adoração e até quando brigavam por estresse do trabalho você via o carinho e o amor que tinham pela outra.

Eu me lembro no Natal, fizeram uma festa com a família, as crianças loucas com os gatos e os adultos jogando amigo secreto, aquele de roubar o presente do outro, o jeito que elas riam juntas, o jeito que todos ali se amavam mesmo com suas diferenças, o jeito que o cheiro do peru chegava até aqui, cheiro de amor, cheiro de carinho, um cheiro que eu queria pra mim.

Sabe, minha mãe sempre me disse que sou indecisa, quando era mais nova nunca conseguia escolher que filme alugar e acabava pegando sempre o mesmo, A Princesa e o Sapo, gostava da personagem e o quanto ela se esforçou para tornar seus sonhos realidade. E no final, ela achou um amor que ficou ao seu lado enquanto ela realizava seus sonhos, como as moças do outro lado da rua. Tenho quase certeza de que vão ter um bebê, aposto que era o sonho de uma das duas porque saiu do portão hoje quase saltitando, além de carregar uma sacola com aqueles balões extremamente clichês de chá de revelação. Não sei se eu vou querer um bebê, dá muito trabalho e precisa de uma estabilidade financeira...

Sabe, uma vez minha mãe me disse que eu não seria uma boa mãe, disse que quando eu tinha 12 anos eu esqueci meu hamster solto no quarto porque queria que ele fosse um gato, e gatos não precisam de gaiolas.



# Seleção Natural

*Maria Bertocco*

Dia 4 de junho de 2058. Parece que os pesquisadores, cientistas, filósofos, sociólogos e historiadores erraram nas previsões de como o mundo acabaria. Eu não tenho ideia do motivo que estou escrevendo isso considerando que talvez eu tenha sido o único ser vivo com a capacidade de ler que restou e sobreviveu à maior guerra (massacre) da história. Estou com sede, fome, calor, e talvez eu morra também como todos os outros seres humanos que foram atacados e derrotados.

Talvez eu ainda ache um propósito em escrever e contar brevemente o que ocorreu nesta guerra e nesse colapso que resultou no “fim do mundo” onde apenas os humanos morreram, mas acho que ainda posso chamar de “fim do mundo”.

Quatro meses atrás, nossos recursos estavam terminando, estávamos sem comida, sem água, oxigênio, enfrentando a maior crise do aquecimento global e todas as possibilidades de reerguer e solucionar esses problemas haviam acabado. Ninguém, absolutamente ninguém enxergava mais solução para o mundo, e onde estavam os humanos mais inteligentes e ricos do mundo nessas horas? Elon Musk, Bill Gates, Warren Buffet, não era hora de abandonar todos nós. (Talvez tenham previsto essa guerra e acabaram usando seus bilhões de reais em uma viagem para Marte, fugindo dessa síncope pela qual a humanidade estava passando).

Cada governo de cada país recebeu uma mensagem (escrita em uma folha de árvore com tinta de índigo) ameaçando a população. Vocês foram avisados,

mas continuaram nos consumindo, nos queimando, nos cortando, nos MATANDO. Vocês se acham os mais fortes e os mais poderosos, mas esquecem que dependem de nós. IGNORANTES que aumentam cada dia mais, vocês foram avisados e agora enfrentarão a pior guerra de suas vidas se forem capazes de lutar, mas não sobreviveram. Suas armas, bombas, máquinas, não chegaram nem perto de serem o suficiente, então é melhor que estejam preparados porque a guerra está declarada. E eu tenho um aviso: quanto mais nos matarem e mais rápido nos matarem, mais rápido vocês morreram também.

As primeiras flechadas passaram pelo meio do coração de cada presidente, anunciando a primeira guerra anônima através das primeiras mortes. Foram três dias de pânico, mas nada havia acontecido de certo, por um momento achávamos até que não se tratava de nada além de uma ameaça que não resultaria em nada.

Oito e vinte oito de manhã, toda a água do mundo havia acabado, os rios haviam secado, o mar havia secado junto com as torneiras, chuveiros, privadas e mangueiras, não chovia, apenas os ricos tinham dinheiro para comprar as garrafas que restavam nos supermercados. Os mais fracos se foram no primeiro dia de seca, e isso seguiu por uma semana consecutiva, a água e qualquer fonte da mesma havia \*desaparecido\* resultando em 2 milhões de mortes em apenas uma semana. Onde estavam os animais e por que só os humanos não estavam conseguindo sobreviver a essa seca (a maior seca já vista antes)? As plantas e os animais pareciam cada vez mais fortes mesmo sem água, o que estava acontecendo?

Os governadores foram notificados que em 4 dias a fase dois se inauguraria e esta seria a decisiva. A água não tinha voltado e nos demos conta que nem voltaria, foram 3.000.000 de mortos e parecia que tudo estava só começando, muitos não resistiram à sede, outros não resistiram à pressão, ao medo e ao terror. Não tínhamos nem como lutar, não sabíamos quem tinha sumido com toda a água do mundo.

Os humanos passaram a ocupar os espaços dos animais dentro dos açougues, os animais estavam mais fortes e pareciam estar revoltados, furiosos e com a sua natureza e força selvagem mais forte do que nunca. Assim como a água, os alimentos passaram a desaparecer também, nós ficávamos mais atormentados a cada segundo que se passava, estávamos todos morrendo e sabíamos que nenhum de nós restaríamos sem ao menos compreender quem, como e porque isso estava acontecendo, era como se a natureza tivesse criado um tipo de vida, como se a natureza estivesse agindo como humanos, mas isso não é possível, é?

A única coisa de que me lembro é de tudo perdendo o controle, estávamos sem água havia quase um mês, sem comida, sendo mortos e atacados pelos animais que invadiam as cidades, os vírus e epidemias que surgiam uma atrás da outra, os vulcões e sua erupções, eram terremotos novos a cada hora, estava tudo perdido, toda a humanidade e tudo que ela havia construído sendo destruída. Era o fim, e não me lembro de mais nada.

Espera, quem está aí? Albert Einstein, Darwin, Isaac Newton? Como pode?

Eu estava morta, estava escrevendo tudo deitada nas nuvens e nem tinha reparado, realmente nada parecia ter muita lucidez, parecia um sonho ou algo além do sonho. Mas eles vieram me explicar que não tinham muito tempo para me contar o que estava acontecendo porque agora que a última humana da Terra havia morrido, eles teriam que retornar ao planeta.

Desde a época dos gênios que descobriram o Big Bang, os segredos mais misteriosos da natureza, as leis da física, os que tinham desvendado como o as coisas do mundo funcionavam sabiam que a humanidade não iria durar, que acabaria com seus recursos e com a natureza. Eles fizeram um plano de que, se a humanidade não se desculpassem com a natureza, eles se juntariam a ela e derubariam todos os humanos para reconstruir uma humanidade que desse valor à beleza do universo, e foi o que aconteceu.

Não era em Marte que Bill Gates e os outros humanos mais inteligentes do mundo estavam. A natureza estava lutando ao lado deles contra os humanos, para que Albert Einstein, Marie Curie, Maria Mayer pudessem voltar à vida junto aos que restaram para construir uma humanidade e uma sociedade onde a natureza fosse o centro, a vida e fosse amada e cuidada.

# O milagre da Flor

*Julia Braga*

Era o fim, tudo tinha acabado, os humanos tinham acabado com tudo. Eram tão idiotas que fizeram questão de pegar, utilizar e jogar sem nem pensar que no fim ficaram sem de qualquer jeito. Durante muitos anos, exploravam, desgastavam e utilizavam a natureza como algo infinito, mas não era, pelo menos para os humanos não.

Poluição;  
Desmatamento;  
Exploração e extinção de espécies;  
Mudanças climáticas;  
Lixo;  
Efeito Estufa;

Esses são só alguns dos crimes cometidos por esses monstros egoístas, que foram extintos junto com o meio ambiente. Tudo estava destruído, tudo parecia estar acabado.

Da terra seca e rachada nascia uma flor, um milagre. Sem muita força e em condições deploráveis passavam-se os dias, e ela crescia como uma nova esperança.

Ela vivia cada dia como se fosse seu último. Seu crescimento era sofrido e difícil, o ar estava muito poluído e por isso a luz solar era mínima para seu desenvolvimento. Mas não desistia, mesmo com fornecimentos baixos e ruins da natureza, ela continuava se expandindo.

Com grande esforço, crescia;  
Com grande dedicação, crescia;  
Com grande dificuldade, crescia;

Estava na fase da reprodução, sabia que não serviria para nada já que em sua cabeça tinha sido a única sobrevivente desse terrível “fim”. Os dias passavam e sua pequena esperança ia abandonando, não tinha mais força para sobreviver naquele clima tóxico.

Tentava, se machucava;  
Tentava, sofria;  
Era o fim, estava no fim, desistiu.

Sentiu, ela sentiu algo a encostando e percebeu que não ia acabar por ali. Uma abelha veio fazer a polinização da flor quase morta. O pólen atraiu a abelha e a abelha foi atraída pelo pólen.

Quando o inseto foi embora, a flor sabia que poderia morrer em paz já que a abelha se encarregaria de fazer seu trabalho.

A flor murchou e morta ficou.

Mas não foi o fim, a abelha encontrou outra flor e fez a reprodução acontecer. Salvou o meio ambiente, que com os anos foi crescendo e se reproduzindo voltando novamente a ter vida.

Aquela flor nascida em condições deploráveis, realmente foi um milagre, uma salvação para a Terra.

# O planeta cinza

*Julia Citino*

Eram armas diferentes, nunca vistas na história. Eram seres superiores à humanidade, ninguém sabia como reagir. O exército nunca treinara para aquilo, a população teve que agir. Extraterrestres que assombavam mitos passaram a destruir vidas reais. O planeta Terra ficou devastado, o mundo conhecido como verde e azul passou a ser cinza, a natureza ficou na memória. Ainda temos humanos vivos em virtude da guerra que Sherye enfrentou. Uma mulher inteligente, introspectiva, sempre acreditou na ciência e nunca deixou que ninguém a parasse. Não era conhecida e se tornou a maior heroína. Em sua casa havia um depósito, no qual ela guardava todos seus estudos sobre seres extraterrestres e suas armas que sempre sonhou em mostrar.

O mundo entrou em alerta dia 22/04/3028 quando a NASA comunicou a chegada de corpos não reconhecidos na atmosfera terrestre. Sherye tentou avisar a todos meses antes que isso potencialmente ocorreria, porém a chamaram de louca. O ataque começou no hemisfério norte e em segundos atingiu o resto do mundo, eles eram rápidos, cuidadosos e sabiam o plano inteiro de cabeça sem erros. O objetivo era eliminar a população humana para que eles conseguissem habitar o planeta Terra, eles apenas não contavam com a nossa (a de Sherye) ciência. Soltaram gases e líquidos invisíveis que nos deixavam desacordados, de forma que eles nem precisassem lutar, apenas matar. Muitos nem desciam, ficavam nas naves espaciais observando. Foi aí que Sherye agiu. Ela havia produzido milhões de máscaras de oxigênio, armas capazes de matar alienígenas, pois as

de fogo não eram suficientes, e óculos que permitiam enxergar as substâncias despejadas no ar.

A guerra durou apenas 25 horas, pois Sherye tinha um grupo de estudos que continha pessoas do mundo inteiro, que acreditava no mesmo que ela, de forma que todos os países tinham alguém com todos os materiais necessários para vencer a luta. Conforme muitos extraterrestres iam morrendo, mais difícil ia se tornando para os humanos, pois o plano deles tinha várias etapas. Quando um deles morria, seu corpo soltava uma substância química capaz de matar em segundos. Tivemos sorte por conta da máscara, porém estas substâncias queimavam nossas peles, dificultando a nossa força. Agora, mais humanos estão morrendo, ninguém planejou uma roupa adequada para o momento. Era muita pressão em cima dos cientistas.

No improviso, Sherye e seus colegas conseguiram se comunicar e arranjaram uma roupa que parecia de mergulho. Isso em pouquíssimo tempo. Pediram para que quem não tivesse essa roupa não procurasse armas e máscaras para ir à guerra e fosse atrás do esconderijo que cada país tinha. Foi assim que os alienígenas não conseguiram mais achar grande parte da população humana, de forma que os que foram para a luta conseguiram matar os oponentes e muitos sobreviveram graças aos desenvolvimentos científicos de Sherye.

O planeta Terra nunca tinha passado por uma experiência igual. Porém, a ciência ganhou muita força e Sherye passou a ser considerada a salvadora da história. Seus conhecimentos permitiram que o resultado da guerra não interferisse de maneira tão trágica na vida dos sobreviventes e desde então eles estão planejando uma vingança contra os extraterrestres.

# Estranhamentos em um apocalipse

*Pedro Barenco*

Quando eu acordei em minha cama, não havia mais ninguém, nem minha família e nem pessoas na rua. Eu não me lembrava dos acontecimentos de antes de eu ter adormecido, nem porque eu aparentemente dormira por muito tempo. A cidade estava vazia, mas parecia que tudo estava largado como se tivessem saído às pressas, tanto em minha casa quanto nas ruas. Eu passei por vários lugares e encontrei muitos carros da polícia, mais do que o normal, e até mesmo tanques, mas qual era o sentido de tudo aquilo?

Eu então encontrei um jornal na vitrine de uma banca, e nele a manchete era de que muitas pessoas começaram a ficar agressivas devido à nova doença que surgiu. O jornal tinha uma data, porém eu nem sabia que dia era aquele em que eu estava. Eu sentia que aquele jornal e a sua data já eram bem antigos. Eu fiquei assustado com o que eu li, será que a cidade fora tomada por essas pessoas agressivas? E os sobreviventes morreram ou evacuaram? Mas ainda não fazia sentido não ter ninguém por lá.

A ideia mais lógica que eu tive foi tentar sair da cidade e descobrir se aquela situação só acontecia perto de mim, mas ao caminhar e chegar na metade da ponte, me deparei com várias barricadas e carros da polícia do outro lado. Achei suspeito, mas consegui atravessar de qualquer jeito. Já era final da tarde, e ao passar pelo aglomerado de carros da polícia, uma grande luz de holofote piscou na minha frente.

Quando parei para ver o que era aquilo, avistei um helicóptero, com dois pilotos dirigindo que me chamaram para entrar nele. O helicóptero decolou depois que corri para entrar. Um dos pilotos rapidamente perguntou quem eu era e porque eu estava ali, e então eu só respondi que eu simplesmente tinha acordado na cidade sem saber o que estava acontecendo. O outro piloto anunciou que tínhamos chegado e estávamos descendo, mas eu estranhei porque aquele lugar parecia uma parte mais "humilde" da cidade, e pousamos em um lugar nada conveniente.

Nós descemos do helicóptero quando de repente um dos pilotos me empurrou e começou a tentar bater em mim sem falar qualquer palavra. Mas eu facilmente consegui escapar. Quando parei para observar a cidade, ela parecia um pequeno "Velho-Oeste", porém percebi que estava cheia de pessoas estranhas que não pareciam nada amigáveis, por isso nem tentei conversar com elas, pois pareciam aquelas agressivas que vi no jornal.

Eu senti alguém me cutucando nas minhas costas, e quando me virei, vi uma moça que logo pediu para eu segui-la, e sem ninguém ter visto, chegamos a uma escada que iria até o esgoto. Sem nenhum de nós falar nada, descemos a escada e quando cheguei ao chão, me deparei com um aglomerado de pessoas que olharam para mim, como se fossem carentes de algo. Eram os sobreviventes daquele grande apocalipse.



# A Escolha

*Paola Taddei*

Tinha aberto a fresta da persiana pela décima vez em cinco minutos, andava de um lado para o outro, encarava o relógio, esperando o inesperado. Sabia que, se fosse reprovado, estaria mais encrencado que político falando m\*rda.

— Juliano, para de abrir essa persiana, menino, tenha paciência. Pode nem ser tão ruim, você tá sendo incrivelmente pessimista.

A obra da casa vizinha, com o pessoal gritando, batendo a furadeira e cantarolando na sua orelha só atrapalhava seu nervosismo ainda mais. O chiado da panela de pressão e o pavor daquilo explodir na cozinha também não o deixavam mais calmo.

Qualquer barulho ou movimento brusco de algo ou alguém ao seu redor aumentava sua pressão, e ele perdia a capacidade de respirar. Estava tendo um ataque de pânico.

Era oficial: estava surtando. Não tinha ideia do que fazer com um ataque de pânico, não sabia se tentava respirar, se sentava, se comia alguma coisa, se gritava para o mundo ou se só desistia de tudo e chorava ainda mais enquanto o mundo girava na sua cabeça.

Aquela notícia iria mudar seu futuro inteiro completamente. Se passasse, seria o orgulho dos seus pais, o primo de quem todos têm inveja nas reuniões de família, o cara perfeito para qualquer garota solitária. E se reprovasse... preferia morrer a arcar com as consequências, fugir pro meio do mato ou até vender miçanga na praia, se tivesse algum talento pra arte.

Quanto tá uma passagem pra Bahia?  
Será que eu realmente mereço passar?  
Eu tomei o remédio hoje?

Meu deus, eu fui muito mal... Não pera, eu não posso ter ido mal, eu passei meses estudando e treinando apenas para esse momento, tudo não pode simplesmente dar errado. Pensa positivo.

Até que de longe escutou um carro estacionando na porta de casa. Tinha chegado a hora.

Druga, droga, droga, droga, droga, droga, droga.

Seu coração batia mil vezes por segundo, estava enjoado e tinha certeza de que poderia desmaiar a qualquer momento. Sua mãe abre a porta da frente com um envelope enorme em suas mãos, dando de cara com Juliano em posição fetal no chão da sala.

—Juliano, para de drama, levanta desse chão sujo, cara. O envelope chegou já, você não quer abrir isso aqui logo?

Pronto, ia ser reprovado, ele sabia. Foi só segurar o envelope na sua mão e já começou a se sentir mais pesado, como um perdedor. Sabe de uma coisa? F\*-das-e, quanto mais rápido eu abrir esse treco mais rápido essa sensação passa.

Pegou a tesoura e abriu o envelope. Procurando ansiosamente pelas palavras que mudariam seu futuro com o coração na mão, até ver Prezado Juliano, parabéns pelo ....

Encarou o papel por uns 5 minutos, sem saber o que dizer. Passei? Pera, como eu passei? Eu passei! Ele gritou de alegria, pulou pela casa inteira e correu por todos os cômodos até cair sua ficha e se sentou no chão sem ar, e parou por um segundo pra pensar, eu passei.... Será que eu realmente quero isso? Eu fiz a escolha certa, não é...? Não é?



# Hortênsias e Rosas

*Graziela Vaz*

De súbito virou.

— Vá Valentina, não olhe para trás, corra!

Valentina corria, era como uma bela rosa num jardim de sabugueiro. Buscava inspiração para sua próxima novela. Com sua máquina de escrever portátil na mão, esperando o momento certo para se colocar a criar.

Sentou-se na varanda de seu humilde chalé no campo, ao qual ia algumas vezes ao ano para buscar o alubrimento para suas histórias tensas.

— Venha para dentro, está começando a chover — dizia Bento, cônjuge de Valen. Não queria.

A chuva começou, bruta e barulhenta. Valentina entrou com desconforto nítido. Não teria porque haver tal desconforto aos olhos alheios, apesar de sempre ter um motivo para tal comportamento.

Valen não conseguira escrever, inspiração vinha, inspiração ia... Todas as ideias muito boas, porém não suficientes. Era sua terceira novela, então aos seus olhos teria de ser feita com perfeição e sem margem de erros, havendo o fato de que sua vida dependia dessa narrativa.

Querida ficar sozinha. Essa era a principal intenção ao ir para o chalé do campo, afastado de tudo e todos. Porém não estava. Tinha Bento, que a seguia por todo o lado com um ar de desconfiança a todo o momento. Não sabia o porquê de tal atitude, tendo em vista que a jovem sempre fora submissa a ele dadas circunstâncias do casamento.

Casara-se por amor, algo que se tornou desconfortável. Não tinha um espaço para si, e como escritora, necessitava disso. Foram jantar.

No dia seguinte, o dia estava lindo, porém, com um clima pesado após os comentários exacerbados de seu marido sobre o jeitinho de Valen. Não aguentava mais, era um homem agressivo, sempre desconfiava de sua mulher, que nunca lhe dera motivo para tais reações. Era uma mera escritora, com ânsia de um tempo só para buscar inspiração. E naquela manhã, não aguentava mais. Matou o marido, com uma bela florzinha do campo, delicada como um alfinete bem fino, porém mortal se estiver enferrujado. Ligou desesperada para sua amiga, que foi lhe ajudar.

— Agora, você deve correr, não deixe que esse homem, que não merecia seu amor, acabe com sua carreira e sua vida.

— Vá Valentina, não olhe para trás, corra! — disseram, após o envenenamento de Bento, para que a garota pudesse fugir.

Deveras o campo lhe trouxera inspiração. Terminara sua história. Isabel e seu marido, Pedro, foram comemorar com um bellissimo piquenique a beira do rio. Ele fizera uma surpresa à esposa, que tanto amava, após deixá-la por uns dias a mais apenas para conseguir a inspiração de que tanto precisava.

# Uma jornada pós-apocalíptica

*Guido Oda Mercadante*

O ano era 2087. A Terra fora invadida pelos alienígenas, os quais destruíram quase todo o planeta, além de terem matado mais de 99% da população mundial. Um dos poucos sobreviventes era um jovem rapaz chamado Swarley. Este estava junto com sua família quando tudo ocorreu e ficou dias traumatizados, se levantando da cama apenas para comer. Ele até tinha às vezes uma iniciativa de sair de sua casa, mas não sabia quem encontrar, não sabia quem ainda estava vivo, não sabia como era o mundo lá fora.

Certo dia, Swarley, comendo um fini tubes em seu quarto, ouve o barulho da campainha. Assustado, ele se levanta da cama lentamente e pega seu taco de beisebol, indo de passinho em passinho até a porta principal da casa. Quanto mais se aproxima da porta, mais tenso ele vai ficando, até que finalmente chega a ela. Ele para, respira um pouco e abre a porta fazendo o mínimo de barulho. De cara ele não vê nada, então resolve botar a cabeça para fora e checar se a pessoa estava aos redores, mas não acaba achando absolutamente ninguém. Meio confuso, ele fecha a porta e vira, se deparando com um homem estranho.

— Quem é você? — Pergunta Swarley depois de tomar um puta susto.

— Eu sou o detetive Michael Scarn e estou tentando descobrir porque a gente continua vivo.

— Eu realmente não ligo, até outro dia!

— O Estado irá dar uma recompensa em uma grande quantidade de alimento para quem descobrir. Se me ajudar, eu divido com você.

Swarley, sabendo que estava quase sem comida, resolve ajudar esse detetive e o chama para seu quarto.

Se passam 30 minutos de interrogatório, nos quais o detetive tenta ver quais eram as características que eles possuíam em comum, a fim de compreender se havia um padrão nas pessoas ainda vivas. Após seu interrogatório, ele descobre que não tinha absolutamente nada em comum com Swarley. Suas cores favoritas, seus signos, seus filmes favoritos, suas séries favoritas, seus esportes favoritos, seus gostos musicais, suas comidas favoritas, até suas personalidades eram diferentes. Mesmo sabendo que essa parte do interrogatório provavelmente não seria o motivo de estarem vivos, foi bem surpreendente.

A parte mais importante de seu interrogatório estava por começar, pois Scarn iria comparar as doenças que tinham em comum.

— Eu tenho hipoglicemia desde que era criança e também tenho colesterol alto.

Swarley, dá um suspiro desapontado.

— Então detetive, eu não tenho nenhuma dessas doenças, meu único problema é com asma.

O quarto fica num silêncio constrangedor, minutos se passam e os dois apenas se encaram com caras de bunda. Até que então, Scarn resolve se levantar e sai da casa de Swarley, o qual resolve segui-lo.

Quando chegou lá fora, o detetive percebe que o dono da casa o seguira.

— Estou indo à procura de respostas, deve haver alguma relação, precisa ter alguma relação nisso tudo.

— Vou com você!

Scarn não queria a companhia de outro, sabendo que a recompensa iria ser menor pra ele, mas sabia que Swarley não iria deixá-lo ir sozinho, então apenas aceitou sua presença.

— Se você vier me acompanhar, saiba que não iremos fazer paradas o dia todo! — diz em uma última tentativa para fazer com que ele desistisse.

— Ok, estava precisando tomar ar fresco mesmo.

O detetive dá um suspiro alto, abre o seu Doritos e começa a sua jornada junto com seu novo companheiro.

Uma hora e meia depois, sem ter sucesso em sua busca, o próprio detetive resolve fazer uma pausa para eles comerem. Esse lanchinho ocorre em puro silêncio. Michael comia seu sanduíche enquanto Swarley comia dois tubinhos de seu fini tubes. Essas pausas ficaram ocorrendo repetidamente e assim, os alimentos começaram a fazer falta, com o detetive tendo que começar a arriscar sua vida começando a comer coisas mais gordurosas, enquanto Swarley apenas abria mais um pacote de bala que tinha.

Essa jornada que começara em um ritmo alto já estava bem lenta a este ponto. A cada pausa que faziam, menos esperanças de encontrar algum ser humano

tinham e mais desanimados ficavam. Então o detetive, com o intuito de economizar os alimentos, resolve esticar a pausa para dali duas horas. No entanto, uma hora e quarenta minutos depois, Swarley começa a ficar zozno, andando todo esquisito.

— Michael! Michael! Quando a gente vai fazer nossa parada?

— Daqui vinte minutos! Aumentei trinta minutos de pausa para gastarmos menos alimentos.

— O QUÊ?! Eu preciso comer cara! Se não...

Nessa hora Swarley cai no chão, tão pálido quanto um fantasma. O detetive entra em pânico, resolve checar o pulso dele e vê que ele ainda está vivo, mas mesmo assim não sabe o que fazer a respeito. No meio do desespero, ele ouve bem baixinho o Swarley falando: “comida, comida...” e então ele pega a bala que seu companheiro estava comendo e coloca na boca dele. Este, depois de uns dez segundos com a bala na boca, começa a mastigá-la bem lentamente, até que ele para e fecha os olhos. Michael Scarn checa novamente o pulso dele e se senta no chão, pega uma das últimas comidas presentes na sua mochila, uns nuggets, e começa a comer, enquanto espera seu amigo acordar.

Se passa um bom tempo, até que finalmente Swarley abre seus olhos, levanta a cabeça e se senta. Scarn ainda preocupado com a situação e não entendendo o que tinha acabado de acontecer, tenta entender o caso.

— Você está bem?

— Tô.

— O que aconteceu?

— Você me fez desmaiar! — diz Swarley bem bravo com o detetive.

— Como assim eu?! — indaga Scarn.

— Por sua culpa eu não comi nada por mais de uma hora e meia! Eu preciso comer algo senão eu desmaio!

Michael Scarn estranha, começa a pensar e depois de juntar as peças em sua mente, ele fica puto.

— VOCÊ TEM HIPOGLEMIA!!!

— O que caralhos é hipoglicemia?!

O detetive não acredita no que escuta, não acredita que fizera toda essa jornada em vão, não acredita o quão burro era Swarley e não acredita que estava vivo graças à sua doença. E então, ele se ajoelha, põe a mão em seu coração (bem devagarzinho), olha para o céu e dá um grande suspiro.

# Ragnarok

*Guilherme Olmos*

Já passou uma semana. Jornais, veículos de reportagem e notícias, canais de TV, tudo parou, acabou. Mais de dois bilhões de mortos contados nas últimas notícias, dois dias atrás. O surto está cada vez pior, um surto de depressão profunda iniciado, a princípio, por uma "droga", uma mistura de dois medicamentos, alprazolam e codeína. Ao passar do tempo, começou a evoluir e se transmitir como um vírus, de pessoa por pessoa, de célula por célula, chegou até onde estamos. Metade da população mundial morta, não só morta por uma doença, mas sim pela própria vontade, metade da população mundial cometeu suicídio.

A melancolia e solidão invadiram minha alma sem que ao menos eu entrasse em contato com alguém, a situação em que vivo me causou isso. Graças à minha "amiga", porque não sei ao bem se posso chamá-la de amiga ou algo mais, que ainda estou vivo, mas apenas vivo. Não sei se sinto mais emoções, apenas o prazer de fazer sexo e o amor que sinto por ela.

Estamos isolados em um apartamento desde o início, não vejo mais motivos nem razões para viver, só vivo pois não tive chance de morrer, eu e ela, vivos e vivendo o agora. Temos pouco tempo de vida, água e comida estão acabando aqui e, caso optemos por sair, o risco de se contaminar é enorme.

Oitavo dia, acordamos, vivos. Toc-toc, alguém bate na porta, olho para ela, ela olha para mim, soa aquela dúvida amedrontadora. Devemos abrir? O homem na porta se pronuncia, "Ajuda, ajuda! Não sou um risco, não estou contaminado,

só preciso de ajuda". Ela acha que temos de abrir, eu acho que não, ela fala para abriremos, eu aceito. Vou em direção à porta, suando, tremendo, em estado de choque. Viro a chave para a esquerda, a porta é destrancada, levo a maçaneta para baixo, a porta é aberta... Um corpo cai em meu colo instantaneamente, frio, provavelmente morto. Olho para ela, ela olha pra mim... "Estou morto" expressa meu olhar, "vou morrer contigo" expressa o dela.

Antes que pudéssemos sentir qualquer coisa, seguro sua mão, vou em direção à janela, pulo, ela pula comigo.



# A angústia da subida

*Heloísa Valsi*

Eu estava decidido, iria pular. Já havia refletido muito sobre o assunto, sempre refleti, acho que era algo que desde sempre sabia que faria. Apesar de ser algo que muitas pessoas fazem impulsivamente, não era meu caso; tinha planejado tudo, desde o horário, local, até as roupas.

Durante a subida, só conseguia pensar nas pessoas em minha vida. Minha mulher, Ângela, a pessoa que mais insistira para que eu não fizesse. Falava que não valia a pena, eu tinha tanto a perder, não podia fazer com que ela passasse por isso. Mas eu já estava desejando isso muito tempo, não conseguiria mais viver assim.

Quanto mais alto chegava, mais eu sabia que não tinha mais volta. Só conseguia pensar em minha filha. Por mais que nunca tenhamos tido essa conversa antes, uma das únicas vezes que o assunto surgiu, ela comentou como o pai de um amigo fez isso. Minha querida quase com lágrimas nos olhos, explicou como apenas de pensar sobre a ideia já sentia calafrios.

Naquele ponto não sentia nada. O frio na barriga me consumia. Só pensava como em alguns instantes, seria apenas um corpo, que arremessado daquela altura, me resumiria no deslizar do vento, tão insignificante como uma folha.

Algo me disse que tinha atingido a altura suficiente. Era isso. Minha vida toda me levaria àquilo, àquele momento. Não tinha mais escapatória.

Olhando para baixo, aquela imensidão.  
Fechei os olhos.

Respirei fundo.  
Saltei.  
No meio do ar ouvi um barulho.  
BUM.  
O paraquedas se abriu.



# Layga

*Henrique Teixeira*

No ano de 2142, a sociedade passava por uma revolução tecnológica severa, o que resultou em um mundo com altíssima tecnologia, com muita poluição, uma enorme desigualdade social que foi acarretada pelo fato de a população passar de 16 bilhões de habitantes, e este fato fez com que houvesse um índice de criminalidade muito extenso. Para combater este fato, houve um endurecimento da lei, levando a prisões mais lotadas e à aplicação de pena de morte para crimes menos graves, como por exemplo, roubo. Mas a população pobre não ligava para tal fato: ou morreria sendo presa ou morreria de fome.

Eu me chamo Layga, tenho de 19 anos, cresci em um lugar de extrema pobreza, onde não se tinha acesso à educação, esgoto, comida e água, e infelizmente (ou felizmente) tive que cometer crimes para poder sobreviver. Comecei roubando comida e água de uma padaria em um bairro nobre da cidade na madrugada aos meus 8 anos, já que minha mãe, quem me dava leite materno como único alimento, morreu enquanto estava no bairro onde se tinha maior concentração de seres humanos nojentos por metro quadrado, como já disse, um bairro nobre. Não se sabe ainda o porquê ela morreu, já que não somos considerados humanos, mas acredito que seja pelo fato dela estar revirando o lixo deles para conseguir algumas latinhas que, eventualmente, resultariam em alimentação.

Já havia se tornado rotina roubar pequenos comércios para sobreviver, quando eu, aos 8 anos, revirando lixo de casas ricas achei uma caixa de metal com umas entradas meio estranhas, mas parecia funcionar perfeitamente. Pensei que

poderia ser uma coisa que tinha visto em uma revista, comp... compot, não, aaaah é um computador... O que é isso mesmo? Acho que precisa colocar na tomada pra fazer funcionar... Decidi no mesmo instante sair correndo de lá com o computador em minhas mãos e decidi me esconder em uma casa abandonada de uns ricos que haviam morrido havia pouco tempo, já que a casa estava com uma pequena camada de poeira em cima dos móveis. Percebi que para poder usar este troço, aparentemente precisava de alguma coisa ligada nela para poder usar, então, fui a um quarto que tinha um negócio fino e muito grande preso na parede. Estava andando na direção de uma tomada quando, de repente, tropecei em algo e acho que esbarrei em uma coisa fina e comprida, e nela havia vários botões... Acho que chama controle remoto isso... E agora, tinha uma tela brilhando na minha frente, nunca tinha visto tão de perto antes, era lindo.

Ao ligar este computador na tomada e no negócio fino na parede que carinhosamente apelidei de Tela, já consegui fazer funcionar. Tinha uma imagem diferente da outra vez, agora precisava clicar em alguma bolinha para conseguir entrar. Cliquei em qualquer uma, e precisava de um código para conseguir entrar... Acho que o nome disso é senha... Tentei desesperadamente clicar em outras bolinhas que tinha em minha tela, e na última tentativa, consegui. Uma bolinha que não precisava dessa tal senha.

Passsei praticamente 1 ano naquele quarto direto, saindo apenas para ir ao banheiro, e ir a algum pequeno comércio para roubar alguma coisa. Neste ano em que passei no quarto, consegui me alfabetizar sozinha, com apenas o computador, e um livro que tinha roubado em uma loja.

Até que, no último dia do ano, escutei um barulho na entrada da casa em que eu estava. Era a polícia. Algum riquinho de m#rda tinha me denunciado. Pelo barulho que eu ouvi, eles tinham cachorros, pelo menos 3 deles. Não pensei duas vezes, peguei o computador que havia achado há alguns anos, que era meu único amigo e meu único bem e fugi. Agora, ali estava eu, sem onde ficar, com uma caixa de metal na mão, correndo sem olhar para trás e com muito medo, já que se eles me pegassem, era morte na certa.

Tropecei, escutei barulho de cachorros. O meu único amigo havia falecido em minha frente... Sim, meu computador havia quebrado. Tive que deixá-lo lá mesmo e continuei correndo. Parece que eu corri o dia inteiro. Não sabia onde eu estava, mas de uma coisa eu tinha certeza: a polícia ainda não havia desistido. Consegui me esconder atrás de uma loja, em um beco estreito. Sem saída. E com muito, muito lixo.

O barulho de cães foi se aproximando. Me joguei embaixo do lixo mais fedido que eu consegui encontrar, já que havia lido que os cachorros da polícia tinham um bom olfato. O barulho foi se aproximando, ouvia risadas dos policiais dizendo que eu iria servir de brinquedo para cachorro. Senti algo pisando em meu braço. Havia um policial em cima de mim. O barulho dos cachorros farejando ficavam cada vez mais altos. Meu braço que o policial tinha pisado já estava quebrado.

A dor era imensa, queria gritar. Consegui me conter. Mas desmaiei com a dor gigantesca que estava sentindo. Ao acordar, o peso em cima do meu braço havia diminuído, não havia mais nada em cima do meu braço. Achei que os policiais já tinham saído há muito tempo, e que já era até outro dia.

Saí com tudo de baixo do lixo fedido. Vomitei. Achei que ia ter minha paz de volta enquanto estava saindo do beco, chorando pelo meu braço ou pelo fato de meu amigo ter morrido na minha frente, não lembro ao certo. Mas havia um policial com 4 cães ali, na saída do beco. Tentei fugir. Mas já era tarde.

Fui presa, com sentença de morte, mas como tinha 9 anos e a lei não permitia que menores de idade fossem condenados com sentença de morte, fiquei na cadeia, até completar meus 18 anos, para que assim fosse condenada.

Hoje, no dia 16/06, acabei de completar 18 anos. Ainda estava na cadeia. Já tinha aceitado minha morte. Havia um costume horrendo desses riquinhos que era passar a execução de presos em telões no meio da avenida principal da cidade. Quando era mais nova, acho que por acaso, vi uma execução enquanto estava nesta avenida à procura de comida. Era em uma cadeia elétrica e cada preso podia falar alguma coisa antes de morrer, eles te davam a permissão para falar suas últimas palavras. Isso não era uma gentileza, sim, um castigo, era como um entretenimento.

Havia muitas pessoas na cadeia com a sentença de morte. Por isso, não fui executada com 18 anos. Hoje, com 19 anos, estou sendo executada, em uma cadeira elétrica. Como podem ver, meu braço ainda é torto, não tive nenhuma assistência médica pelo meu braço quebrado, desde que tinha 9 anos.

Espero que não só a minha morte, mas sim a morte de todos os que serão executados hoje, faça com que o mundo seja um lugar melhor. Que vocês, ricos nojentos, mudem o seu hábito de ver pessoas morrendo por pura e apenas sua diversão.

Já tinha decidido que iria contar a minha história aqui, na hora em que estarei sendo executada, ao ser mostrada na avenida principal. Agora, eu quero que vocês, ricos, pensem em como é ter, desde seus 9 anos, um dia exato para morrer. Você que não teve a chance de fazer nada na sua vida. A não ser apenas 1 ano de diversão. Com algo que achou no lixo. Porém, sou grata somente à minha mãe, que me amou, me deu carinho, e tentou fazer ao máximo que eu não passasse fome.

Agora irei poder abraça-la, e ao meu melhor amigo. Pode ligar a cadeira.

Ao olhar para quem iria me matar, era um policial, ele estava chorando.

Fiquei contente pelo fato de eu já ter emocionado alguém, mesmo ele não tendo culpa, e que está matando os outros para conseguir dar o mínimo de saúde, comida, e educação a sua família.

“Hoje, Layga foi executada, mas sua morte tocou cada um que escutava sua história. A ONU decidiu que não haverá mais pena de morte e todos os bairros pobres do mundo terão pelo menos as condições básicas para a vida de um ser humano. Layga foi a última executada com pena de morte da história. Obrigado por abrir nossos olhos e mostrar o que realmente é a sociedade.”

# O dia que o chá dominou o mundo

*Henrique Castilho*

No ano de 2025, cientistas acidentalmente descobriram como criar vida. Durante um procedimento com raios gama, uma garrafa de chá mate foi exposta à radiação, provocando uma mutação nas partículas de mate, levando a bebida desenvolver consciência. Nesse momento, o homem pensava ter descoberto o mistério da existência, animar algo inanimado.

O tempo foi passando e o chá foi evoluindo. Ele era um ser com sentimentos, inteligente e perceptivo ao mundo que o cercava. Não demorou muito para ele perceber que era superior aos seus criadores. Em pouco tempo, o chá havia se tornado influente em meio ao globo, sua fama e inteligência o levaram a lugares nunca imaginados, ele manipulava políticos e influenciava massas populacionais, um deus em seu tempo.

Seu próximo passo era simples: ele convenceu o homem a criar mais seres de seu tipo e assim foi feito. Com o número e influência necessária, o chá conduziu o mundo à terceira guerra mundial. Sua doutrina sobre as organizações governamentais fez com que tudo isso fosse possível. Dessa forma, sobre as cinzas do mundo destruído pela guerra, o chá assumiu o poder, nós homens havíamos criado nossa própria destruição.

Com ajuda das máquinas que o próprio chá havia criado, toda a população humana que conseguira sobreviver à guerra foi escravizada e colocada para trabalhar em campos de concentração voltados para extração de mate, principal elemento de sua anatomia depois da água.

Nesse contexto se encontra Henrique Guarise, um sobrevivente preso pela tirania do chá. Cansado de viver sua vida enjaulado, ele decidiu, após anos estudando seu cativeiro, tentar fugir, esperançoso de encontrar refúgio além das minas de mate, marchando até um local seguro onde ainda poderia existir algum tipo vida para ele.

O plano se iniciou no dia de seu aniversário, 3 de setembro de 2030, um golpe irônico do destino vindo de Guarise. O primeiro passo era reunir uma equipe, no caso Theus e Jv, pessoas facilmente manipuláveis, que em caso de risco poderiam servir como isca. Logo, o segundo passo era sair do dormitório, onde de forma furtiva fugiram pela ventilação enquanto todos dormiam.

Depois de alguns minutos, acabaram saindo no refeitório. Estava desocupado, porém era possível escutar ruídos vindos dos corredores. Eram sempre constantes, gritos e gemidos incessantes vinham de lá todas as noites, se ficassem por muito tempo parados não teriam chances, cada segundo era um risco a mais para o grupo. Rapidamente, Henrique começou a se esgueirar pelas mesas da cantina, o ar era pesado e a escuridão predominava no local, o mero som de suas respirações já representava risco para sua sobrevivência.

A saída do refeitório estava logo à frente, a área externa do campo estava próxima, apenas um corredor de distância dos sobreviventes, mas era impossível saber que direção seguir. Logo, o mais sábio a se fazer era sacrificar o integrante mais burro. Henrique, de forma persuasiva, insinuou para Theus seguir para a direita como isca... Não demorou muito para os sentinelas o identificarem, ao mesmo tempo que Guarise e Jv correram para o sentido oposto de seu companheiro, já sem esperanças de ser salvo.

O plano seguia conforme planejado por Henrique. Os dois haviam chegado à área aberta, localizada na traseira da prisão, o único lugar onde eles poderiam pular o muro devido a uma falha na estrutura de segurança do local. A liberdade estava a uma distância de 250 metros de ambos. Porém, atravessar esse terreno aberto seria suicídio, não seria possível sobreviver até o fim do trajeto sem ser pego pelos sentinelas.

Henrique, de forma sagaz, já sabia o que fazer, era óbvio que ambos não iriam conseguir, mas se ele soubesse correndo na frente seu companheiro ele não conseguiria o acompanhar. Era necessário examinar tudo corretamente, já que, como Jv era gordo e após 50 metros não teria o mesmo rendimento que Guarise. O tempo de sua morte iria favorecer gloriosos segundos para sua fuga.

Sendo assim, de forma espontânea, Henrique disparou em direção à liberdade. Seu amigo assustado o seguiu sem entender o que estava acontecendo. Correndo como nunca, Guarise sentiu a adrenalina em seu sangue e o vento contra a sua face, quando bum! Os alarmes foram ligados e holofotes foram jogados contra suas faces. O chá havia percebido a ausência de seus prisioneiros e os sentinelas foram soltos. Henrique acelerou enquanto Jv acabou ficando cada vez

mais distante. No tempo de chegar e escalar o muro, Guarise viu seu companheiro sendo capturado, sem chances de conseguir o alcançar. Olhando para ele, Henrique se ajoelhou e, de forma solene e respeitosa falou para Jv heroicamente:

“Nada pessoal filho, ainda sou virgem, não poderia morrer aqui”.

# Tudo muda em uma noite

*Isabela Braga*

Diferentemente da maioria das meninas da sua idade, Maria, uma menina de 17 anos, morena, com olhos castanhos e uma personalidade forte, ainda não tivera sua primeira paixão. Mas não porque ela nunca tivesse chegado a conhecer alguém e sim porque ela nunca se permitira gostar de alguém por medo de no final se machucar. Mas isso mudou quando ela conheceu um garoto de cabelos castanhos, olhos verdes, alto, bronzado e que tinha também uma personalidade forte.

Tudo começou em uma festa que Dani – sua melhor amiga-a arrastou. Era uma festa a que Maria não queria ir pois não conhecia ninguém além do namorado de sua amiga e a amiga. Ao chegar lá, Maria ficou no seu canto sem falar com ninguém, até que um certo garoto desconhecido chegou perto dela puxando um papo, mas Maria estava completamente desconfortável com a conversa. O garoto tentava chegar cada vez mais perto e ela não estava gostando. E foi nesse momento que ela conheceu Guilherme; foi ele que tirou de perto o garoto, que já estava incomodando.

Diferentemente do outro garoto, Guilherme estava conversando com Maria de uma forma que ela gostava. Em pouco tempo, Guilherme convenceu Maria a dar seu número para ele. Depois disso, ela foi embora para sua casa.

Não demorou muito para a mensagem chegar e quando seu celular tocou, já sabia quem era. Mas o que ela não sabia era que a partir daí sua vida iria mudar bastante.

Guilherme conseguiu fazer o que muitos não conseguiram: com que Maria o chamasse no dia seguinte. Durante vários meses, eles ficaram conversando e saindo algumas vezes juntos, até que um certo dia, Guilherme decidiu falar o que estava sentindo. Maria não soube como reagir; por conta disso ficaram dois dias sem se falar até que Maria o chamou para conversar e falar que não estava naquele ponto ainda.

Mais alguns meses se passaram e quando Maria estava lendo uma mensagem, o sorrisinho bobo apareceu. Ela fingiu que nada aconteceu. Durante muito tempo, ela ficou nessa fingindo que nada tinha ocorrido, mas em certo ponto, não conseguia mais. Ficou pensando por muito tempo se ela realmente iria admitir para si mesma aquilo, porque depois de feito não teria como desfazer.

Cinco minutos depois, percebeu que daquela fez valia o risco... e fez.



# A última descoberta

*João Cunha*

A realidade se via em uma situação complicada; como saberiam que aquelas suposições e divertimentos um dia se tornariam verdade? As pesquisas se consolidaram após o descobrimento de que o DNA dos animais era compatível e os cientistas foram a loucura. O governo, em um primeiro momento, deu pouco apoio e não aprovou, mas a revolta foi tamanha, a pressão foi tanta com protestos gigantescos e pesquisas ilegais que o governo acabou cedendo. No exato momento, iniciaram-se testes em massa que prometiam mesclar animais, que logo levariam à descoberta de novas mutações possíveis e um ciclo vicioso. A ânsia dos cientistas gerou uma mega produção, jamais vista antes em qualquer outro tipo de descoberta, até porque, isso era “impossível”.

Foram semanas de trabalho intenso, cientistas se sobrecarregaram, muitos pegaram doenças mentais sérias e até foram levados a hospícios pelo vício e angústia que o trabalho gerava, tudo devido à fascinação científica. O problema é que este descontrole foi porta de entrada para pesquisas mais avançadas sobre isso, e essas mutações criaram monstros! O primeiro caso foi silenciado, já que tudo que a mídia relatava era sobre esta febre do momento. Ocorreu em um laboratório em Madagascar e se deu pela tentativa de mutação de um hipopótamo com um Leão-do-katanga. Eles perderam o controle e a criatura destruiu e matou 3 cientistas, fugiu e foi esquecida... Um caso à parte... Ninguém falou nada...

O epicentro dos surtos se deu em uma das potências globais, em um laboratório em Nova York no qual houve um descontrole em outra tentativa de mutação

que acabou matando alguns cientistas e feriu um cidadão. Devido à produção em massa, fugiram cinco criaturas. As criaturas procriaram tão rápido graças a uma mudança genética pela mutação que logo geraram pequenas populações. Elas atacaram a zona rural primeiro. As bestas se multiplicavam e começou a preocupação de sua ida às cidades. Fritz era um dos pioneiros das pesquisas e pelo seu espírito superprotetor, estava muito preocupado com as fugas que aumentavam diariamente. Ele largou as pesquisas após a experiência que deu errado com seu amigo, Jan, na tentativa de mutação com humanos. Ele se transformou em uma besta inofensiva, que entendia às pessoas, mas mesmo assim não conseguia falar.

Após alguns dias, as superpopulações das mais variadas mesclagens de animais invadiram diversas metrópoles ao redor do mundo. Invadiram casas e mataram milhões de pessoas, dominaram ruas, cadáveres vieram a público. Eles cercaram supermercados e restaurantes, assim ninguém tinha qualquer forma de consumo. Porém, tudo estava um caos, em chamas, todos os prédios e casas destruídos e só restava a pessoas a ficarem abrigadas em pequenos casebres ou casas mais isoladas ou protegidas. Nos telões que não haviam sido destruídos das mais famosas cidades, apareciam avisos de cuidado: para encontrar abrigo, e não ficar na rua. Em diversas regiões, a situação era melhor, mas ainda ruim. Organizações militares das melhores possíveis: Israel, Rússia, Estados Unidos, Índia, China, Brasil se colocaram a frente de batalha para matar o máximo possível.

Os cientistas estavam desesperados. Fritz e mais cientistas de outros países se apresentaram em uma reunião e chegaram a um consenso. Como eles criaram as criaturas, eles que saberiam as destruir. Como os cientistas conheciam o DNA e as condições genéticas da maioria dos seres se mesclaram, o negócio era criar um vírus transmissível apenas entre as mutações. O problema que enfrentavam era a procriação acelerada das mutações; deveriam cortar isso, assim gerando uma pandemia que não afetaria os humanos, reduzindo as superpopulações e dando esperança global.

E assim foi. Começaram a trabalhar eu uma cura. Muitas vidas perdidas, mas a situação escalou muito rápido. Fritz e Jan começaram os estudos, e em torno de dois dias, Fritz descobriu uma forma de desenvolver o vírus. Ele era um dos primeiros a pesquisar, amante do assunto mesmo antes de descobrirem ser possível, ele participou de todos os protestos de antes, então sabia de tudo. Apresentou a fórmula aos seus companheiros e o esforço foi suficiente para liberar o vírus. Existia muita demora para distribuir isso para outros países, e nesse meio tempo, milhares de cidades, campos, e ilhas foram totalmente dominados. Grande parte da Ásia, Oceania, e América viraram ambientes para essas espécies. O vírus começou na Europa, Fisiliun precisava de um dia para infectar e sua principal função era uma espécie de castração para que não pudesse haver mais reprodução e depois a morte. Começaram a soltar o vírus, mas o problema é que era muito demorada a produção. Começou o efeito nas bestas que cercavam Roma,

que era onde Fritz estava. O pior foi que a procriação era tão rápida que aquela quantidade não tinha efeito nenhum.

As bestas avançaram até as cidades, que estavam cheias de militares. Começou um tiroteio, muitos cientistas se juntaram e tentaram lutar contra as bestas, em sua maioria muito mais pesadas e fortes do que qualquer humano. Cada traço nelas ajudava a matá-los: as garras, os chifres, os dentes. E assim foi, Fritz saiu do laboratório e lutou pela sua vida, Jan matava em dobro, com seu tamanho maior que o normal e sua inteligência, ele era o maior lá. As bestas destruíam carros, tanques e aviões, pelas aéreas como se fosse papel. A quantidade era tamanha, em bandos os animais matavam um por um. Cinco bestas subiram em Jan e assim mastigaram seu estômago e rasgaram sua pele, fazendo com que ele sangrasse até a morte. Fritz caiu no chão, enfurecido, e esperou sua morte. Os humanos foram varridos e o laboratório da pesquisa foi destruído. Não havia mais esperança, ninguém mais tinha acesso à fórmula do vírus e simplesmente acabou. Enfim, agora só deveriam esperar que todo o resto que ainda não fora dominado, fosse. Agora tudo acabou.

# Odisseia quarentenária

*João Citino*

Já passava da meia-noite e lá estávamos nós, na frente daquela casa imensa, bonita, elegante. Só o portão já ultrapassava os 3 metros de altura, eu me sentia em frente a um castelo, um reino, era impressionante. O frio era de roer as unhas, eu com meus 16 anos, magro como um palito de sorvete, usando o casaco do meu querido amigo Luca, de 16 anos também, porém grande como uma bola de basquete. Esperávamos, naquela fria noite, alguém nos atender naquela gigantesca casa. Sim, rolava uma festa, e sim, era quarentena, sim, eu admito, estávamos completamente errados, na hora errada, no lugar errado etc.

Trinta minutos passados, jogados fora como uma garrafa de Coca-Cola vazia, do McDonalds, é claro. Paciência zero como sempre. Luquinha, o gigante, teve a brilhante ideia de abandonarmos a vanguarda da casa e nos sentarmos na grande escadaria que ficava ao lado. Sentamo-nos e esperamos mais trinta minutos e, de repente, uma sombra na escuridão daquela noite álgida e maligna. Lá vinham dois desconhecidos, nunca tínhamos os vistos em nossas vidas, eram os donos da festa. Um adendo: quem nos convidou foi nossa querida amiga Julia, e sim, só conhecíamos ela naquela festa inteira. Se aproximaram e, então, um deles começou a nos insultar, dizendo que vandalizamos a frente da casa dele, que tiramos a dignidade de seu majestoso portão e blábláblá. Eu neguei, achei o rapaz um tanto quanto peculiar, mas resolvi não abordar o assunto na discussão. Dissemos que não, não fizemos nada de errado, apenas tocamos a campainha. O moleque, com toda bondade e ingenuidade do mundo, nos disse que não poderia

nos liberar para entrar em sua soberba cerimônia, virou as costas e se foi. Uma hora jogada no lixo.

Bom, tentamos acreditar que o menino realmente tinha motivos. Começamos então a pensar insaciavelmente em qual seria nosso próximo destino, até que, em um piscar de olhos, ao menos dez sombras avançavam à nossa frente.

Olhei para o Luca, ele olhou para mim, mesma sintonia, mesma vibe, sabíamos que em alguns instantes uma briga épica seria travada. O lorde deles, mais conhecido como dono da festa, vinha em nossa direção com seus dez capangas atrás, até que um grito confirmava toda nossa teoria:

— Vocês estão fodid@s!

Não arregamos, pelo contrário, fomos contra, olhei na cara do inimigo e projetei um belo soco; porém, quando me dei conta, estava no chão sendo azucrinado e espancado por cinco covardes. Chegaram as garotas, a briga parou, eu me levantei, coloquei meu pé no chão e senti algo que jamais havia sentido em toda minha vida. Parecia que não tinha um pé, me desequilibrei, sentei-me na escada, puxei a calça para cima e vi meu pé torto, aquilo era tudo menos um pé.



# Apocalypse Zumbi

*Petro Cruz*

Uma coisa dessas nunca passou na cabeça de alguém que poderia acontecer, e sim... eu estou falando de um apocalipse zumbi. Morgan e Steve são casados há 2 anos e moram em Frisco, uma pequena cidade que se encontra no estado do Texas. Lá começou um alerta de ataque e eles ficaram desesperados. Depois de 2 dias, foram confirmadas 7 mortes por ataques zumbis e eles pediram para que todos fossem para as bases contra zumbis, porque se eles ficassem nas suas próprias casas, os zumbis iriam entrar e matar todos.

Logo após a notícia, eles pegaram o carro e foram para uma base, porém o que não esperavam era que no meio do caminho iam aparecer vários zumbis na frente do carro. Steve desceu para tentar proteger sua esposa. Nisso, um carro passou e Steve pediu que levasse sua esposa para uma base; então o carro a levou e Steve conseguiu entrar no carro novamente e tentar encontrar Morgan sua esposa, porém ele não encontrou e foi para uma base em que ela não estava. Eles estavam sem contato de celular, os dois desesperados, um em cada base. Foi um desespero muito grande para os dois e no momento eles tinham que ter muita tranquilidade.

Passou um ano que as pessoas estavam na base e deram um anúncio na cidade que o ataque dos zumbis tinha acabado, porém, deram uma notícia muito ruim, de que de 5.000 habitantes que Frisco tinha, morreram 4.900. Só sobraram 100, todos os sobreviventes teriam que ir para um posto para se encontrarem.

Steve e Morgan eram um dos sobreviventes e estavam muito aflitos para saber se iriam se reencontrar novamente.

Chegando nesse posto que era o local marcado, Steve viu uma mulher que parecia Morgan; porém, quando chegou perto, não era e ele ficou super triste.

Depois de umas duas horas, Morgan chegou ao posto e viu Steve no chão. Foi correndo até ele e quando Steve viu Morgan eles se abraçaram e choraram muito.

Essa foi a história do casal que sobreviveu a um apocalypse zumbi.

# Fim de relacionamento

*Jorge Chiesa*

Estava tudo ok, meu relacionamento com Ana parecia que tinha engatado em outro estágio, o casamento. Estávamos planejando construir uma família. Mas nem tudo nessa vida são flores.

Já estava tarde, tinha avisado para minha mulher que iria demorar um pouco mais no trabalho. Logo em seguida, liguei para Matheus, meu melhor amigo, perguntando que horas eu o pegaria para ver São Paulo e Corinthians no dia seguinte, a final do paulista que comentamos a semana inteira.

21:00 saí do trabalho.

Cheguei em casa umas 21:30.

Girei as chaves.

Ouçõ a voz de Matheus

Fico surpreso

O que ele está fazendo em casa?

Entrei rapidamente, e fui em direção ` a sua voz.

O que menos esperava, estava acontecendo.

ANA? MATHEUS?

Ana, por que isso?

Não é isso que você está imaginando amor.

Ana, o que te levou a fazer isso?

Du, me desculpe, eu te amo, foi tudo uma mal-entendido

Naquele momento, Matheus sai correndo do meu lado e eu não tenho reação.

Tudo estava confuso.  
Minha vida toda planejada e, por alguns milésimos de segundos, ela despencou.  
Aquele papo de família, construir tudo juntos.  
Acabou.  
Então.  
Não falei mais nada, peguei o elevador e fui para o carro.  
Chegando no carro, aquela cena deles.  
Se beijando  
Fazendo mais sei lá o que.  
Me perturbava.  
Fui a 100km/h para a casa da minha mãe.  
Minhas lágrimas nem escorriam, por conta do vento.  
Cheguei na casa de minha mãe  
Mal contei a ela e fui dormir  
Acordei mais tarde do que estava acostumado.  
Com a cara inchada.  
Fiquei pensando nos acontecimentos do dia anterior inteiro...  
Mas pelo menos hoje tem tricolor contra a galinhada.  
Fiz um esquentão em casa antes do jogo.  
Precisava cantar e beber.  
Meu foco era esquecer de tudo ao meu redor  
Cheguei no Morumbi com duas latinhas de cerveja.  
Talvez mais uma eu não ficasse de pé.  
O jogo começou.  
Estava lá e cá.  
Ao redor de muitos loucos, uma morena se aproxima de mim.  
Ela percebe minha situação.  
GOOLLLLLLLLL  
1 x 0 pro São Paulo.  
Na empolgação, derrubo minha latinha na moça.  
Então surge nosso primeiro diálogo.  
Mal sabia eu que seria o mais importante da minha vida.

# A última batalha

*José Ribas*

Tudo se iniciou com uma série de catástrofes, catástrofes como ninguém nunca tinha visto ou até mesmo imaginado. Na época, estava morando em Denver-Colorado, presenciei de perto tudo que eu havia construído na cidade (minha família, amigos, minha lojinha de equipamentos de pesca, tudo), tudo que um dia eu já amei ser simplesmente engolido e sepultado por lava fervente e cinzas de um vulcão que surgiu de repente do chão. Minha cidade sofreu o mesmo destino de Pompeia em uma questão de minutos.

Lembro de seguir sem rumo por muito tempo. Ao longo de minha jornada, ouvi de muitas cidades que sofreram o mesmo destino de Denver, ou até pior. Um homem vindo do Dallas me contou como viu a cidade ser devorada por um terremoto, outro vindo da Califórnia relatou como uma tsunami de pelo menos 150 metros alastrou a cidade, uma mulher com suas duas filhas contou como viu (voltando de uma viagem) sua cidade ser dizimada por um furacão. Apesar de ter me encontrado com muitos (provavelmente já mortos) ao longo de meu caminho resolvi seguir sozinho.

Apesar da imensurável quantidade de mortes e da sobra de pouquíssimos humanos, esse era só o início. Essas catástrofes que se espalharam ao redor de todo o globo fulminaram tudo em um inverno, porém não qualquer inverno, um inverno global e de temperaturas extremamente baixas. Poucos de nós passamos dessa "fase" que durou 3 anos até o verão voltar. Graças ao longo tempo que passei

em Denver, me acostumei a baixas temperaturas e consegui resistir, mesmo que tenha desejado a morte em várias situações.

Desde o começo, pensei que tudo fosse resultado do que já fizemos ao nosso planeta até hoje, pensei que tudo fosse uma grande consequência da nossa relação conturbada com ele. Era nisso que eu acreditava... até hoje.

Era só mais um dia comum no apocalipse, acordei na minha pequena tenda improvisada embaixo de uma rocha, recolhi minhas coisas e segui em direção ao sul em busca de suprimentos; essa era basicamente minha vida desde que tudo começou, ir atrás de comida enlatada em postos de gasolina abandonados, buscar por água em algum riacho congelado e mais importante de tudo: seguir para o Sul. Encontrei muitos na mesma situação que eu ao longo da viagem e cada um falava de um abrigo em algum lugar. Resolvi seguir em direção ao Texas onde muitos diziam ter um centro de distribuição de suprimentos grande. Entre tanta destruição, Austin foi a uma das únicas cidades que, aparentemente, não sofreu grandes tragédias e era para lá que eu seguia. Foi durante esse trajeto que minhas crenças se alteraram completamente: lá estava eu, andando pelas ruínas do que eu acredito que um dia tenha sido alguma cidade do Novo México, quando me deparei com um homem, porém não era um homem qualquer, tinha grande estatura, cabelo longo (assim como sua ruiva barba), usava um cinto grande e de couro bronzeado e na mão segurava um grande martelo com uma escrituras estranhas, mas a parte mais peculiar era sua aparência e postura que lembravam muito uma figura viking. O personagem estava ofegante e sangrava em diversas partes do corpo, parecia que estava lutando, só não consegui identificar seu suposto inimigo.

Passsei alguns segundos encarando o homem, que de tão focado nem percebeu minha presença. Resolvi me aproximar, grande erro, foi dar apenas um passo que sinto o chão estremecer de forma pavorosa. Assustado, me afastei um pouco, de repente, de forma brusca e ágil, uma serpente enorme surgiu do solo me jogando para longe, fazendo com que eu batesse a cabeça e desmaiasse. Isso foi tudo o que lembrei desde que acordei. Pois bem, aqui estou eu, escrevendo esse relato enquanto assisto uma luta entre um gigante barbudo e uma serpente que consegue dar a volta ao mundo e encontrar sua calda do outro lado. Não consigo acreditar no que meus olhos presenciaram, o homem não só está confrontando de igual para igual o enorme animal, como parece estar com vantagem na luta; além de uma força absurda ele também aparenta conseguir controlar relâmpagos. As coisas finalmente estão começando a se linkar na minha cabeça, acho que o que estamos vivendo não é simplesmente uma punição da mãe natureza à raça humana, o que estamos vivendo é o Ragnarok.

Sim, tenha absoluta certeza, guerreiro barbudo que arremessa relâmpagos com um martelo, serpente gigante, mudanças climáticas extremas, vulcões surgindo do nada, estou convencido de que esse não é um apocalipse qualquer, esse é o fim de tudo, a última batalha entre deuses e gigantes, e bem a minha

frente está talvez a mais importante delas: Thor, o deus da guerra e do trovão, contra um dos filhos de Loki, a enorme serpente de Midgard (cujo nome não me lembro). Se minhas teorias, baseadas no que estou vendo nesse momento e no meu raso conhecimento suprido por memórias de livros que li na infância sobre mitologia nórdica, estiverem certas significa que em alguns lugares estão sendo travadas batalhas como a que estou presenciando e que eu não tenho nenhuma possibilidade de sobrevivência.

Já que não tenho mais chances de sobreviver, porque, pelo que eu me lembro, um gigante vai colocar fogo em tudo, resta-me apenas narrar o que presencio esperando que meus registros não sejam queimados para que as próximas gerações possam ter ideia da criação do mundo deles.

Voltando à minha situação atual, Thor é extremamente forte, mas aparentemente foi envenenado pela presa da serpente e ambos não parecem ter mais condições de lutar. A serpente finalmente começou a ceder e Thor está pronto para o golpe final, com uma força brutal e levanta seu martelo e faz um rombóide com a cabeça do animal que cai e não volta a se mexer. Apesar da vitória, o deus também vai ao chão e não retorna a se mover, ambos morrem bem na minha frente enquanto escrevo sentado numa rocha.

Passadas algumas horas do fim da batalha subo num penhasco próximo de onde escrevo agora. De repente, surge uma luz de cor alaranjada rasgando o céu, era uma chama, exatamente como descrito na Edda. Sei que são meus últimos momentos, então vou apreciar a vista enquanto degusto uma deliciosa lata de feijões frios. Admito que estou com um pouco de medo, mas também fascinado, até que as chamas caminhando furiosamente até mim são belas...

# Sete anos desde o desastre

*Laura Villela*

Olá, meu nome é Susana Lima. O ano é 2032, 7 anos desde o desastre.

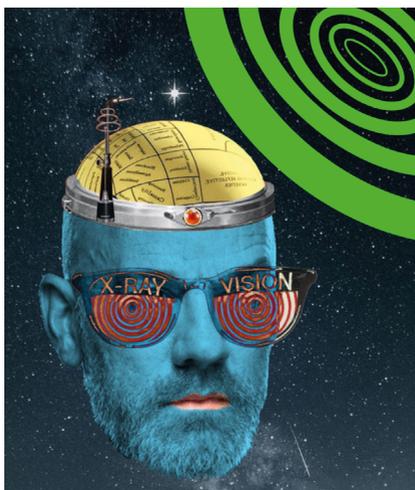
No ano de 2025, inesperadamente, um cometa colidiu com o planeta Terra e matou a maior parte da população. E as intensas ondas de radiação estão lentamente matando os sobreviventes.

Antes do desastre, eu trabalhava como enfermeira em um hospital, por isso, quando soube das ondas de radiação, peguei os aventais de chumbo que utilizávamos para evitar a radiação durante ressonâncias e me mudei com minha família e alguns colegas de trabalho para um bunker subterrâneo, para evitarmos o contato com a radiação no ar.

Eu e meus colegas Pedro Gomes e Lillian Pereira somos os chamados de "coletores", o que significa que nós somos os que saímos a cada 20 dias para buscarmos suprimentos. Toda vez que saímos, acabamos ficando um pouco mais tempo fora do que necessário, na esperança de encontrar outros sobreviventes, mas infelizmente ainda não tivemos a sorte de encontrar. Depois de um tempo, perdemos a esperança, até que o inesperado aconteceu.

Estávamos no supermercado procurando comida e bebidas quando ouvimos um barulho e vozes. Ficamos tão surpresos que não sabíamos como reagir. Pedro e Lillian queriam segui-los e eu, por um motivo o qual não podia em condição alguma compartilhar, debatia contra e argumentei que seria melhor ficarmos; ignorando meus protestos, os dois passaram a se mover em direção às vozes.

Após horas seguindo o grupo e ficando cada vez mais longe de casa, as vozes pararam e quando olhamos para frente... eles estavam olhando diretamente para nós, e logo o motivo pelo qual não queria segui-los ficou claro; na frente de todos do grupo, estava ele.



# Perdidos no espaço

*Laura Murachovsky*

— MX-98 para Nave Mãe, alguém aí? Câmbio.

— MX-98 para Nave Mãe, alguém aí? Câmbio.

— MX-98 para Nave Mãe, alguém aí? Câmbio

Já faz 1 dia 21 horas, 47, 48, 49, 50 segundos e nada. Nenhuma notícia. Nenhuma voz robótica passando em meu ouvido dando me instruções de volta. O que haverá acontecido?

Todos os dias é o mesmo processo. Acordo – quase sempre no mesmo horário – escovo os dentes, economizando o máximo de água. Essa é a rotina toda. Não tem muito o que fazer, é uma nave pequena. Eu brincaria com a gravidade zero, mas acredito que esse comando tenha quebrado, quer dizer, nunca funcionou. Eu poderia já voltar à Terra, minha missão aqui já foi cumprida, fui o herói que todos precisavam. Eu salvei todos, eu fui o herói. Devem me agradecer.

Comigo trouxe um livro, um único livro. Na pressa, não tive muita escolha. “Hamlet, William Shakespeare”, lido por volta de cento e quarenta e três vezes nesse meio tempo de inconveniência. Não aguento mais a rebeldia desse príncipe vagabundo. Queria ver ele preso no espaço como eu. Ingrato. Esse aí não sobreviveria nenhum puto disso aqui.

Não há janelas na nave. Nem sair para o espaço para “tomar um ar” eu posso. É tudo escuro deprimente, de alguma forma, fazendo apologia a um cenário de uma casa mal-assombrada em um filme de terror mal produzido. O único espaço que tem uma luz é o banheiro – um balde verde escuro com uma lâmpada branca

pendurada logo acima. É lá onde eu leio, onde eu li as quinhentas e setenta e uma vezes “Hamlet” de Charles Bukowski.

Já é noite – chuto. Normalmente é esse o momento em que me deito e fico alguns incontáveis minutos olhando para o teto até dormir.

Logo antes de abrir os olhos não reconheço a luz forte e branca que me cega até de olhos atados. A TV moderna com o canal de notícias é o que me chama atenção.

“Pessoas estão enlouquecendo! Por estarmos todos trancados em containers, sem poder nem ver a luz do sol – em quase 8 anos – mais de 213 pessoas foram reportadas por estarem em um tipo de simulação interna. Algumas por mais de 6 anos. A humanidade não irá sobreviver ao terror.”

# Ser herói

*Luigi Cuoco*

— Midoriya, para de ver os vídeos desse herói e vai estudar! Você já tem 16 anos e ainda não tem nenhuma responsabilidade, não estarei aqui para sempre!

Minha mãe sempre está pegando no meu pé, dizendo que, para eu não ficar na condição em que estamos hoje, é preciso estudar. Mas afinal, eu não quero isso, quero mesmo é ser o herói número um, ajudar, proteger as pessoas de criaturas e dar um jeito de adquirir uma individualidade.

“Que azar de eu não ter nascido com uma né (individualidade), mas vou conseguir de algum jeito adquirir uma muito poderosa. Mesmo com este meu corpo esquelético e alto, treinarei muito para ficar forte.”

Todos os dias, antes das aulas, Midoriya fazia sua corrida matinal e também depois da aula ia para a academia treinar. Esta rotina se repetia todos os dias, mas nada de adquirir uma individualidade que fosse minimamente forte para que Midoriya se tornasse o herói número um.

Até que um dia, quando estava a caminho da academia, Midoriya foi atacado por uma criatura, mas sem deixar-se levar pelo medo, entrou em uma luta corporal com ela e acabou saindo muito machucado, porém, vitorioso. A única coisa que Midoriya não esperava era que o atual herói número um All Might estivesse observando a sua luta:

— Bom dia meu jovem, vamos para o hospital e lá conversamos.

Chegando no hospital:

— Vi que você lutou bravamente contra aquela criatura mesmo sem ter uma individualidade, o que acabou lembrando o meu passado. Escute, eu também não tinha uma individualidade.

— Ué, mas você tem uma muito forte, como conseguiu então???

— Minha mestra me observava de longe como observo você e disse que eu era digno de receber esta minha individualidade chamada “Um para todos” e como está chegando na hora de eu me aposentar, estava procurando um aluno para recebê-la.

— Pera, você quer que eu receba a “Um para todos”?!

— Sim, depois que vi você lutando contra aquela criatura conclui que és digno dela.

A partir deste dia, Midoriya recebeu a individualidade e começou a aprimorá-la, ficando cada dia mais forte. Assim, após alguns anos, Midoriya se tornou o novo herói número um da terra, alcançando o seu sonho de ajudar e proteger todas as pessoas.



# Akinavírus: delírio ou intuição?

*Manuela Valente*

Era o ano de 2019, quando surge a terrível notícia: uma pandemia chegava ao planeta Terra, assim abalando a vida de todos nós. Akinavírus era como o chamavam, um vírus extremamente contagioso, forte a ponto de fazer com que os que o contraíssem fossem à loucura. Seres humanos enlouquecidos, não sabiam mais quem eram, não possuíam consciência de seus atos, perdiam suas identidades. A doença atacava a pele, a deixando com enormes feridas. Pessoas se tornavam zumbis.

Chang, um pesquisador chinês, pai de família, sempre estivera preparado para aquele momento. Sabia que alguma hora este dia chegaria, não sabia como este tremendo vírus havia chegado ao mundo e, ao perceber que tudo estava em colapso, soube que era sua hora de entrar em ação. Sua família, no entanto, não acreditava nele e nem no vírus, eram negacionistas.

O pesquisador desolado imediatamente transferiu-se para seu bunker secreto, o qual passou grande parte da vida construindo para a chegada desse dia. E com muita dor no coração, deixou sua família. Indo em busca de suas crenças, Chang queria provar ao mundo que sempre estivera certo e seria capaz de encontrar a cura para o vírus. Lá, passou meses estudando e se questionando de onde tal vírus teria surgido, assistindo as notícias e pesquisas mal desenvolvidas que os pesquisadores e cientistas do planeta estava fazendo, e, com isso, passou a tirar conclusões. Chang suspeitava de algo a mais no surgimento desta doença,

cria que o Akinavírus tenha sido inventado propositalmente, por algum governo de um país que estivesse em busca de guerra.

Mas qual país seria este? Ele questionava.

Os russos! A Rússia! Este povo, oprimido durante anos, hoje querem se vingar da humanidade.

E assim Chang seguiu seus estudos com esta base, em sua mente tudo estava acontecendo por conta da Rússia.

Meses se passaram e, após tantas pesquisas, Chang finalmente se sentiu preparado para dividir tudo que sabia com o mundo. O homem queria muito que Wallace, o presidente da equipe de pesquisa do vírus, visse sua descoberta. No entanto, quando saiu de dentro do bunker, a cidade estava tomada, não havia mais seres humanos nas ruas, apenas zumbis.

Chang cautelosamente tentou despistar as criaturas infectadas de perto de si, se escondia atrás de árvores e corria. Porém, eles podiam sentir seu cheiro, assim, passaram a correr rapidamente atrás do pesquisador, que estava dando de tudo para escapar daquela situação. Infelizmente, Chang não foi rápido o suficiente e se viu ser devorado aos berros pelos horrorosos zumbis.

Querido? Chame as enfermeiras, ele está acordando!

Era a voz sua esposa, o que estaria acontecendo?

Ele acordou doutora! Saiu do coma depois de tanto tempo!

Coma? Como assim?

Chang esteve todo este tempo no hospital, doente, um dos primeiros a contrair Akinavírus, uma doença contagiosa que ataca o aparelho psíquico das pessoas. No entanto, não havia zumbis nem nada do tipo. O que teria feito o pesquisador delirar com tudo aquilo? Seria tudo realmente um delírio? Ou uma intuição?



# Irmãs Whillers

*Manuela d'Ercole*

Ruas desertas e sem iluminação. O único som que quebra o silêncio denso e pesado que se instalou são os ruídos de animais se movimentando entre os carros abandonados, e os gritos agudos e cortantes de pessoas que não tiveram a mesma sorte do que as irmãs Whillers.

Em meio a uma guerra mundial destruidora e cruel, ainda não se sabe a origem exata de onde ocorreu da liberação accidental da praga criada em laboratório. Uma estratégia de guerra que fugiu de controle? Não se sabe. A praga se instalou tão rapidamente e de forma tão destrutiva que não levou mais de um mês para tomar proporções mundiais. A devastação foi quase total.

Aqueles que não morreram na guerra, morreram por conta da praga (uma morte dolorida e cruel, porém ligeira e fulminante), com exceção de alguns grupos pequenos de pessoas. E aqueles que sobreviveram mesmo após a contaminação, se tornaram criaturas com feições assustadoramente deformadas e monstruosas. Criaturas sedentas por qualquer tipo de alimento, seja ele humano ou não.

Na verdade, as irmãs Whillers (únicas da família que conseguiram se safar da praga) terem sobrevivido é única e exclusivamente porque não estavam com sua família no momento da contaminação. E, após descobrirem que estavam contaminados, eles se isolaram das meninas, dessa forma elas acabaram não sendo contaminadas. Porém, agora estavam totalmente sozinhas em meio ao caos.

A escassez de recursos já havia acontecido a alguns dias. O clima congelante do inverno era cruel, as temperaturas eram baixíssimas e se manter aquecido era uma tarefa cada dia mais difícil. A falta de energia elétrica também não colaborava muito. Não tinham acesso a água aquecida ou aos aquecedores centrais da casa. Os estoques de água potável já se esvaíam. Usufruir da água da torneira também não era uma opção, já que esta era uma das principais vias de transição da praga [tirando o contato com pessoas contaminadas].

As irmãs, encolhidas na banheira de seu apartamento, antigamente sempre repleto de amigos e família e agora vazio e silencioso, tremiam da cabeça aos pés. Os cobertores já não eram mais suficientes para aquecê-las e o chão frio da banheira também não colaborava muito. O restante da casa tinha se transformado em escombros após o ataque aéreo que ocorreu em meio a guerra alguns dias após a morte de sua família e dos combates chegarem ao fim (ou pelo menos elas acham já que não sobrara praticamente ninguém vivo e os estrondos de bombas, tiros e os gritos esganiçados sessaram). A partir daí, o silêncio denso e assustador tomou conta das ruas.

A única maneira de conseguir observar o lado de fora da casa era por meio de uma janela estreita acima da pia do banheiro, na parede lateral da banheira. Pela fresta elas podiam ver, a destruição, os escombros, os corpos abandonados e sem vida, a natureza dominando e invadindo o que antes era ocupado pela humanidade, como se tomando de volta o lugar que lhes foi roubado.

Anna e Livia acordaram espantadas com um som de vidro quebrando, alto e cortante. A mais velha, Anna, no auge dos seus 8 anos, levantou num pulo e já se preparou pelo pior. Uma invasão? Uma ameaça? Um animal? Pegou de forma ágil o pedaço extenso de madeira grossa e resistente que já ficava a postos encostado à pia, já acostumada com esse ritual.

Livia se sobressaltou, mas não saiu da banheira por ordens da irmã. Desde que sua família morreu, os instintos superprotetores de Anna sobre a irmã de 5 anos vêm aflorando cada vez mais. De forma cautelosa, a mais velha se movimentou até a porta do banheiro e verificou a fechadura da porta. A tranca não era das mais resistentes, mas é a melhor chance que elas tinham de se protegerem.

Alarme falso. Nenhuma ameaça estava à vista. Mesmo assim, Anna e a irmã permaneceram em posição de ataque pelos 10 minutos seguintes, em silêncio, atentas a cada respiração e ruído por garantia. Quando sentiram que estavam seguras, retornaram à banheira. Anna nem tinha percebido o quando suas mãos doíam em decorrência do frio até finalmente soltar o bastão e enfiá-las no bolso da jaqueta. A caçula soltou um suspiro aliviado com a aproximação da irmã, e ao sentir a pele gélida da mesma, estremeceu.

A fome havia tornado o rosto de ambas, ainda mais magros do que antes. Um tom cinzento tomara conta de onde antigamente havia maçãs acolhedoramente rosadas e marcadas de forma delicada. Seus corpos antes esguios e saudáveis

havam emagrecido e empalidecido, deixando seus ossos mais aparentes e a pele sem vida. Não durariam mais muitos dias dessa forma.

Algumas horas depois, agitada pelo desconforto do frio, da fome e da sede, Anna andava de um lado ao outro do banheiro, impaciente. Livia seguia os movimentos incessantes da irmã com os olhos. Ao olhar pela janela estreita durante um tempo, ela avistou um vulto se movimentando a alguns quilômetros da casa delas. Por estarem no andar de cima, ficou mais fácil de enxergar as coisas ao redor, entretanto, ela não conseguia dizer se aquilo era uma das criaturas monstruosas ou um sobrevivente.

Após um tempo fitando os movimentos rápidos e ágeis do vulto, ela conseguiu distinguir que este carregava em suas mãos grandes garrafas de água e algumas embalagens do que parecia ser comida. Todos os seus alarmes internos começaram a gritar internamente. Havia tanto tempo que ela não via uma pessoa que a emoção que a tomou foi tão forte que seu coração palpitou fora de compasso rapidamente.

Ela puxou a caçula pelo braço, praticamente arrastando-a para fora da banheira de forma brusca. Livia soltou um gritinho de um misto de susto e reprovação. Ficaram quietas por um minuto, tentando detectar algum som do outro lado da porta antes de abrirem a fechadura. Cautelosamente, Anna colocou parte de rosto para fora e observou de forma rápida tudo ao redor. A barra estava limpa.

Puxando Livia pela mão, os dedos entrelaçados com força, elas correram. Correram o mais rápido que conseguiram. Sabiam o risco que aquilo representava. Cada segundo fora de casa representavam um risco gigantesco. Anna, guiando ambas, tentou seguir na direção que havia visto o homem, mas a escuridão tornava a tarefa mais difícil.

O objetivo era chegar ao homem e, possivelmente, encontrar algum tipo de abrigo. Era a melhor chance de ambas sobreviverem. Correram desesperadamente por alguns minutos e nada. Nenhum som, nenhum ruído, nada. Apenas devastação e escombros. Nenhuma alma viva a vista. A escuridão não permitia ver muito, mas sabiam que já estavam longe demais de sua casa, não saberiam como voltar. Foi aí que a mente infantil e ingênua dos 8 anos de Anna chegou à fantástica realização, "essa havia sido uma ideia incrivelmente estúpida".

Cansadas e sem fôlego, tentando respirar em meio ao ar denso e claustrofóbico do ambiente ao seu redor, elas pararam. Encostaram-se nos escombros que restaram da parede de onde, antigamente, havia uma casa. Apertavam as mãos uma das outras com tanta força que o sangue mal chegava à ponta dos dedos.

Um som de galho quebrando atrás delas num estalo seco e agudo ecoa pelos seus ouvidos. Um arrepio percorre suas espinhas em uma onda rápida que faz seus pelos se arrepiarem. Outro vulto passa pelo campo e visão das irmãs. Porém, desta vez este andava desajeitado, com dificuldade. Não era quem eles estavam procurando, ele não tinha garrafas de água e pacotes de alimento nas mãos, era um dos sobreviventes à contaminação da praga.

Rapidamente, ao avistar as duas, ele começou a correr em direção às irmãs. Elas dispararam na direção contrária, meio desnorreadas entre tropeços pelos escombros no chão. Os pensamentos na cabeça da mais velha estavam a mil. "o que fazer", "para onde correr", "como se defender", eram questionamentos frenéticos que perpassavam sua mente.

Correram e correram e correram. Sem rumo, de forma estabanada, correram. Quando a exaustão parecia ter tomado conta totalmente, se esconderam atrás de m escombros grande. Pareciam ter despistado a criatura com feições monstruosos que, mesmo em meio a escuridão conseguiram espantar e arrancar um gritinho agudo da caçula.

Ofegantes e exaustas, elas se recostaram no pedaço de concreto. Eram tantas sensações ao mesmo tempo, tomando por completo o corpo das duas da cabeça aos pés que elas estavam atordoadas... A fome e a fraqueza não ajudavam muito também.

Mas em questão de segundos, a criatura ressurgiu em sua frente. Sedenta por sangue e qualquer tipo de alimento, era possível ver a selvageria que tomara conta de seus olhos onde antigamente feições humanas se abrigavam. Não havia pra onde correr, não havia tempo, nem espaço, nem forças. Elas gritaram, mas foi por pouco tempo. A exaustão era demais para qualquer esforço maior do que isso.

A cerca de um metro e meio de onde elas estavam, a criatura se aproximava, com passos meio arrastado, mas ligeiros, a boca escorrendo um líquido esbranquiçado e espumoso e reproduzindo um ruído rouco e baixo, feroz e ao mesmo tempo preguiçoso.

As irmãs fecharam os olhos com força, entrelaçando seus corpos em uma espécie de abraço apertado e desesperado, chorando baixinho e tentando não fazer muito barulho. A mais velha segura a cabeça da caçula com suas mãos e aninha sua cabeça em seu peito, as lágrimas escorriam incessantemente pelo seu rosto, umidificando a face gélida pelo frio cortante. Não havia mais o que fazer.

Um grito agudo de agonia e um som denso abafado preencheu os ouvidos das irmãs. O espanto tomou conta de suas feições. Num movimento que pareceu acontecer em câmera lenta, o corpo da criatura caiu estarecido no chão em frente à onde elas estavam encolhidas. A mais nova soltou um grito esganado. A mais velha nem sequer respirava. Confusa em meio a escuridão, ela procurava entender, encontrar ao menos uma pista do que eu acabara de acontecer.

Ao longe ela avistou, com a vista meio borrada, a silhueta. Mas dessa vez, não de um monstro meio humano meio selvagem, e sim de uma mulher alta e esguia. De cabelos longos e cacheados presos num rabo alto meio desarrumado. A arma em punho, ainda mirando na direção delas. Ao lado dela, um homem igualmente alto e esguio carregando garrafas, AS garrafas. Era ele. Era ele o vulto que elas procuravam.

Depois de alguns segundos de choque de ambas as partes e dos gritos da criatura silenciarem, eles correram ao encontro das garotas. Chocadas e parali-

sadas por tudo que havia acabado de acontecer, elas só conseguiam encará-los, estarrecidas. Rapidamente, a mulher pegou a mais nova no colo, e esta imediatamente começou a chorar desesperadamente, e puxou Anna pela mão, entrelaçando forte seus dedos e, em meio ao caos, ofereceu um sorriso simpático e acolhedor à menina. O homem, que de perto elas puderam ver que carregava ainda mais sacolas de suprimentos do que os engradados vistos anteriormente, corria atrás delas.

A partir daí, tudo foi uma espécie de borrão confuso e agitado. Correram e correram, até chegarem a uma tenda de meio porte branca, pouco iluminada, mas mil vezes melhor do que o chão de banheiro em que estavam vivendo. Havia mais pessoas lá, pequenos grupos amontoados, pessoas chorando, crianças com a face molhada de lágrimas e olhos assustados sendo acolhidas por pessoas mais velhas tentando confortá-las. Havia pilhas pequenas de alimento e suprimentos espalhadas pela instalação. Um abrigo. Elas estavam em um abrigo.

Elas foram ajeitadas em um canto da tenda. Receberam alimento, água e cobertores. Estavam tão fracas que mal conseguiram acabar de se alimentar e caíram em um sono profundo, exausto. Quando acordaram, a sensação de vazio, de medo, ainda prevalecia. Não sabiam o que iam fazer, como sairiam dessa situação toda. Mas estavam vivas, juntas e seguras por hora. E isso bastava no momento.

# Tommy

*Larissa Markovna Rozhansky*

Muitos veem a morte como algo cruel. Eles não estão errados. A morte de alguém dói, porém ela também traz algum alívio para suas almas. Eu não sei como me sinto em relação ao meu trabalho muitas vezes. Não é como pudesse abandoná-lo. Eu somente trago a morte pois sou ela. Não diria que sou maligna. A maior parte do meu tempo passo andando por aí, apreciando as belezas da vida enquanto guio almas a um lugar mais seguro. Isso não é tão ruim, né? Deparei-me na frente de uma casinha colorida, mas um tanto descuidada; um gato velho, desgrenhado e rabugento ao meu lado, também olhando para a casa.

— “Você veio me buscar?”

Por mais selvagem que o animal parecesse, conseguia ouvir seu medo. Continuei em silêncio, querendo mantê-lo confortável. Seu pelo desgrenhado estava acinzentado e com falhas, provavelmente devido a brigas que ele encarara na juventude. Olhos sábios olhavam atentamente a porta da casa, como se esperasse por algo.

— “O que tem do outro lado? O que me espera?”

— “Não sei.”

— “Como que a Morte não sabe o que acontece com os mortos?”

— “Eu nunca morri e nunca vou, não sei o que é descanso e nunca vou saber.”

Um rangido cortou nossa conversa. Uma velha carregando um pote de leite saía da casa, colocando-o no chão ao lado de uma cadeira, antes de repousar na cadeira.

— “Tommy! Vem aqui Tommy!”

Os olhos brilhantes de Tommy pareciam estrelas, carregando tanto amor para aquela figura. Se gatos pudessem sorrir, ele estaria sorrindo.

— “É sua dona?”

— “Não tenho dona, ela é minha mãe.”

— “Você queria vê-la uma última vez.”

Isso acontecia frequentemente quando vinha buscar animais. Eles têm sentimentos tão puros. Puxei uma flor que crescia por perto, admirando-a antes dela murchar e cair ao chão.

— “Temos que ir, Tommy”

Pela primeira vez, ele virou, e pude olhar quem eu vim buscar. Estava cansado, tinha vivido muitos anos graças a sua mãe.

— “Ela ficara bem?”

— “Não sei.”

Com isso, levantei minha mãe para acariciá-lo. Seu pelo era mais macio do que esperava. Era quente. Respiro uma, duas vezes antes de deitar-se para dormir pelo resto

da eternidade. A morte nunca era bela, mas as vezes era calma.

Levantei-me da grama, e virei as costas para ir ao meu próximo destino. Por mais que evitava voltar atrás, voltei muitas vezes para admirar a velha da casa colorida, que todos os dias deixava um prato de leite e chamava por seu filho, Tommy.

# Juca: um lutador

*Matheus Gowdak*

Tinha zerado Lego Batman na madrugada anterior e minha autoestima estava relativamente alta. Primeiro dia de aula ia render... Porém, ao chegar à escola, vi que o balofo do Bruno havia emagrecido, e então, eu assumia como mais gordo da turma. Autoestima despencou. Era aula de filosofia, ápice de sono para qualquer um do ensino médio. Eu dormi. Porém, fui acordado. Uma voz distante me perturbou. “Então, o que isso quer dizer, Juca?” Fxdeu. Citei cegamente frases intelectuais do compositor Chorão. A turma riu. “O mito da caverna não se trata disso, Juca”. Autoestima exponencialmente baixa. Estava com muito sono e não pensava direito.

Começou o intervalo. Hora de paz e tranquilidade. Eita porrx. Havia esquecido meu lanche. Sentimento de fúria evidente. Voltei para a sala. Meu olhar agudo rodeia a turma. Observei a gatinha de quem eu gostava no canto. Lapso de calma e alívio. Encarei ela por um tempo, longo o suficiente para logo se tornar uma situação perturbadora. Ela percebeu meu olhar perverso, e então fez uma cara de nojo. Autoestima negativa. Parei de encarar e dormi novamente.

Depois da soneca, acordei com a fome de um mendigo indiano. Ficava cada vez mais emputecido com tudo. E então, vi uma folha de papel repousada sobre a mesa, aparentemente ingênua. Verifiquei se havia algum propósito daquilo. Prova surpresa. Faltavam 15 minutos para o prazo se esgotar. Comecei a suar igual pe-dreiro. Marcas molhadas de suor começaram a emergir na minha camisa temáti-

ca do Nirvana. Estava extremamente tenso e com fome. Errei até a soletração do meu sobrenome, mas entreguei a prova.

Começou o segundo intervalo. Nunca estive tão emputecido. Questionei minha existência e a possibilidade de morrer virgem igual Charles Darwin. Mas Darwin havia descoberto a seleção natural das espécies e eu apenas havia zerado Lego Batman. Me vi completamente perdido naquele momento.

Após meu lapso de depressão aguda, enxerguei o babaca do Pablo falando com a gatinha de quem eu gostava.

Irrracionalmente, impulsivamente e estupidamente, fui até ele e dei uma tentativa de soco em seu braço. Ouvi um estralo. Machuquei meu punho. E então começamos a brigar. Ele era alto e forte. Eu era gordo. Ele tinha faixa preta em krav maga. Eu tinha diabetes. Mas eu queria lutar, e iria até o fim.

Conforme a luta seguia, tentei rapidamente aplicar um chute em sua perna, porém, me machuquei novamente. Comecei a questionar minha masculinidade. E então, atordoado pela minha surpreendente incapacidade de causar qualquer dano físico, levei um soco no estômago. Comecei a gemer igual uma lhama parindo.

Adiante no combate, Pablo estava confiante na sua superioridade e começava a baixar guarda. Nisso, eu vi minha chance. Pensei no único golpe com o qual conseguiria atordoar meu adversário. E logo, executei a manobra de minha vida. Num piscar de olhos, me atirei com toda a força pra cima de Pablo. Me vi em cima de meu oponente. Não fiz nenhum movimento a mais, apenas esperei com que meu peso esmagasse Pablo até sua rendição.

Depois de um tempo com a cabeça sob minhas nádegas colossais, Pablo pediu para respirar, e fez um sinal de desistência. Eu havia vencido. Eu era daora. Logicamente, todos começaram a me xingar e foram ajudar Pablo, pois eu não tinha amigos. Porém, eu saí de lá estilo James Bond ao ficar com uma gostosa, e nada mais importava.

Voltei para casa sendo temido, poderoso e bravo. Sentei-me no sofá e recomecei Lego Batman.

# Almoço em casa

*Matheus Galvão*

— Vamos Rodrigo, toda vez você fica moscando aí com essa cara feia!

— Cara feia, é a sua!

Toda vez meus amigos ficam me enchendo o saco e às vezes vêm almoçar em casa. Sinceramente, não aguento mais isso, sempre sigo esse caminho tortuoso até minha casa em Pinheiros e lá se vão 30 minutos de caminhada. Me sinto vivendo o mesmo dia, só queria ler meus livros ou então ver minhas séries na Netflix e não fazer lição de casa ou algo do tipo, mas isso eu resolvo depois, prefiro pensar no almoço, espero que hoje tenha frango empanado ou algo do tipo, porém não acho que daria essa sorte. Finalmente, chegamos dessa caminha que mais parecem 3 dias do que 30 minutos. Sabial! Óbvio que não tinha o frango que eu queria, afinal acho que estou em um poema shakespeariano em que tudo dá errado. Lembrei! Estava tentando lembrar desde manhã, esqueci de tomar meu remédio, mas como sempre postergo tudo, vou tomar depois de almoçar com esses idiotas, se bem que toda vez minha mãe me enche o saco com essa história de remédio. Vou resolver depois mesmo, não vai ter diferença.

Por que eles gostam tanto de conversar sobre mim? Afinal sou só mais um moleque na adolescência que não produz porr\* nenhuma para essa sociedade, realmente só queria ficar quieto, será que eles pensam que tudo me rodeia? Sinceramente, só quero dormir. Dormir, dormir só pode ser essa a solução, dormir para sempre, viver num limbo onde eu e a escuridão convivem de maneira pacífica e despreocupada, onde posso ficar tranquilo e conviver com minha

cabeça. Esse é meu sonho, o mais puro ócio, quero me sentir como Zaratustra após seus 30 anos isolado na montanha, não vejo motivo para ficar escutando gente falando besteira, realmente só vejo um caminho para alcançar essa minha utopia, mas não sei se isso seria correto. Priorizo quem em uma situação dessa? Minha vontade ou a razão? Até dentro de mim existe conflito, não seria possível acabar com isso?

Quem sou eu? Só mais um ponto no mundo, é isso que eu sou! Só pode ser isso! Que importância uma pessoa como eu tem? Nenhuma! É muita prepotência achar que eu vou ser relevante de alguma maneira... claro que não! Não vou ser nada, no máximo só mais um. Acho que nunca entendi tão bem o niilismo como hoje, sou pautado no nada! O remédio! Cadê? cadê? Preciso dele pra já, só não sei onde guardei, acho que está na gaveta, achei! Agora vou ter que engolir essa pílula que mais parece um dedo mindinho, nunca consigo engolir direito! Nem isso consigo fazer direito.

Tomei, olhei para trás, não tinha ninguém, ufa! Não preciso falar com ninguém, me sinto um pouco mais perto da minha tão sonhada utopia, que alívio, aquela sensação de euforia se amenizou, já é um avanço.

Finalmente posso descansar um pouco, vou dormir até onde der.



# Culpa do homem que comeu o morcego

*Mariana Peixoto*

Por culpa de um homem que decidiu comer a droga de um morcego a gente está preso em casa há mais de um ano, sem poder sair. As ruas que antes estavam desertas, foram tomadas por animais de espécies que até eu nunca tinha visto. É bonito de ver, mas eu fico brava, nós somos os animais que deveriam estar lá fora, não eles. A gente já está preso em uma rocha gigante mesmo. Mas nós fomos os animais que fizeram essa situação possível, então eu entendo. Éramos livres e eles não, talvez tenha sido uma chance deles de se libertar um pouco.

Era isso que eu pensava no começo, mas agora eles estão por toda parte, e com "toda parte" eu quero dizer que pra todos os lugares que você olha, eles estão lá, até quando eu fecho os olhos eles aparecem. E você deve estar pensando, animais são fofos, que mal eles podem fazer? Mas eu falei, tem espécies que eu nunca vi, e não são só animais bonitinhos que gostam de seres humanos. Muitos são assustadores. Se eu descrevesse, ninguém que nunca viu acreditaria.

Um grupo de pessoas começou a sair de casa para lutarem contra esses bichos, para fazê-los irem embora, muita gente morreu, eles eram muito fortes, então mais um grupo de pessoas saiu e eles conseguiram se livrar de alguns desses animais. Teve também outro grupo de pessoas que acabou saindo e indo para lugares em que eles imaginavam que não existiam mais animais como esses. Mas estavam muito enganados e, de novo, muita gente foi pega por eles e outras pessoas acabaram levando para casa alguns desses animais sem saber, e gente que

estava com muito medo de sair e de acabar se encontrando com estas espécies foi pega de surpresa. Não foi culpa deles e eles acabaram pagando o preço.

Um grupo maior começou a sair, e descobriram como acabar com eles. Foi rápido, mas não rápido o suficiente. Menos animais conseguem nos pegar, graças a eles, que decidiram arriscar suas vidas para que os outros não fossem devorados por esses monstros.

# Leão

*Fernanda Ponce*

Quando eu tinha 1 ano, eu cometi o terrível erro de ter cabelo cacheado e é claro que minha família não deixou barato e meu apelidou com base na minha juba amarelinha, mas besta como sou, achei que me chamavam assim porque eu era destemida e feroz. Filhos da pxxx, me enganaram, odeio eles até hoje. Mas hoje eu faço 10 anos e tenho que ir a um maldito almoço na casa do meu tio, um almoço PRA MIM, que EU nem quero. Enfim, a hipocrisia desse povo. Talvez eu ganhe um novo apelido e com essa ideia na cabeça eu vesti minha camiseta do Batman (eu queria a do Homem de Ferro, mas tava pra lavar).

— Eae, Leãozinho! Ta bonita, se arrumou pro namorado é? — Fio da pxxx, odeio meu Tio Alessio, ele nunca me chama de nada a não ser Leãozinho, e sempre pergunta sobre namorados, meninos são nojentas, não tomam banho.

— Namorado que nada Ale, ela é só minha -Tia Beatriz! Minha salvadora, me arrasta para mesa e põe lasanha na minha frente, amo ela e amo lasanha (mais lasanha do que ela).

— SE eu fosse namorar teria que ser um garoto limpinho — Eu disse.

— Leãozinho! Feliz aniversário, nanica — Meu primo Carlos entra e tira meu prato de lasanha, QUE EU NÃO TERMINEI, e me arrasta pro sótão apesar de meus protestos, me mandando calar a boca.

Chegamos no lugar nojento de empoeirado, e eu digo isso sabendo que minha irmã Laura me chama de porca por ter uns copos no meu quarto (poxa, eu esqueço de levar pra cozinha!). Mas além de empoeirado, há umas pessoas ali. Já não gostei delas, entram na minha festa SEM presente, otários.

— Nanica, seguinte, você sempre diz que odeia ser chamada de Leão, então tá sua chance, diz seu novo apelido.

Nunca amei tanto um bando de desconhecidos! Mas puts, qual meu novo apelido? Eu achei que eles iam escolher, não me preparei pra isso. Olho em volta. Caixas! Nah. Jogo de Tabuleiro, pxxrra pior que Leão.

— Não sei, me dá opções e aí eu escolho.

— Fia, você me enche a pxxrra do saco pra trocar seu apelido, aí eu te dou a chance e você pede OPÇÕES?

— Não vim preparada! Se você tivesse me dito antes eu pedia ajuda na escola!

— Besta. Ah tai! Seu novo apelido é “Besta”

— AH MAS NEM FXXXXXXO, LEÃO É MELHOR ENTÃO

— Tarde demais, Besta. te vejo mais tarde, na hora do bolo eu falo seu novo apelido pra família.

— Carlos! Eu faço qualquer coisa pra deixar meu apelido como Leão! Eu carrego sua mochila da escola! Faça sua lição de português!

— Nada disso, Besta, a partir de hoje você só é chamada assim na família.

— SE VOCÊ FIZER ISSO EU CONTO PRA ANA CLARA QUE VOCÊ GOSTA DELA!

E o filho da mãe RIU na minha cara.

— To vendo que você não é mais uma menininha, Leão — Então virou pros outras caras que estavam na sala (confesso que esqueci deles) e disse — Falei que se eu quisesse conseguia fazer ele amar o apelido. — Então se virou pra mim de cara feia — E se você me ameaçar de novo, eu dou um tapa na sua orelha, cai fora, nanica.

Pxxxx, depois dessa eu nunca mais reclamo de ser chamado de Leão, e quer saber? Que se dane que é por causa do meu cabelo, vou ficar grande e forte um dia aí vão me chamar de Leão porque eu sou uma rainha!

Continuo pensando sobre como vou ser uma Leoa de verdade e dominar a natureza, viver selvagememente tipo o Tarzan, enquanto chego na cozinha com o Carlos. E assim que eu vou sentar na cadeira da cozinha, o Carlos vira pra mim e fala

— Bonita a camiseta.

Batman! Inferno, talvez quando eu faça 15 anos eles me deixem trocar de novo.

# Uê? Cadê a comida?

*Gustavo Fernandes Sales*

Três meses atrás, a humanidade não era a mesma, até porque existia uma né... Há três meses aconteceu um desastre inesperado e até então impossível. O que supostamente houve foi que um adolescente gordo, denominado Gus, estava em passeio com a sua família em uma usina nuclear, curtindo algumas rosquinhas que tinha comprado. Mas pelo desespero dele, as rosquinhas acabaram caindo em uma fonte da usina. Sem saber o que fazer, Gus acabou pulando porque só pensava nas rosquinhas. O lógico era ele ter morrido, é claro, mas o que aconteceu não foi isso: ele saiu de lá diferente, estava maior e mais resistente. A fome dele continuava insaciável, ele não parava nunca parar de comer, então começou a taxar as nações por comida. Caso alguma nação recusasse, ele começaria a destruição em massa...

Eu, Rodrigo Rozock, era apenas um padeiro na nova união da Euroasia, e ando com mais dois acompanhantes, o meu macaco de estimação, Mauricio, e um grande guitarrista da minha época, com o codinome de 3Souza, um pouco peculiar... Bom nós três estamos em um estado deplorável, eu já emagreci 10 quilos do meu peso usual, estou parecendo um osso, além do mais, não corto o cabelo ou faço a barba desde quando aquele maldito começou comer tudo o que via pela frente. Mauro está mais ou menos também, ele está meio magro, mas tentamos sempre dividir a comida, mesmo tendo muito pouca para todo mundo. O problema mesmo é o 3Souza, que é outro guloso, além de um tarado, por conta de ser gordo, ele demanda mais comida do que o normal, o que acaba colocando

a mim e ao macaco em uma situação desfavorável, porque nós sempre acabamos comendo menos do que aquele balofo. Ele sempre pega metade das porções para ele e acaba deixando a outra porção para eu dividir com o Mauricio...

Sabe, eu estaria em uma condição melhor se também aquele governador imbecil tivesse dado a taxa de comida para o Gus. Na Eurásia tudo era tranquilo, sabe, tínhamos uma boa economia, uma boa agricultura, boas colheitas, mas o que colocava a nação para baixo era o governador, Arman Rodrg, um alemão que conseguiu entrar no poder por conta de suas promessas. Prometia que iria levar a nação a um futuro melhor, salvaria os pobres e daria um trabalho para toda a nação. O que acabou acontecendo não foi isso, ele acabou por roubar o dinheiro do povo depois de investir em uma empresa que prometia uma tecnologia de primeira linha, mas que acabou falindo rapidamente, a LDVS. Depois disto, o governador ficou sabendo deste desastre sobre o apocalipse da fome e quando chegou a vez da nossa nação dar a quantia de comida a Gus, o Arman Rodrg recusou e declarou guerra a Gus. Isso realmente não foi uma boa ideia, em três dias, metade da nação já tinha sido destruída, muitos cidadãos foram comidos e ele não deixou sobrar praticamente ninguém, mas eu consegui dar um jeito de escapar por uma floresta, onde eu brincava muito na minha infância, então já tinha familiaridade. Com isso, consegui levar meu macaco para longe, e nós somos os únicos sobreviventes da nossa cidade...

E aqui estamos, depois de achar 3Souza no caminho, acabou que partilhávamos do mesmo objetivo, chegar a um abrigo chamado de NDB, ou Nação dos Barcos. O que sabiam até agora sobre a anomalia Gus era que sua fraqueza era água, ele se dissolvia na água, então o oceano era como o seu inimigo natural. Precisávamos chegar a este oceano, lá tinha em média 200 mil barcos, cada um abrigando várias famílias, tinha muito alimento e tinha também um comandante brilhante gerenciando o NDB, Adamastor Sancho, considerado o melhor governador que o Estados Unidos já tiveram, e que conseguiu evacuar todo o país para esta nação, além de induzir todas as outras nações do mundo a se juntarem ao movimento NDB, juntando mais de 200 mil barcos e muito recurso vindo de todos estes países. Mas a nossa principal missão era comer, já que não comíamos direito havia 2 meses.

Nós já estávamos perto do mar, faltavam apenas uns 2 dias de caminhada até chegar lá, o grande problema é que a cada lugar que passávamos menos comida tinha, menor era a nossa esperança de chegar ao mar. Dormimos mais um dia com muita fome, mas neste dia, um milagre aconteceu, nós conseguimos achar um depósito que tinha realmente uma grande quantidade de comida, então nós aproveitamos e comemos bastante. Mas então, até o que parecia ser um milagre se tornou um completo pesadelo, já que o gigante nuclear conseguiu farejar a comida a quilômetros de distância. Começamos a correr desesperadamente, como se não houvesse amanhã, aquele gigante tinha mais de 100 metros, e sabíamos que depois de comer a comida do depósito, nós seríamos os alvos dele...

Após 12 horas correndo sem parar, sem nenhum descanso, estávamos praticamente mortos, mas já dava para ver o oceano... Era tão lindo, eu estava tão feliz, nós estávamos quase no nosso objetivo... Achávamos que tínhamos despistado o Gus, mas pelo nosso azar, 3Souza tinha guardado um pouco de comida para comer "mais tarde", que erro grosseiro... O pesadelo tinha voltado, e estava ainda mais perto desta vez, corríamos desesperadamente, era uma situação de vida ou morte! Então olhei para o lado mas o 3Souza não estava mais lá, DROGA, aquele monstro o tinha comido, droga, guitarrista, por que tinha que ser tão guloso? Por conta disso quase nos matou, mas acho que isto foi um sacrifício, ele se sacrificou por mim e por Mauro... Pela minha sorte, quando fui reparar, já estava nas areias da praia... Eu consegui, cheguei ao mar, mas estou morto de cansaço, não acho que vou resistir...

Relatório da patrulha de número 98 da NDB

"Estávamos fazendo a patrulha, como ocorre diariamente, quando acabamos encontrando dois corpos no mar, um de um homem, quase morto e muito magro, e de um macaco, os dois estão em um estado crítico, cheios de feridas pelo corpo. Pegamos os dois e estamos a caminho da unidade 3 da NDB.

Assinado: Comandante Guar".



# O homem que era feio por fora e não muito bonito por dentro

*Fernando Nassar*

Em uma bela manhã de domingo, um homem chamado João Cleber, com 43 anos, por volta das 7 horas da manhã, resolveu ir da sua casa até o parque caminhar como fazia todas as manhãs. Mas diferentemente dos outros dias, ele não foi a pé, resolveu pegar o ônibus, pois não tinha carro e estava muito cansado. Percebeu que logo quando chegou ao ponto, todos se afastaram dele, mas ele não se importou, achou que havia sido alguma outra coisa. O homem ficou à espera do ônibus durante 15 minutos, até que chegou seu ônibus e o homem foi entrando, porém, percebeu que dentro do mesmo as pessoas também estavam se afastando dele. Ele começou a se perguntar se ele era muito feio, começou a perceber que tinha um nariz enorme e empinado, olhos levemente puxados, um rosto quadrado com um queixo fino, enfim, o homem era um desastre natural, uma aberração da natureza, ELE ERA HORRÍVEL.

João ficou muito chateado quando percebeu aquilo, pois na escola, quando era pequeno, as pessoas faziam a mesma coisa e ele nunca tinha entendido o porquê, mas não tinha o que fazer, ele já estava dentro do ônibus, com todos olhando estranho para ele e não tinha como voltar, então resolveu ir até o parque mesmo.

Chegando lá, tentou achar caminhos onde não andava muita gente e, caminhando, triste e sozinho, ficou pensando o que ele poderia fazer para melhorar aquilo, aquele rosto estranho que ele tinha. Pensou em várias alternativas, mas quase todas elas envolviam plásticas faciais. Com isso, João também corria risco

de ficar mais feio ainda. Mas tudo bem, ele não estava nem aí, então pegou seu celular e resolveu ligar ao cirurgião plástico que um dia sua avó havia indicado a ele e que 5 meses antes havia feito em João uma lipoaspiração. O celular chamou, chamou e chamou, até que o doutor chamado Dr. Silvío atendeu:

— Olá Dr. Silvío, como vai o senhor?

— Fala João, estou bem e você?

— Então doutor, não estou muito bem não, eu descobri que sou muito feio, e por isso ninguém quer ficar perto de mim. Isso está acabando comigo, então queria saber se o senhor conseguiria resolver alguma coisa com algumas plásticas, já que o senhor sabe como sou e me viu 5 meses atrás, já deve ter alguma ideia do que fazer, né!?

— Então João, no seu caso não tem muita solução meu amigo, só se você comprar uma mascarada do Brad Pitt e colar aí nesse seu rosto, me desculpe mas não posso fazer nada, tchau!

— Desgraçado, aquele velho desligou na minha cara e falou que eu não tenho solução, filho da p\*t@!!

Enraivecido, João teve outra ideia. Pensou que, se não tinha como mudar seu rosto para melhor, ele poderia melhorar sua autoestima, então, teve a brilhante ideia de tentar achar um coach. Pensou que como essa história de coach estava em alta no momento, poderia funcionar. Então o homem, desesperado por ajuda, ligou e perguntou para todos que conhecia se alguém tinha um coach para indicar, até que alguém mandou o contato de uma mulher que se chamava Paula e disseram a ele que era muito boa. Ele ligou para ela. O celular quase nem tocou e ela logo atendeu!

— Alô!

— Oi, meu nome é João, gostaria de falar com a Paula!

— Olá, sou eu mesma!

— Então Paula, eu peguei o seu contato com um amigo meu que disse já ter feito sessões com você, o nome dele é Lucas!

— Aaaa sim, ele me avisou que você ligaria, como posso ajudar?

— Então, o problema é que eu sou muito feio, as pessoas fogem o tempo todo de mim e eu não sei mais o que fazer!

— Então João, seja forte, confiante, você é um homem e não um saco de batata, eu acredito em você e no seu potencial, sei que você vai conseguir passar por isso!

— Mas como você tem tanta certeza disso Paula?

— Não posso falar, mas estou te afirmando que você consegue, você é um bom homem!

— Não acho que consigo, eu sou horrível e ninguém me quer!

— Então se encaixa no padrão de hoje, comece a usar roupas descoladas, a falar usando gírias, seja igual todo mundo que as pessoas vão começar a te aceitar, todo mundo está fazendo isso hoje em dia, faça você também!

– Não sei, isso não me parece legal e sei que não vou conseguir!  
– Ok então, me passa seu WhatsApp para conversarmos, qual é o número?  
– Meu WhatsApp é esse número que estou falando!!  
– Ata João, que bom, era tudo mentira, não ouse me mandar mensagem ou ligar de novo, vou te mandar uma mensagem com meus dados e o valor da consulta e espero que deposite até amanhã, você não é forte, é um fraco que não acredita em si mesmo e nem na mentira dos outros, você é HORRÍVEL e não tem solução pra isso que você tem, obrigado por me ligar e me dar dinheiro e até nunca mais!

PIPIPIPI, foram os 4 piores Pis que João ouviu em toda sua vida. O som do celular desligando em sua cara pela segunda vez e tendo que aceitar que era feio e não tinha solução!...

João chegou em casa e chorou, chorou até acabarem as lágrimas, mas realmente não tinha muito o que fazer, o coitado era feio demais, feio de doer!



# CONTOS

2<sup>a</sup> série – Ensino Médio